

PAULA CRISTINA DA COSTA PEREZ TAVARES DIAS.

**MEMÓRIAS DE UM CENTRO CULTURAL:
CASA DE CULTURA LAURA ALVIM.**



Rio de Janeiro

2015

PAULA CRISTINA DA COSTA PEREZ TAVARES DIAS

**MEMÓRIAS DE UM CENTRO CULTURAL
CASA DE CULTURA LAURA ALVIM.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Linha: Memória e Patrimônio

Orientadora: Prof^a. Dr^a Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu

Rio de Janeiro

2015

D541m

Dias, Paula Cristina da Costa Perez Tavares.

Memórias de um centro cultural : Casa de Cultura Laura Alvim / Paula Cristina da Costa Perez Tavares Dias. - 2015.

208 f. : il. (algumas color.) ; 30 cm + 1 CD-Rom.

Orientador: Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu.

Dissertação (Mestrado)—Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Referências: f. 175-193.

Anexos: f. 194-208.

1. Centro cultural. 2. Memória. 3. Casa de Cultura Laura Alvim. 4. Laura Alvim. I. Abreu, Regina Maria do Rego Monteiro de. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 068.8153

PAULA CRISTINA DA COSTA PEREZ TAVARES DIAS

**MEMÓRIAS DE UM CENTRO CULTURAL:
CASA DE CULTURA LAURA ALVIM.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof^o. Dr. Bruno César Brulon Soares
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof^a. Dr^a. Marília Xavier Cury
Universidade de São Paulo (USP)

Prof^a. Dr^a. Renata Ribeiro Gomes de Queiroz Soares (Suplente)
Instituição: Instituto Federal Fluminense (IFF)

Dedico este trabalho a mamady, pelo amor incondicional e por sempre, absolutamente sempre, estar presente nem que seja em orações, amo você. À minha irmã, que tem aquele dom de ficar feliz pelas conquistas dos outros. À Tia Nara e minha avó que com certeza estão vibrando lá no céu. Vocês quatro são meus maiores exemplos.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à minha orientadora Regina Abreu, lógico! Muito bom trocar ideia com você.

Aos professores da banca pela paciência e pelas dicas.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Memória Social e aos amigos, em especial a Kelly, pelas dicas, ajudas e parceria, sem você não teria graça. Partiu Quilombola!

A todos da FUNARJ e da Casa de Cultura Laura Alvim que foram sensacionais em colaborar.

À Camila Amado, Sérgio Pereira da Silva, Carlos Mano, Ney Suassuna, Edna Timbó, Eduardo Wotzik, Eliana Caruso, Susanna Kruger, Fernanda Montenegro e aos sobrinhos de Laura Alvim pelas entrevistadas concedidas, dividindo suas memórias, lembranças, histórias e causos. Conversar com vocês foi, sem dúvida, a parte mais prazerosa deste trabalho.

A todos que me cederam suas imagens, postagens e lembranças, seria impossível nomear cada um de vocês. Muito Obrigada!

Aos meus pais (Paulo e Teresa), lindos, parceiros e sensacionais, junto a eles meus irmãos (Vinha e P.) por serem insubstituíveis e incondicionais e meus amores maiores: Helena, Pedro, Júlia, Marias Clara, Giovana e Luiza e em especial ao Victor Luiz por ter ajudado nas entrevistas. Ah!! Sem esquecer daqueles que não nascem na mesma família, mas que fazem parte dela de um jeito natural Tathi, Jô (muito obrigada!), Preto e Gisele que, no final das contas, foi a grande incentivadora para eu fazer o mestrado. Essa conquista é nossa!!!

E para fechar, agradeço à Laura Alvim pela eterna inspiração!

A todos o meu muito obrigada!!

**Sonhos são como deuses,
quando não se acreditam neles:
eles deixam de existir.**

(Antônio Cícero)

RESUMO

Este trabalho reflete sobre os centros culturais como locais de preservação de memória tomando como estudo de caso a Casa de Cultura Laura Alvim. Entre os temas focalizados, estão a origem do espaço, sua trajetória e as ações culturais nele realizadas. O trabalho busca ainda detalhar as diversas memórias que envolvem a trajetória de Laura Alvim, idealizadora do espaço, bem como traçar as memórias que a Casa de Cultura Laura Alvim desperta em seus visitantes, frequentadores e colaboradores, num processo permanente de colecionamento de memórias.

Palavras-chave: Centro Cultural/ Memória/ Casa de Cultura Laura Alvim/ Laura Alvim.

ABSTRACT

This work examines cultural centres as places of memory preservation, taking as a study of case the Culture House of Laura Alvim. Among the themes focused on are the origin of space and cultural actions performed on it. The work also seeks to detail the many memories involving Laura Alvim as creator of this space and trace the memories that the Culture House Laura Alvim awakens in its visitors, patrons and employees as well as part of a permanent process of memory collection.

Key-words: Cultural Centre/ Memory/ Culture House of Laura Alvim/ Laura Alvim.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	<i>Ipanema em 1910.....</i>	33
Imagem 2	<i>Casa da família Alvim nos anos 20.....</i>	34
Imagem 3	<i>Laura Alvim.....</i>	35
Imagem 4	<i>Álvaro Alvim.....</i>	48
Imagem 5	<i>Álvaro Alvim, Lauro Sodré Filho, Eurico Dias e Laurazinha.....</i>	49
Imagem 6	<i>Álvaro trabalhando.....</i>	50
Imagem 7	<i>Álvaro recebendo Medalha Humanitária.....</i>	51
Imagem 8	<i>Selo comemorativo.....</i>	52
Imagem 9	<i>Ângelo Agostini.....</i>	53
Imagem 10	<i>O cemitério da Consolação no dia de finados.....</i>	55
Imagem 11	<i>Edição nº 1 da Revista Ilustrada.....</i>	57
Imagem 12	<i>Capa da edição de 18 de maio de 1888 da Revista Ilustrada.....</i>	58
Imagem 13	<i>Página 2 da edição de 18 de maio de 1888 da Revista Ilustrada.....</i>	58
Imagem 14	<i>Desenho de Agostini que denuncia atrocidades contra os escravos publicada na Revista Ilustrada nº 427.....</i>	58
Imagem 15	<i>Imperador retratado como desligado do mundo. Revista Ilustrada nº 450 em fevereiro de 1887.....</i>	58
Imagem 16	<i>Narrativa feita com o logotipo do Dom Quixote.....</i>	61
Imagem 17	<i>Sala de cinema.....</i>	70
Imagem 18	<i>Imagens do Museu de Laura.....</i>	71
Imagem 19	<i>Escultura de anjos.....</i>	71
Imagem 20	<i>Imagens das obras realizadas para inauguração da CCLA.....</i>	72
Imagem 21	<i>Franz Weissman.....</i>	72
Imagem 22	<i>Darcy Ribeiro e Sérgio Pereira da Silva.....</i>	74
Imagem 23	<i>Inauguração do Teatro Laura Alvim - Sérgio Brito.....</i>	74
Imagem 24	<i>Inauguração do Teatro Laura Alvim - Ítalo Rossi.....</i>	74
Imagem 25	<i>Neuza Brizola, Darcy Ribeiro e Sergio Pereira.....</i>	74
Imagem 26	<i>Festa de inauguração.....</i>	74
Imagem 27	<i>Rio Jazz Orquestra.....</i>	74
Imagem 28	<i>Mariana Alvim, Darcy Ribeiro e Neuza Brizola.....</i>	74
Imagem 29	<i>Nathalia Timberg.....</i>	74

Imagem 30	<i>Walmor Chagas, Mariana Alvim e Fernanda Montenegro.....</i>	74
Imagem 31	<i>Convite para peça Katastrophé.....</i>	77
Imagem 32	<i>Sala Laurazinha.....</i>	78
Imagem 33	<i>Teatro Laura Alvim.....</i>	81
Imagem 34	<i>Poltronas do cinema Laura Alvim.....</i>	84
Imagem 35	<i>Arcadas Stella Marinho.....</i>	85
Imagem 36	<i>Programação visual da CCLA.....</i>	86
Imagem 37	<i>Sala Álvaro Alvim.....</i>	87
Imagem 38	<i>Quarto Laura.....</i>	87
Imagem 39	<i>Banheiro Rosa.....</i>	87
Imagem 40	<i>Susanna Kruger interpretando Laura.....</i>	87
Imagem 41	<i>Charge de Jaguar.....</i>	91
Imagem 42	<i>Vista da Casa de Cultura Laura Alvim.....</i>	93
Imagem 43	<i>Marca do XIX Salão Carioca de Humor.....</i>	105
Imagem 44	<i>Marca da livraria.....</i>	105
Imagem 45	<i>Ensaio Fotográfico realizado pelo blog Èvra.....</i>	105
Imagem 46	<i>Casa da família Alvim nos anos 1920.....</i>	111
Imagem 47	<i>Casa da família nos anos 50.....</i>	111
Imagem 48	<i>CCLA após ser doada à FUNARJ.....</i>	111
Imagem 49	<i>CCLA no dia da inauguração.....</i>	111
Imagem 50	<i>CCLA em 1987.....</i>	111
Imagem 51	<i>Casa de Cultura nos anos 1990.....</i>	111
Imagem 52	<i>Casa de Cultura nos anos 2000.....</i>	112
Imagem 53	<i>CCLA entre 2007 e 2009.....</i>	112
Imagem 54	<i>Fachada CCLA em 2011.....</i>	112
Imagem 55	<i>Fachada CCLA em 2015.....</i>	112
Imagem 56	<i>Detalhes da arquitetura da casa.....</i>	112
Imagem 57	<i>Vista da CCLA.....</i>	112
Imagem 58	<i>Corredor de acesso as arcadas.....</i>	113
Imagem 59	<i>Entrada sala de vídeo.....</i>	113
Imagem 60	<i>Entrada CCLA em 2010.....</i>	113
Imagem 61	<i>Entrada CCLA.....</i>	113
Imagem 62	<i>Espaço interno da casa.....</i>	113

Imagem 63	<i>Arcadas no dia da inauguração.....</i>	113
Imagem 64	<i>Arcadas anos 90.....</i>	113
Imagem 65	<i>Parte da frente da casa antes da inauguração.....</i>	113
Imagem 66	<i>Varanda galeria.....</i>	113
Imagem 67	<i>Arcadas anos 1980.....</i>	113
Imagem 68	<i>Parte interna das arcadas.....</i>	114
Imagem 69	<i>Aniversário de um ano CCLA.....</i>	114
Imagem 70	<i>Arcadas.....</i>	114
Imagem 71	<i>Detalhes da arquitetura das arcadas.....</i>	114
Imagem 72	<i>Varanda do teatro.....</i>	114
Imagem 73	<i>Janela do museu.....</i>	114
Imagem 74	<i>Sino.....</i>	114
Imagem 75	<i>Detalhes arquitetura.....</i>	114
Imagem 76	<i>Arcadas em 2014.....</i>	114
Imagem 77	<i>Arcadas em 2009.....</i>	114
Imagem 78	<i>Parte interna arcadas.....</i>	114
Imagem 79	<i>Galeria anos 1980.....</i>	115
Imagem 80	<i>Galeria anos 2010.....</i>	115
Imagem 81	<i>Teatro antes da inauguração.....</i>	115
Imagem 82	<i>Teatro anos 2010.....</i>	115
Imagem 83	<i>Detalhe do Vitral.....</i>	115
Imagem 84	<i>Detalhe escada interna.....</i>	115
Imagem 85	<i>Escada interna.....</i>	115
Imagem 86	<i>Vitral.....</i>	115
Imagem 87	<i>Sala do museu em 2015.....</i>	115
Imagem 88	<i>Sala do museu em 2015.....</i>	115
Imagem 89	<i>Vista do museu.....</i>	116
Imagem 90	<i>Sala do museu em 2015.....</i>	116
Imagem 91	<i>Imagens do banheiro rosa de Laura em 2015.....</i>	116
Imagem 92	<i>Closet de Laura em 2015.....</i>	116
Imagem 93	<i>Quarto de Laura em 2015.....</i>	116
Imagem 94	<i>Varanda da casa em 1986.....</i>	116
Imagem 95	<i>Vista da varanda da casa em 2015.....</i>	116

Imagem 96	<i>Convite da exposição solo de Zed Poin Poin.....</i>	117
Imagem 97	<i>Catálogo da expo de Molina Rapp.....</i>	117
Imagem 98	<i>Catálogo da expo de Molina Rapp.....</i>	117
Imagem 99	<i>Catálogo da expo de Molina Rapp.....</i>	117
Imagem 100	<i>Convite da exposição Arpoador 2000 de Pablo Di Giulio.....</i>	117
Imagem 101	<i>Folder da Exposição de Rui Paulo Cruz.....</i>	117
Imagem 102	<i>Expo Dercy Gonçalves.....</i>	118
Imagem 103	<i>Expo Mostra Sonhos Velados.....</i>	118
Imagem 104	<i>Expo Turdus de Ângelo Venosa.....</i>	118
Imagem 105	<i>Expo Nuvem de Laura Lima.....</i>	118
Imagem 106	<i>Expo de Janaína Tschape.....</i>	118
Imagem 107	<i>Expo ruído de Luiz Zerbini.....</i>	118
Imagem 108	<i>José Damasceno.....</i>	118
Imagem 109	<i>Expo Quando a gente para o mundo roda de Ernesto Neto.....</i>	119
Imagem 110	<i>Expo Cartoon de Ana Linnemann.....</i>	119
Imagem 111	<i>Expo dos artistas Marcos Chaves, Ana Linnemann, Cadu, Ronald Carvalho e Carlito Carvalhosa.....</i>	119
Imagem 112	<i>Projeto Cisco de Ricardo Becker.....</i>	120
Imagem 113	<i>Projeto Cisco de Ricardo Becker.....</i>	120
Imagem 114	<i>Expo coletiva de Ricardo Becker, Franklin Martins, Franz Manata & Saulo Laudares, Fernanda Gomes e Marta Jourdan.....</i>	120
Imagem 115	<i>Expo de Carlito Carvalhosa.....</i>	120
Imagem 116	<i>Expo Fernanda Gomes.....</i>	120
Imagem 117	<i>Expo Fernanda Gomes.....</i>	121
Imagem 118	<i>Expo de Marta Jourdan.....</i>	121
Imagem 119	<i>Expo Umas e Outras de Leonora Bastos.....</i>	122
Imagem 120	<i>Expo Poemas Pendurados de Rosana Ricalde.....</i>	122
Imagem 121	<i>Expo Sonar de Floriano Romano.....</i>	123
Imagem 122	<i>Expo Águas Furtadas de Laura Erber.....</i>	123
Imagem 123	<i>Expo Pouco a pouco Marilá Dardot.....</i>	123
Imagem 124	<i>Expo nbp - etc - escolher linhas de repetição de Ricardo Basbaum..</i>	124
Imagem 125	<i>Exposição Clepsidra de Malu Fatorelli.....</i>	124
Imagem 126	<i>Cena do espetáculo Katastrophé.....</i>	125

Imagem 127	<i>Tônia Carrero em Quartett</i>	125
Imagem 128	<i>Pôster de A Casa de Bernarda Alba</i>	125
Imagem 129	<i>Programa de Uma peça por outra encenada</i>	125
Imagem 130	<i>Cena da peça João e Maria</i>	125
Imagem 131	<i>O homem que sabia javanês</i>	125
Imagem 132	<i>Peça Palhaçadas encenada</i>	125
Imagem 133	<i>Momentos encenada por Camila Amado</i>	125
Imagem 134	<i>As grades da cidade</i>	126
Imagem 135	<i>A Geração Trianon</i>	126
Imagem 136	<i>Dois idiotas sentados cada qual em seu barril</i>	126
Imagem 137	<i>Pôster da peça O Ovo de Colombo</i>	126
Imagem 138	<i>Convite da peça Os Cegos</i>	126
Imagem 139	<i>Folder de O Equívoco</i>	126
Imagem 140	<i>Convite de Ópera Joyce</i>	126
Imagem 141	<i>Nos tempos da opereta</i>	126
Imagem 142	<i>Brasileiras e Brasileiros</i>	126
Imagem 143	<i>Pôster de O moço que casou com a mulher Braba</i>	127
Imagem 144	<i>Programa da peça Quadrante</i>	127
Imagem 145	<i>Programa da peça Machado Em Cena</i>	127
Imagem 146	<i>Folder de Notícias Silenciosas</i>	127
Imagem 147	<i>Ingresso da peça Quadrante</i>	127
Imagem 148	<i>Ingresso de Notícias Silenciosas</i>	127
Imagem 149	<i>As Idades do Homem</i>	127
Imagem 150	<i>A Promessa</i>	127
Imagem 151	<i>Pôster da peça Olho no escuro</i>	127
Imagem 152	<i>Confissões de adolescentes</i>	127
Imagem 153	<i>O homem não deu certo, mamãe</i>	127
Imagem 154	<i>Ofélia by Hamlet</i>	127
Imagem 155	<i>Orquestra Brasileira de Sapateado</i>	128
Imagem 156	<i>Pôster Ai quem me dera uma estação de amor</i>	128
Imagem 157	<i>O baile</i>	128
Imagem 158	<i>Troia</i>	128
Imagem 159	<i>Pôster 500 anos - um fax de Denise Stoklos para Cristovão</i>	

	<i>Colombo</i>	128
Imagem 160	<i>Nasci para Bailar</i>	128
Imagem 161	<i>Pôster Acerto de contas</i>	128
Imagem 162	<i>Pôster Dorotéia - Uma farsa irresponsável</i>	128
Imagem 163	<i>Pôster O Contrabaixo</i>	128
Imagem 164	<i>Romeu e Izolda</i>	129
Imagem 165	<i>A Bossinha Nova</i>	129
Imagem 166	<i>Sonhos Shakesprianos</i>	129
Imagem 167	<i>Convite Médea</i>	129
Imagem 168	<i>Convite de Seria trágico... se não fosse cômico</i>	129
Imagem 169	<i>Convite da peça Decote</i>	129
Imagem 170	<i>Convite da peça Cafundó</i>	129
Imagem 171	<i>Convite da peça A bossa da conquista</i>	129
Imagem 172	<i>Programa da peça Papagueno</i>	129
Imagem 173	<i>Cena da peça Papagueno</i>	129
Imagem 174	<i>Catalogo de Pum! Uma Opereta Romântica</i>	130
Imagem 175	<i>Convite de Coração Mamulengo</i>	130
Imagem 176	<i>Catálogo da peça A Rainha da Beleza de Leenane</i>	130
Imagem 177	<i>Catálogo de Nelson</i>	130
Imagem 178	<i>Convite da peça ppp@WillmShkspr.br*</i>	130
Imagem 179	<i>Nijinsky - Divino Bufão</i>	130
Imagem 180	<i>Cartaz de Maquinária</i>	130
Imagem 181	<i>Flyer de Dorotéia: uma farsa irresponsável</i>	130
Imagem 182	<i>O cavalinho Azul</i>	131
Imagem 183	<i>Pôster da peça Êxtase</i>	131
Imagem 184	<i>Pôster da peça Novas Diretrizes em Tempos de Paz</i>	131
Imagem 185	<i>Pôster da peça 2 em 1</i>	131
Imagem 186	<i>Brinquedos cantados</i>	131
Imagem 187	<i>As artimanhas de Scapino</i>	131
Imagem 188	<i>Presiganga</i>	131
Imagem 189	<i>Presença de Guedes</i>	131
Imagem 190	<i>Divulgação da peça Amor! Coragem! Compaixão!</i>	132
Imagem 191	<i>Romeu e Isolda</i>	132

Imagem 192	<i>Catálogo da peça Enfim, nós.....</i>	132
Imagem 193	<i>Convite História de Amor.....</i>	132
Imagem 194	<i>Convite da peça Safári terapêutico.....</i>	132
Imagem 195	<i>Pôster de Um longo sonho do futuro.....</i>	132
Imagem 196	<i>Pôster da peça Pintando o sete.....</i>	132
Imagem 197	<i>Flyer da peça A Mulher Desiludida.....</i>	132
Imagem 198	<i>Convite da peça A Força do Destino.....</i>	133
Imagem 199	<i>Pôster Comédia em Pé.....</i>	133
Imagem 200	<i>Convite de Todos os humores do mundo.....</i>	133
Imagem 201	<i>Catálogo da peça Salada Show.....</i>	133
Imagem 202	<i>Convite O mundo dos esquecidos.....</i>	133
Imagem 203	<i>Catálogo de Um cão cheio de ideias.....</i>	133
Imagem 204	<i>Convite do espetáculo Anticlássico.....</i>	133
Imagem 205	<i>Casa de Laura.....</i>	134
Imagem 206	<i>Mamãe como eu nasci.....</i>	134
Imagem 207	<i>Cia Atores de Laura.....</i>	134
Imagem 208	<i>Cena da peça Dirigir-se aos homens.....</i>	134
Imagem 209	<i>Convite da peça Conversa Proibida.....</i>	134
Imagem 210	<i>Levitador Interplanetário Xereta Orbital.....</i>	134
Imagem 211	<i>Convite da peça Morte.....</i>	134
Imagem 212	<i>Pôster 7 vidas.....</i>	134
Imagem 213	<i>Pôster de Perdoa-me por me traíres.....</i>	134
Imagem 214	<i>Pôster da peça Relações Perigosas.....</i>	135
Imagem 215	<i>Pôster Facínora.....</i>	135
Imagem 216	<i>Flyer da peça Loucura.....</i>	135
Imagem 217	<i>Cena da peça Obituário Ideal.....</i>	135
Imagem 218	<i>Cena da peça O homem travesseiro.....</i>	135
Imagem 219	<i>Convite Mãos na Luva.....</i>	135
Imagem 220	<i>O céu está vazio.....</i>	135
Imagem 221	<i>Ficções.....</i>	135
Imagem 222	<i>Cena da peça o casamento.....</i>	135
Imagem 223	<i>Cena da peça Decote.....</i>	135
Imagem 224	<i>Pôster de Oréstia.....</i>	135

Imagem 225	<i>Convite de Casamentos e precipícios.....</i>	136
Imagem 226	<i>Pôster Navalha da carne.....</i>	136
Imagem 227	<i>Pôster da peça Quebra-ossos.....</i>	136
Imagem 228	<i>Convite de Barco de papel.....</i>	136
Imagem 229	<i>Divulgação de O que você gostaria que ficasse.....</i>	136
Imagem 230	<i>Cena da peça 1958 A Bossa do Mundo é nossa.....</i>	136
Imagem 231	<i>Fábrica de Chocolate.....</i>	136
Imagem 232	<i>Pôster de Ivan e os cachorros.....</i>	136
Imagem 233	<i>Bette Davis e a máquina de coca-cola.....</i>	136
Imagem 234	<i>LaborAtoria.....</i>	136
Imagem 235	<i>Os Sapos.....</i>	136
Imagem 236	<i>Clementina, cadê você?.....</i>	137
Imagem 237	<i>Pôster de Beatriz.....</i>	137
Imagem 238	<i>Ah! A humanidade! E outras boas intenções.....</i>	137
Imagem 239	<i>A Porta da Frente.....</i>	137
Imagem 240	<i>Boca Molhada de Paixão Calada.....</i>	137
Imagem 241	<i>A Estufa.....</i>	137
Imagem 242	<i>As Bodas de Fígaro.....</i>	137
Imagem 243	<i>a Dama de Ferro.....</i>	137
Imagem 244	<i>Morde!.....</i>	137
Imagem 245	<i>Como é cruel viver assim.....</i>	137
Imagem 246	<i>Fish&Chips.....</i>	137
Imagem 247	<i>Jazz do Coração.....</i>	137
Imagem 248	<i>Pessoalmente Fernando.....</i>	137
Imagem 249	<i>Zé Trindade a última chanchada.....</i>	137
Imagem 250	<i>Exposição Darcílio Lima.....</i>	138
Imagem 251	<i>Abertura solene Perto de Clarice.....</i>	138
Imagem 252	<i>Lançamento do livro A História da Impressão no Brasil.....</i>	138
Imagem 253	<i>Lançamento livro de Tônia Carrero com Edmundo Muniz e Sérgio Brito.....</i>	138
Imagem 254	<i>Exposição Oleiros do Nordeste.....</i>	138
Imagem 255	<i>Orquestra de sax.....</i>	138
Imagem 256	<i>Júri do 1º Salão Carioca de Humor.....</i>	139

Imagem 257	<i>1º Salão Carioca de Humor.....</i>	139
Imagem 258	<i>1º Salão Carioca de Humor.....</i>	139
Imagem 259	<i>Lançamento do Livro "Migo" - Darcy e Stela.....</i>	139
Imagem 260	<i>Instalação da expo Gerações Esculturas.....</i>	139
Imagem 261	<i>Equipe do II Salão Carioca de Humor.....</i>	139
Imagem 262	<i>Evento de 200 anos da Revolução Francesa.....</i>	139
Imagem 263	<i>Quinteto vocal.....</i>	139
Imagem 264	<i>Convite para Bicentenário da revolução Francesa.....</i>	139
Imagem 265	<i>Revisitando Torquato.....</i>	140
Imagem 266	<i>Expo Alternative.....</i>	140
Imagem 267	<i>Festival Karen Blixen.....</i>	140
Imagem 268	<i>Diretoria e Júri do 3º Salão Carioca de Humor.....</i>	140
Imagem 269	<i>VI Fórum Nacional de Secretário de Estado de Cultura.....</i>	140
Imagem 270	<i>Lançamento Livro Orixás.....</i>	140
Imagem 271	<i>Regulamento IV Concurso Nacional de Dramaturgia.....</i>	140
Imagem 272	<i>Evento Espiral 20 – Méritos e Conquistas da Ciência Hoje.....</i>	140
Imagem 273	<i>Flyer XVIII Salão Carioca de Humor.....</i>	140
Imagem 274	<i>Lançamento do curta Miragem em Abismo.....</i>	141
Imagem 275	<i>Performance Marcha dos Abajures Indignados.....</i>	141
Imagem 276	<i>Noite de autógrafos com Fábio Moon e Gabriel Bá - Antologia 5.....</i>	141
Imagem 277	<i>XIX Salão Carioca de Humor.....</i>	141
Imagem 278	<i>Lançamento Livro Idea Fixa's great Est Hilts.....</i>	141
Imagem 279	<i>Lançamento do livro Contentes em ler cineastas.....</i>	141
Imagem 280	<i>Pré-estreia documentário Sou mulher, Sou brasileira, Sou lésbica....</i>	141
Imagem 281	<i>Lançamento do livro Mestre do seu ofício.....</i>	141
Imagem 282	<i>II ciclo do projeto Negro Olhar.....</i>	141
Imagem 283	<i>Seminário de Cultura Digital.....</i>	141
Imagem 284	<i>Livro Princesa das Areias.....</i>	142
Imagem 285	<i>Convite lançamento Vertentes.....</i>	142
Imagem 286	<i>Lançamento do livro Em Busca de um Teatro Musical Carioca.....</i>	142
Imagem 287	<i>9º Prêmio Arco-Íris de Direitos.....</i>	142
Imagem 288	<i>Projeto Auto-retrato Laura di Vison – 2ª edição.....</i>	142
Imagem 289	<i>17ª edição do Festival de Teatro do Rio.....</i>	142

Imagem 290	<i>Apresentação dos Editais de Cultura.....</i>	142
Imagem 291	<i>XVIII Festival Carioca de Teatro - Cordel do amor sem fim.....</i>	142
Imagem 292	<i>Grande Festival Martins Pena de Teatro Amador.....</i>	143
Imagem 293	<i>Evento Transperformance – Dupla Los Torreznos.....</i>	143
Imagem 294	<i>Mostra Atores de Laura 20 anos.....</i>	143
Imagem 295	<i>VI Mostra Estudantil de Teatro.....</i>	143
Imagem 296	<i>Entrega do 13º Prêmio Arco Iris de Direitos Humanos.....</i>	143
Imagem 297	<i>Grupo Afro-Mangue.....</i>	143
Imagem 298	<i>Encontro de Produtores Culturais do Estado.....</i>	143
Imagem 299	<i>Leitura do texto Ódio.....</i>	144
Imagem 300	<i>Leitura do livro Amei um Pitboy.....</i>	144
Imagem 301	<i> Lançamento do livro Emoção Atlântica.....</i>	144
Imagem 302	<i> Lançamento do Livro Esperança sem fim.....</i>	144
Imagem 303	<i> Lançamento do Primeiro (e talvez o último) almanaque à mão das Toniquices do Pereira.....</i>	144
Imagem 304	<i> Lançamento do Livro O Ego da Girafa.....</i>	144
Imagem 305	<i> Lançamento Livros reflexões refletidas.....</i>	144
Imagem 306	<i> Lançamento do Livro Geografia Social do Esportes.....</i>	144
Imagem 307	<i> Entrega de prêmio MHuD.....</i>	144
Imagem 308	<i> Lançamento do Livro Regente Plutão.....</i>	144
Imagem 309	<i> Lançamento do livro Abandono Afetivo.....</i>	144
Imagem 310	<i> Prêmio João Canuto.....</i>	144
Imagem 311	<i> Lançamento do disco de Beto Saroldi.....</i>	144
Imagem 312	<i> Pré-estreia de Áudio Retrato.....</i>	144
Imagem 313	<i> Encontro Políticas de Leitura.....</i>	145
Imagem 314	<i> Ingresso Festival Nova Música.....</i>	145
Imagem 315	<i> Lançamento Revista Grão.....</i>	145
Imagem 316	<i> Mesa-redonda Projeto Cofre.....</i>	145
Imagem 317	<i> Festival Nova Música La Vereda.....</i>	145
Imagem 318	<i> Show O passado é um fósforo queimado.....</i>	145
Imagem 319	<i> Lançamento do Projeto Sérgio Britto Memórias.....</i>	145
Imagem 320	<i> Festa Revista O Globo.....</i>	145
Imagem 321	<i> Festa Revista O Globo.....</i>	145

Imagem 322	<i>Mostra Bonequinho Viu.....</i>	145
Imagem 323	<i>Festival Internacional de Teatro da Língua Portuguesa – os improváveis.....</i>	146
Imagem 324	<i>Evento 13 Prêmio Arco-íris de direitos humanos.....</i>	146
Imagem 325	<i>Convite lançamento Musas e Musica.....</i>	146
Imagem 326	<i>Convite Coleção Humberto de Campos.....</i>	146
Imagem 327	<i>Convite lançamento Bíblia - Versão não autorizada.....</i>	146
Imagem 328	<i>Lançamento do livro Em Primeiro de Abril, Brasil.....</i>	146
Imagem 329	<i>Lançamento Norberto e outros amores.....</i>	146
Imagem 330	<i>São Sebastião do Rio de Janeiro - a formação de uma cidade.....</i>	146
Imagem 331	<i>Lançamento de História Social da língua nacional.....</i>	146
Imagem 332	<i>Convite Projeto Música na Varanda.....</i>	146

LISTA DE ABREVIATURAS INSTITUCIONAIS E SÍMBOLOS UTILIZADOS

AACCLA – Associação dos Amigos da Casa de Cultura Laura Alvim

AQC-ESP – Associação de Quadrinistas e Caricaturistas de São Paulo.

CCLA – Casa de Cultura Laura Alvim.

CPCs – Centros Populares de Cultura.

SESAT – Sociedade de Ensino Superior e Assessoria Técnica.

FUNARJ – Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro.

FUNTERJ – Fundação dos Teatros do Estado do Rio de Janeiro

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

Introdução.....	22
1. Essa história começa com uma casa.....	31
1.1. Em algum lugar de Ipanema.....	32
1.2. Laura Alvim apresenta: “O que fazer para realizar um sonho”.....	35
1.3. Por que o Pai e o Avô?.....	48
2. Casa de Cultura Laura Alvim.....	63
2.1. Mais águas que rolaram.....	65
2.2. Obras.....	69
2.3. Estreia!.....	72
2.4. Em alguns anos de funcionamento.....	75
2.5. Vocação de Centro Cultural.....	93
3. Coleção de Memórias.....	102
3.1. Imagens como memórias.....	110
3.2. Outras memórias da mesma história.....	147
3.3. Importância dessa coleção.....	166
4. Considerações finais.....	169
Referências.....	175
Anexos.....	194

INTRODUÇÃO

As discussões do que seriam os Centros Culturais são diversas e bastante ricas, passando por diferentes caminhos e teorias, até mesmo porque não há um consenso conceitual definido sobre o tema. Há estudos que os colocam como evolução das tradicionais bibliotecas, outros como algo que se originou a partir dos tradicionais museus e há, ainda, a ideia de que seriam “instituições” que teriam surgido sem necessariamente representarem o desdobramento de outras formas pré-existentes.

E se determinar a origem dos centros culturais já é uma tarefa complexa, defini-los não é das mais fáceis, devido ao constante uso indiscriminado do termo. Milanesi (1997) cita como exemplo espaços que em determinados lugares é chamado de museu, em outros recebe nome de centro cultural e num terceiro lugar é concebido como biblioteca. E se distinguir centros culturais de museus e bibliotecas já é, em diversas situações, uma missão confusa, se complica ainda mais, uma vez que esses espaços podem ser denominados de diversas maneiras, tais como: casa de cultura, espaço cultural, centro de arte, espaço de memória, entre outros. Ainda podemos citar os institutos e as fundações que, por vezes, exercem as mesmas funções desenvolvidas por um centro cultural.

Teixeira Coelho (1986) afirma que no Brasil os espaços batizados de centro cultural, espaço cultural e casa de cultura possuem características específicas. Espaços culturais, segundo Teixeira Coelho, são os locais mantidos pela iniciativa privada, que tem como foco determinadas atividades culturais e não possuem acervo. Os centros culturais, por sua vez, normalmente são instituições mantidas pelo governo, possuem equipamentos como salas de teatro, cinema, biblioteca e etc., oferecem diversas atividades, todas ao mesmo tempo, e mantêm uma programação constante. Já o termo casa de cultura é usado quando o espaço em questão abriga um pequeno centro cultural, com uma modalidade cultural determinada, podendo possuir espaços para atividades específicas e acervo, pode designar também instituições que divulgam apenas uma modalidade cultural, uma determinada personalidade ou instituições estrangeiras que tem como objetivo promover suas culturas nacionais.

A definição proposta por Teixeira Coelho fornece uma pista. Contudo, ainda assim, é importante ressaltar que mesmo sendo nomeados como centros culturais ou com alguns dos nomes citados, os espaços assim denominados nem sempre terão as características e/ou exercerão as atividades que os definiria como tal. Resumindo, um museu na verdade pode ser um centro cultural, uma casa de cultura ou um espaço cultural e em outros casos, espaços que recebem o nome de casa de cultura, por exemplo, não têm as características que o definiriam como centro cultural. E há ainda o fato que o termo “centro cultural” pode ser usado apenas como um conceito. Exemplos desse uso podem ser observados ao denominarmos alguns museus e bibliotecas como grandes centros de cultura pelas diversas atividades culturais que oferecem.

A concepção, a definição e até mesmo a nomenclatura desses espaços é confusa e a tentativa de descobrir o quê/quem são os centros culturais se complica ainda mais, uma vez que esses se aprimoram e evoluem constantemente.

Neste trabalho usaremos uma definição mais generalizada ao afirmar que os centros culturais, independente de suas origens, têm os mesmos ideais dos museus e bibliotecas, o de democratizar e divulgar a cultura e parecem trabalhar com o fim da elitização social e do fim culto ainda observado nesses tradicionais espaços de memória. Para isso, buscam ser um local onde se produz a arte e divulgam a cultura com o público, sem distinções de idade ou classe social. O foco não é a arte ou o objeto em si, mas sim as pessoas que os observam, os apreciam e os produzem independente do que esteja sendo representado culturalmente. Entretanto, mesmo com os ideais, não só de democratização e divulgação, como também de gerador de cultura, como os dos museus e bibliotecas, os centros culturais não tem a obrigatoriedade de possuir um acervo, uma reserva técnica, uma biblioteca ou um arquivo. Podem possuir todos esses espaços, mas isto não os define, um centro cultural não deixaria de ser um centro cultural por ter ou não um acervo permanente.

Exemplo de espaços que se assemelhavam aos centros culturais já existia na Antiguidade Clássica e podem ser observados no século XIX, na Inglaterra, com os chamados centros de arte, mas foi somente na França, no século XX, mais precisamente em 1977 com a inauguração do *Centre National d'Art et Culture*

George Pompidou, que esses espaços começam a se formar da maneira que os conhecemos hoje e se tornam uma tendência mundial.

Considerados os primeiros centros culturais do Brasil, o Centro Cultural do Jabaquara e Centro Cultural de São Paulo, surgiram na década de 80 em São Paulo. De lá para cá a demanda por esses espaços cresceu e hoje, somente na cidade do Rio de Janeiro, em uma rápida pesquisa na internet é possível contar mais de trinta espaços¹, dentre eles a Casa de Cultura Laura Alvim (CCLA), situada no bairro de Ipanema e objeto de investigação desta pesquisa.

Na década de 80, Ipanema já era o bairro conhecido e cantado como conhecemos hoje. Por ter ficado de fora do processo de urbanização que teve lugar no Rio de Janeiro no início do século XX, nos anos 40 ainda era um bairro bucólico e pouco habitado, um lugar onde era possível se refugiar da vida urbana. Foi a partir da década de 50 que este cenário começou a mudar e Ipanema passou a ser reconhecido como um lugar com personalidade própria, como um lugar vanguardista. Nas décadas seguintes viveu o que muitos *Ipanemenses*² chamam de sua fase áurea, como podemos ver na reportagem publicada pelo Jornal O Globo, em 2004, em decorrência aos 110 anos do bairro:

Nos anos 60 e 70, Ipanema viveu uma espécie de fase áurea, exportando personagens, moda, artistas, posicionamentos políticos e

¹ Casa França-Brasil, Centro Cultural do Banco do Brasil, Centro Cultural dos Correios, Centro Cultural da Justiça Federal, Centro Cultural Light, Espaço Oi Futuro, Centro Cultural Cândido Mendes, Conjunto Cultural da Caixa, Casa de Cultura Laura Alvim, Espaço Cultural Sérgio Porto, Casa da Gávea, Centro de Arte Hélio Oiticica, Casas Casadas, Centro Cultural Oduvaldo Viana, Espaço Cultural da Marinha, Instituto Moreira Salles, Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, Centro Cultural Afro-Brasileiro de Nilópolis, Casa de Arte e Cultura Julieta de Serpa, Centro Cultural Jongo da Serrinha, Centro Cultural Calouste Gulbekian, Centro Cultural do Ministério da Saúde, Centro Cultural José Bonifácio, Centro Cultural Cartola, Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo, Paço Imperial – Centro Cultural do Iphan/MinC, Centro Cultural da Bíblia, Centro Cultural do Movimento Escoteiro, Centro Cultural Municipal Parque das Ruínas, Centro de Artes Funarte, Centro de Arte Helio Oiticica, Centro de Memória do Carnaval, Espaço Cultural Constituição, Espaço Cultural Correia Lima, Centro Cultural Oduvaldo Vianna Filho, Centro Cultural Jerusalém, Instituto Cultural Cravo Albin, Espaço Cultural Trem de Prata e etc.

² Pessoas transgressoras que são inspirações para comportamento e atitudes, criadoras de estilo de vida e manifestações culturais. Importante lembrar que estas características não se resumem aos moradores dos 1,67 quilômetros quadrados d Ipanema, abrange todos que tem o mesmo espírito vanguardista do bairro.

modos de vida. O bairro é qualificado como “Laboratório de moda”...
centro irradiador de tendências.³

Com suas famosas butiques, com Leila Diniz, com seus bares que serviam de pontos de encontro para nomes da bossa nova e do cinema novo, com o Píer frequentado por artistas e intelectuais, com seus cronistas e moradores apaixonados, Ipanema se afirmou como um espaço democrático, à frente do seu tempo e lançador de moda.

E se ao longo das décadas de 50, 60 e 70 Ipanema construiu e mostrou sua personalidade, seu perfil revolucionário e pioneiro não se perdeu nos anos 80. Em 15 de janeiro 1982, no Arpoador (para muitos uma extensão do bairro), foi o primeiro lugar onde o Circo Voador, lançador de nomes como Blitz, Kid Abelha, Barão Vermelho, Legião Urbana e Lobão, estendeu sua lona. Nos anos 80, o bloco Simpatia é Quase Amor fez o seu primeiro desfile, a praia seguiu como ponto de encontro, as palmas ao pôr do sol se mantiveram firmes e fortes e tivemos alguns verões marcantes, como por exemplo, o verão da lata em 1988, conhecido assim pela quantidade de latas contendo maconha prensada, que os tripulantes do navio Solano Star, para evitar um flagrante, jogaram no mar causando uma verdadeira pesca de latas. E foi no meio de tudo isso, no meio deste cenário que, em 1986, nasceu a Casa de Cultura Laura Alvim (CCLA).

Prova de que sonhos se realizam, a Casa de Cultura é o resultado dos sonhos de Laura. Transformar a casa onde vivia em um espaço dedicado à cultura, onde poderia viver em prol da arte. Para isso, Laura idealizou cada detalhe e investiu tudo que tinha na concretização do seu projeto. Entretanto, diante de diversos problemas financeiros, não conseguiu concluir seu objetivo. Sua vontade somente foi realizada após sua morte e garantida através de seu testamento, quando doou a casa ao Estado do Rio de Janeiro, com a condição que essa se tornasse um centro cultural.

A CCLA, enquanto um espaço cultural apresenta diversas facetas podendo ser chamada de centro cultural, museu casa ou casa de cultura, como é conhecido.

³ IPANEMA, 110 anos na vanguarda. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 22 abr. 2004. Caderno Zona Sul, p. 35.

Ao reunir todos estes adjetivos no mesmo local, torna-se um espaço multifacetado e é essa diversidade de características fazem do espaço um campo fértil para a criação de diversas memórias. Ali estão inseridas a memória de Laura Alvim e tudo que a envolve, sua personalidade, vontades e a maneira como as coisas foram conduzidas até chegar ao espaço inaugurado e funcionando, as memórias do espaço em si, dos frequentadores e o que a casa representa para eles, a memória dos funcionários, a memória dos familiares e amigos da família Alvim, as memórias que a casa representa para o entorno, quando Ipanema era apenas um areal afastado do centro do Rio. Todas essas memórias formam uma grande coleção e ao pesquisa-las e reuni-las agregaremos ainda mais valor ao espaço e ao seu entorno.

O interesse pela Casa de Cultura iniciou-se em 2004 quando esta autora, então estudante de museologia, iniciou estágio no Museu Laura Alvim, situado no terceiro andar da CCLA. O Museu de Laura, como era chamado, tinha como objetivo a preservação e perpetuação da memória de Álvaro Alvim e Ângelo Agostini, o primeiro médico e o segundo cartunista, ambos renomados e reconhecidos em seus campos de atuação. Junto à memória deles, era proposto pelo espaço, preservar a memória de Laura Alvim, responsável pela criação da casa de cultura.

O estágio consistia em higienizar o acervo exposto e o que ficava acondicionado nos diversos armários espalhados pelo espaço do museu e fazer às vezes de guia para os visitantes. Para desenvolver esta última função contava com um número limitado de informações sobre os personagens Álvaro e Ângelo e pouquíssimas informações, a maioria delas sem comprovação, sobre a história da casa de cultura e da própria Laura.

Ao chegar à época de entregar o trabalho de conclusão do curso de museologia, me senti paralisada, não conseguia escrever sobre o que havia me proposto e a data de entrega do trabalho se aproximava. No dia de 02 de novembro, feriado de todos os santos e data de aniversário de Laura Alvim, era dia de estágio e, portanto, dia de mostrar aos visitantes um espaço que tinha o dom de despertar diversas fantasias mesmo com suas histórias mal contadas. Foi esse contexto que me deu um estalo. Estava na varanda da casa, com aquela vista sensacional, havia acabado de atender um visitante, contado as mesmas histórias e pensei: porque não escrever sobre Laura Alvim? Porque não pesquisar sobre a origem daquele espaço

ao qual eu já era tão íntima, mas que mal conhecia? Corri em direção aos arquivos da casa, iniciei, naquele mesmo momento, uma pesquisa e o que encontrei foram diversas fotografias de Laura, de sua família e de Álvaro trabalhando com as aparelhagens de *raio x*, o rascunho de um discurso atribuído a Laura, recortes de jornais sobre a inauguração da Casa e sobre a doação, entre outras coisas. Depois do “descobrimento” de todo este material, estava decidido: iria escrever sobre a Casa de Cultura Laura Alvim.

A partir deste primeiro material foram feitas diversas pesquisas em periódicos, entrevistas com familiares de Laura e com pessoas que estiveram presentes na concepção, inauguração e/ou em algum momento da história da Casa. O que era uma ideia ganhara vida e o trabalho de conclusão do curso entregue. No entanto muito material de relevância para o espaço ficou de fora e é justamente este material, que consiste nas diversas memórias de personagens que foram importantes para a trajetória do lugar e nos relatos de pessoas próximas a Laura, que pretendemos abordar e discutir nas próximas páginas.

E como uma coisa leva a outra, foi a partir do interesse pela figura de Laura Alvim, pelas diversas histórias que ela inspira e pelo fascínio que exerce nos frequentadores da casa que surgiu o interesse pelo estudo da memória em centros culturais. Diferente dos clássicos locais que trabalham com a preservação da memória (bibliotecas, museus e arquivos), os centros culturais não tem a necessidade de ter um acervo, não necessariamente representam uma memória específica ou tem a responsabilidade de preservar e repassar determinado tema. São, em sua maioria, livres para abordar quaisquer que sejam as temáticas propostas. Diante disto, esta pesquisa tem como objetivo principal discutir quais são as memórias transmitidas nos centros culturais, discutir a formação de uma verdadeira coleção de memórias que engloba as memórias do espaço em si, até memórias construídas constantemente pelos seus frequentadores. Como objetivos secundários, pretendemos apresentar Laura Alvim e sua realização, a Casa de Cultura Laura Alvim. Pretendemos ainda enunciar as razões que levaram Laura à busca da preservação da memória de Álvaro Alvim e Ângelo Agostini e, por fim, refletir sobre os desdobramentos a vontade de Laura nestes 29 anos de funcionamento da casa de cultura, abrindo espaço para perceber outras produções

de memória relacionadas aos frequentadores e visitantes que também se realizam naquele espaço.

Para produzir esta dissertação foram realizadas pesquisas em periódicos. Em um primeiro momento foram focalizados artigos relacionados a Álvaro Alvim e Ângelo Agostini e posteriormente a Laura Alvim. Nestas pesquisas foram encontradas notas de falecimento de Álvaro e Laura e de amigos próximos, referências a Álvaro como mártir da ciência, eventos sociais, disputas judiciais travadas com grileiros por diversos terrenos no Leblon e diversas reportagens sobre Laura, sendo que a primeira que faz alusão a sua vontade de criar um centro cultural data de 1968. O passo seguinte foi a inclusão do tema Casa de Cultura Laura Alvim, a partir do ano de 1986. Os jornais utilizados foram:

- O Estadão, São Paulo, nos anos de 1987 – 2002;
- Folha de São Paulo, São Paulo, nos anos de 1986 – 1987;
- Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, de 1976 – 2014;
- O Globo, Rio de Janeiro, anos de 1925 – 1978 e 1983 – 2015.

Foram revisitados os testamentos feitos por Laura Alvim, o primeiro em 1981 e o segundo e definitivo assinado 1983. Juntamente foram analisados diversos processos relacionados à casa e os relatórios de atividades, que estavam disponíveis, do espaço.

Para a elaboração do trabalho de conclusão do curso de museologia, entregue em 2007, foram realizadas entrevistas com alguns familiares de Laura e com pessoas que de alguma maneira fizeram parte da trajetória do espaço. Revisitamos algumas dessas entrevistas buscando preencher lacunas quanto à concepção da CCLA e quanto quem foi Laura Alvim e realizamos entrevistas com novos personagens que, no decorrer da pesquisa, foram mostrando a relevância que suas memórias representam para a reconstrução dessas histórias.

A revisão de literatura foi pautada no tema centros culturais e foram estudados os autores Luiz Milanessi, com os livros *A casa da invenção* e *Ordenar*

para desordenar, e Teixeira Coelho em *Dicionário Crítico de Política Cultural e Usos da cultura: políticas de ação cultural*, assim como as dissertações e teses que discutem o tema centro cultural e a transição de um espaço privado para um espaço público.

O primeiro capítulo trata da trajetória do nosso objeto de estudo, a Casa de Cultura Laura Alvim. Foi realizada uma explanação desde a construção da Casa em 1906, para abrigar a família Alvim até a inauguração do espaço como um centro cultural. Foram utilizados os arquivos da CCLA, pesquisas sobre o tema em periódicos e entrevistas com familiares e amigos de Laura. Paralelamente, tentamos desvendar quem foi Laura Alvim e explicar as razões que a levaram a buscar preservar naquele espaço as memórias de seu pai e de seu avô.

O segundo capítulo destaca a trajetória da casa desde o momento que Laura Alvim a doou para ser transformada em um espaço cultural até os dias de hoje, passando pela inauguração, projetos e eventos realizados, reformas e inovações. A história recente foi tratada tendo como base além dos fatos impressos em periódicos e dos relatórios e dados institucionais, as memórias dos que ali frequentam e trabalham. Juntamente a este levantamento, este capítulo investiga os centros culturais e sua relação com a dinâmica de produções de memórias e se propõe a discutir que memórias seriam estas. Para isso foi trabalhada a ideia do que seria um centro cultural, sua concepção e relevância.

O terceiro capítulo tem como principal proposta ilustrar a coleção da casa de cultura. Será defendida a ideia que seu verdadeiro acervo, na verdade, são as memórias diversas que o espaço desperta e como cada um é detentor do que se lembra e de suas memórias. Neste capítulo buscamos reunir algumas dessas memórias através das diversas formas que a Casa está representada pelos visitantes, frequentadores e funcionários do lugar. Com esse intuito foram realizadas pesquisas em diversos *websites* e nas redes sociais (*Facebook, Instagram e Twitter*) buscando imagens feitas pelos frequentadores do espaço e seus relatos, assim como nos arquivos da CCLA e em diversos periódicos, entrevistamos pessoas que tivessem forte ligação com a casa ou com Laura Alvim que estivessem dispostas a dividir suas memórias.

Por fim, nas “considerações finais”, foram retomados os principais pontos abordados, memória e centros culturais, mas especificamente a memória nos centros culturais, quais as memórias que são preservadas e transmitidas na CCLA e a representatividade dos personagens envolvidos para essa memória, reafirmando a ideia de que centros culturais, mais precisamente a CCLA, tem como acervo sua grande coleção de memórias.

Boas memórias!

1. CAPÍTULO
ESSA HISTÓRIA COMEÇA COM UMA CASA...



1.1. Em algum lugar de Ipanema

Essa história começa com uma casa... e a casa em questão é a que conhecemos como Casa de Cultura Laura Alvim, que antes de ser um espaço de cultura, era a casa de Laura Alvim e antes disso era a casa da família Alvim, e antes disso era apenas uma pequena construção em Ipanema, que antes de ser o bairro mundialmente conhecido e cantado que é hoje era apenas um grande areal.

Com 1,67 Km, localizada na zona sul do Rio de Janeiro, cercado pelo Arpoador, o Leblon e a Lagoa, Ipanema é conhecido mundialmente através da música *Garota de Ipanema*⁴, como palco da Bossa Nova, do Cinema Novo, do Tropicalismo, do surgimento do biquíni, da atitude transgressora de Leila Diniz e do Pasquim. Ipanema é conhecida por ditar moda, pela *feira hippie* que acontece toda semana desde 1969, pelo extinto *Pier de Ipanema* que ficava entre as ruas Teixeira de Melo e Farne de Amoedo e que virou referência nacional de contracultura e liberdade. Foi em Ipanema que, em 1982, nasceu o Circo Voador, ponto de encontro de surfistas, intelectuais e artistas. Foi lá o verão da lata, do apito entre outros tantos imortalizados e conhecidos. E por falar em imortalizado, é em Ipanema que se pode ver o mais belo pôr do sol. Ipanema é aquele lugar que os moradores e frequentadores não cansam de cantar e contar suas belezas e encantamentos. Ruy Castro (1999) definiu Ipanema como:

O berço ou palco de várias revoluções no comportamento, na moda, nas artes plásticas, no cinema, na música popular, na imprensa e em outros quesitos fundamentais. Ipanema mudou o jeito de o brasileiro escrever, falar, vestir-se (ou despir-se) e, talvez, até de pensar. Foi também pioneira, no Brasil, do sexo sem culpa (...). Ipanema tornou o sexo natural (...). E apesar da aura de futilidade que a cercava, foi um permanente reduto de oposição (combateu ou criticou todos os governos dos últimos sessenta anos).

⁴ Música criada por Tom Jobim e Vinicius de Moraes exaltando beleza de Helô Pinheiro, denominando-a “garota de Ipanema”. É uma das músicas mais gravada em todo mundo.



Para resumir, Ipanema é conhecida como referência do modo de vida carioca, como palco de momentos polêmicos e vanguardistas. Entretanto, a história de Ipanema, que até o século XVII fazia parte da Fazenda de Copacabana (que compreendia toda orla da zona sul) e era chamada de “Praia Grande de Fora” começou com seus primeiros moradores, os índios tamoios⁵. Após dizimarem os índios, por volta de 1575, os portugueses instalaram ali o Engenho Del Rei. Em 1609 o Engenho foi doado a Sebastião Fagundes Varela, passando a se chamar Engenho Nossa Senhora da Conceição. Em 1808, em razão do acúmulo de prejuízos foi desapropriado. Depois de passar por diversos donos, todo o espaço que compreende o bairro de Ipanema foi, em 1886, adquirida por José Antônio Moreira Filho, conhecido como segundo Barão de Ipanema.

Imagem 1 – Ipanema em 1910.



Fonte: Arquivo CCLA.

O Barão e seu sócio, o Coronel Antônio José da Silva começaram a urbanizar a área que era somente um areal, cheio de cajueiros e pitangueiras, com pouquíssimas casas de moradia e onde apenas era possível chegar a pé ou de barco. Em 1894, fundaram o bairro de Ipanema, batizado de “Vila Ipanema” em homenagem ao pai do Barão, o 1º Barão e Conde de Ipanema. Ipanema era o nome

⁵ O termo *tamoio* se refere a uma aliança feita por três povos indígenas (tupinambá, guaianazes e aimorés) do tronco linguístico tupi que habitavam a costa dos atuais estados de São Paulo (litoral norte) e Rio de Janeiro. Dados retirados do site: <http://tamoioscabofrio.blogspot.com.br/2011/05/os-indios-tamoios.html>. Acessado em 03 jun. 2015.



de uma das propriedades do Conde e em tupi significa água imprestável, ruim para pesca.

Neste mesmo ano, com a linha do bonde estendida até a Praia da Igrejinha, local onde hoje está situado o posto 6 da Praia de Copacabana, o Coronel inaugurou uma linha não oficial que ampliou o trajeto até a Villa de Ipanema. A partir de então começou a vender terras e lotes e a Villa de Ipanema começou a crescer. Em 1902 existiam somente 50 casas próximas ao Arpoador, em 1906 esse número subiu para 118 residências habitadas por cerca de 1.006 moradores, quatro anos depois, em 1910 eram 175 residências⁶.

E nesta Ipanema, entre os anos 1906 e 1910, que começa a ser construída, pelo médico Álvaro Alvim, uma das primeiras casas da Vieira Souto e que, 80 e poucos anos depois, viria ser a Casa de Cultura Laura Alvim.

Conta-se que o objetivo de Álvaro, ao construir a casa, era abrigar sua família que estaria fugindo da epidemia de tifo que assolava o centro da cidade, agravado pelo fato que ele e a esposa, Laura Palha Agostini Alvim, já teriam perdido seis filhos e que a filha mais nova, Mariana, havia contraído sarampo. Diante de todo esse quadro, resolvem se mudar para a praia de Ipanema que nesta época ainda era considerada uma zona rural, afastada do caos que era o centro da cidade.

No lugar havia uma pequena casa de um andar que foi derrubada para a construção da mansão de três andares. Durante as obras, Alvim alugou uma casa na Praça General Osório, onde a família morou até 1910 quando, enfim, a casa dos Alvim ficou pronta. Assim Álvaro, sua esposa e seus três filhos, Álvaro Alvim Filho, Laura e Mariana se mudam definitivamente.

Imagem 2 – Casa da família Alvim nos anos 20.



Fonte: Arquivo CCLA.

A casa construída por Álvaro possuía três andares e um enorme quintal. O acesso principal era por uma escada do lado direito, onde atualmente é a entrada da

⁶ Dados retirados do site: <http://www.sindegtur.org.br/2010/arquivos/ipanema.pdf>. Acessado em 19 mar. 2014.



galeria, que dava acesso ao segundo andar da casa. Ali eram encontrados duas grandes salas e a cozinha. No andar seguinte estavam os quartos de dormir e o escritório de Álvaro. Onde hoje é o primeiro andar, que era conhecido como o porão da casa, ficava o quarto de Alvarozinho (como era chamado o irmão mais velho de Laura) e a biblioteca. Pelo lado esquerdo, onde encontramos a entrada principal do centro cultural, havia uma entrada independente e através dela era possível chegar até o enorme quintal da casa que tem, até hoje, uma outra escada de acesso ao segundo andar da casa.

1.2. Laura Alvim apresenta: “o que fazer para realizar um sonho”

“uma vida que é vivida e outra vida que é pensada”

Fernando Pessoa

Laura

Darcy Ribeiro a chamava de “Leila Diniz dos anos 20”. Para sua irmã, Mariana Alvim, parecia Pola Negri⁷ e “abusava do direito de ser louca”. Porém, ela própria se autoproclamava a “velha garota de Ipanema carioca da gema”. Laura Agostini de Vilalba Alvim, Laura Alvim ou simplesmente Laurazinha, como a família e os amigos a chamavam, nasceu em 02 de novembro de 1906, tinha três anos quando foi morar em frente à praia de Ipanema. Bairro, que ao contrário do centro da cidade que viveu um processo de modernização no início do século XX, era um areal sossegado, pouco habitado, ideal para piqueniques e para uma vida tranquila.

Imagem 3 – Laura Alvim.



Fonte: Arquivo CCLA.

⁷ Artista polaca erradicada no EUA que conquistou a fama por suas encenações *femme fatale*.



Laura estudou no Colégio Sacré Coeur de Jesus, onde tinha aulas com freiras. Segundo Laura, em entrevista ao Jornal O Globo⁸, eram todas marquesas, duquesas e condessas estrangeiras, mulheres de uma cultura imensa, com as quais teria aprendido a falar francês fluentemente. Entre elas havia uma única brasileira: Cristina Bandeira, prima irmã de Manuel Bandeira. Por seu gênio irreverente e contestador as freiras a apelidaram de *Petite Voltaire* (pequena Voltaire) e a única experiência que relatou ter tido com o trabalho teria sido por influência de Antônio Seabra, amigo da família. Aos 17 anos teria vendido alguns imóveis e com sua facilidade em se expressar, juntado algum dinheiro.

Viveu sua juventude em plenos anos 20, época marcada pela mudança no comportamento da mulher, pelo surgimento das primeiras profissões femininas, quando a moda diminuiu o tamanho das roupas e o Movimento Feminista se expandiu. A juventude se reunia em lugares como a Confeitaria Colombo ou no Cinematógrafo e foi quando atores como Leopoldo Fróes, Apolônio Pinto, Itália Fausta, Alda Garrido e Soares Brandão despontaram no teatro.

Foi neste contexto que nasceu o fascínio de Laura pelo teatro e foi por esse fascínio que, mais tarde, o nome de Laura Alvim ficaria conhecido. Existem diversas versões sobre quais seriam as relações de Laura com o teatro. Que o teatro a fascinava é certo, mas se era apenas um fascínio ou se tinha a real vontade de seguir a profissão de atriz, profissão vista com preconceito pelas tradicionais famílias, não se sabe. Em uma das muitas memórias, impossíveis de comprovar se são reais, há a história de que Laura teria manifestado o desejo de estudar teatro durante um jantar de família, desejo ao qual seu pai teria reagido secamente: cruzou os talheres, se retirou da mesa, dando por encerrado o assunto.

Definir Laura é misturar verdade com fantasia e diante de algumas versões sobre quem foi Laura, a imagem que ficou conhecida e é compartilhada por todos que a conheceram é que ela levava uma vida excêntrica, trocando o dia pela noite e por isso era muito difícil vê-la acordada pela manhã. Laura lia muito e era muito culta. Tinha um comportamento diferente, até mesmo na maneira de se vestir, sempre de preto, vestida de seda e cetim e com chapéu. Usava uma maquiagem

⁸ SUELI, Glória. *A mais sólida mansão de Ipanema*. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 08 jun. 1976. p.37.



muito pesada, com muita sombra em torno dos olhos, rímel e lápis bem escuros. Sua boca e unhas compridas, sempre pintadas de vermelho e usava *blush* em um rosto muito pálido. Existem relatos sobre seu envolvimento com a classe artística e com intelectuais e sobre Laura ter o costume de oferecer desde pequenos jantares a grandes reuniões, além de saraus de poesia que seriam acompanhados pelo pianista Waldemar Henrique. Gostava de ver a casa sempre movimentada e teria se autoproclamado a primeira *Garota de Ipanema*.

Mulher de grandes paixões, Laura achava que beleza era uma terapia, e dizia gostar somente de pessoas bonitas, segunda sua própria definição:

(...) tinha má vontade com pessoas feias. Mamãe me criticava. Principalmente porque sua maior amiga era feia e eu não conseguia vê-la sem chorar. (ALVIM *apud* SUELI, 1976).

Laurazinha teria tido muitos namorados e amantes ao longo de sua vida, há versões de que ela teria recebido 49 pedidos de casamento, desde o arquimilionário (um dos irmãos Cardif, que tinha minas de carvão na Inglaterra) ao pobretão; do anônimo ao estadista; do mais belo ao mais feio.⁹ Um dos pedidos foi feito por Schroeder, médico alemão que cuidou de Laura quando esta teve uma grave otite por causa do frio e precisou ser operada às pressas, em uma das viagens da família a Alemanha para tratar a doença de Álvaro. Durante sua estada na Alemanha, Laura teria vivido um romance com o médico, que dois anos depois veio ao Brasil pedi-la em casamento. A essa altura Laura já devia estar apaixonada por outra pessoa e negou o pedido. Schroeder se tornou grande amigo de Laura e de sua família e seguiu morando no Brasil até sua morte.¹⁰ Segundo Mariana Alvim declarou¹¹ tratava-se de uma fantasia tantos esses pedidos, mas que Laura teria sim despertado inúmeras paixões e possuído diversos admiradores. Laura vivia de paixões porque, segundo a própria, havia o medo do cotidiano e dizia não ter certeza de amar um mesmo homem a vida inteira. (ALVIM *apud* SUELI, 1976).

⁹ SUELI, Glória. *A mais sólida mansão de Ipanema*. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 08 jun. 1976. p.37.

¹⁰ SONHO de Laura, O. Direção: Sabrina Gortz e Jasmin Sánchez. Rio de Janeiro – RJ, 2010. Documentário. Acessível: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/PUC-Filmes/O-sonho-de-Laura-24029.html>

¹¹ CARDOSO, Wanda Stylita. *Laura Alvim: anjo barroco*. Rio de Janeiro: Record: Roda dos Tempos, 1997. p. 49.



Até que aos 40 e poucos anos viveu sua grande paixão, o francês Jacques.

Isso foi há 29 anos. Até então eu tinha os homens aos meus pés. Com ele perdi a periculosidade. Virei “Amélia”. E homem gosta de encontrar dificuldades. Ele me deixou por uma mulher que não vale a unha dos meus pés. Depois de quase sete anos de romance. (ALVIM *apud* SUELI, 1976).

Com o rompimento teria perdido 20 quilos e ganhado feridas no joelho de tanto rezar:

Rezar não era bem o termo. Batia papos com Cristo, exigindo o que me era de direito. Pois, apesar de educada em colégio católico, eu não acredito no inferno. Por isso mesmo era chamada no colégio de *La Petite Voltaire*. Sou mística, mas cortei minhas ligações com a igreja. De vez. Porque estão fazendo da casa de Cristo um comércio. Cristo precisa voltar com um chicote na mão. Transferi a igreja aqui para casa. Estou construindo uma capelinha onde não vou rezar missas, mas vou ter incenso e tocar a Ave Maria. (ALVIM *apud* SUELI, 1976).

Entre outras histórias que envolvem Laura, há diversas declarações atribuídas a ela como a que teria dito que gostava de homens altos e bonitos, com pescoço e queixo quadrados, e teria se justificado para o fato que dentre os 49 pedidos de casamento que teria recebido só um pretende era brasileiro, afirmando que os latinos não sabiam fazer amor, os franceses é que teriam escola¹². Há ainda a história de que às 10 horas da manhã teria sido avisada que fosse com urgência até a praia porque seu noivo na época, um diplomata americano, estaria se afogando, Laura teria pedido um momento para ir ao banheiro e só saiu de lá duas horas depois, toda arrumada, maquiada e completamente desesperada procurando o noivo. Outra história clássica e muito difundida é que Laura oferecia festas que duravam dias. Numa delas, que teria durado três dias, um ladrão teria entrado na casa no primeiro dia e se escondido, até que no terceiro dia, não aguentando mais

¹² CHARME, cultura, sedução. Laura Alvim retorna à sua fase áurea – Uma vida com muita gente, histórias e admiradores. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 06 jan. 1986. Jornais de Bairro, Ipanema. p.06.



tanta festa o ladrão saiu de traz das cortinas falando: “Arre! Vocês não dormem?”, Laura e algumas amigas que ainda estavam firmes na festa teriam desmaiado.

Sua irmã Mariana, no livro de Cardoso, intitulado “Laura Alvim – Anjo Barroco”, diz que as histórias de grandes festas dadas por Laura, não condizem com a personalidade da irmã, que gostava mais de pequenos encontros, até mesmo porque, segundo ela, com a doença de seu pai o clima da casa não era propício para grandes eventos e após a morte do mesmo, sua mãe jamais teria tirado o luto.

Entre causos e realidades tudo que foi contado sobre Laura ou que Laura realmente viveu teve como cenário a casa onde cresceu. Todas as histórias e fantasias tiveram como palco a casa que viria a ser a Casa de Cultura Laura Alvim, a personagem principal deste trabalho.

De casa da família Alvim para centro cultural.

A transformação de casa de uma família até virar um centro cultural começa em 1928 quando o pai de Laura morre em decorrência de um câncer e deixa em seu espólio diversos terrenos e imóveis.

É relatado que após a morte de Álvaro, Laura e sua mãe tiveram que alugar os quartos da casa da Vieira Souto para aumentar a renda de ambas (Mariana e Álvaro já haviam casado). Após a morte da mãe, em 1958, trinta anos depois do falecimento de seu pai, Laura teria passado por dificuldades, se sustentando apenas com o aluguel de cartazes que ficavam afixados em alguns de seus terrenos, uma vez que, nem ela, nem seus irmãos e nem mesmo sua mãe, antes de falecer, tiveram acesso a diversos terrenos que seu pai seria proprietário no Leblon e fariam parte da herança de Álvaro. Esses terrenos estavam em poder de conhecidos grileiros da época e antes mesmo de Álvaro morrer já havia uma verdadeira disputa na justiça pela posse destes. Essa disputa, dos Alvim com os grileiros, durou cerca de 50 anos e mesmo quando a posse das propriedades foi confirmada em favor da família Alvim, foi somente em 1968, tendo Laura como inventariante, que o espólio de Álvaro Alvim finalmente pode ser feito. Até os anos 60 havia sido a causa mais longa do Fórum.



A reportagem que trata esse caso, datada 21 de dezembro de 1968 no jornal *O Globo*, encerra afirmando que com a venda dos terrenos herdados finalmente, ao vendê-los, Laura poderia realizar seu antigo ideal, edificar uma fundação em favor dos artistas desamparados que teria o nome do seu falecido pai. Em 1968, a vontade de Laura já era considerada antiga. Essa reportagem foi é a primeira vez que vimos o sonho de Laura ser citado.

Antes do espólio de Álvaro ser fechado, a casa da Vieira Souto já era alvo de cobiça de compradores e mesmo Laura passando por dificuldades ela se negou a vender a casa.

Existem duas versões para explicar a autonomia que Laura teria para decidir se vendia ou não a casa. A primeira é que a casa possuía uma hipoteca que datava da época em que Álvaro esteve doente. Laura, segundo Mariana Alvim, sua irmã mais nova, é quem teria pago a hipoteca e a partir de então, passado a ser a única herdeira da casa. A versão da hipoteca também é reforçada pelos sobrinhos de Laurazinha.

(...) mamãe já havia perdido outros filhos por causa da tifo, pequenos e em Ipanema melhorei muito. Papai construiu a casa no terreno depois de demolir uma pequena construção. Mas ela pertence desde sua morte, só a Laura, porque ela trabalhou muito para pagar uma hipoteca que pesava sobre o imóvel. (ALVIM *apud* CÔRTEZ, 1985).

Na segunda versão a casa ficou com Laura porque Mariana e Álvaro teriam renunciado ou vendido sua parte a Laura a pedido da mãe, uma vez que Laura não havia se casado e não tinha forma de sustento, mas essa versão não tem nenhuma comprovação.

Com a parte que lhe coube da venda dos terrenos, Laura inicia o que viria a ser sua obra.

Eu meti na cabeça que deveria dar chances aos artistas, ser sua mãe espiritual. Como não tinha filhos e também não conseguira me realizar como artista (meus pais consideravam uma obscenidade



pensar em tal assunto) comecei a planejar o meu sonho: a Casa de Álvaro Alvim. (ALVIM *apud* SUELI, 1976).

Mesmo com certa dificuldade, as reformas foram sendo feitas ao longo dos anos e a casa modificou-se de acordo com sonhos e vontades de Laura que, sem nenhum conhecimento de arquitetura ou engenharia, esboçou e criou a arquitetura da casa, não se prendendo a um estilo único.

Na casa são encontrados os estilos: clássico, mouro, gótico e colonial. Há também diversos nichos, colunas e recantos. Onde seria seu quarto, após a concretização do centro cultural, no último andar, dedicou atenção especial. Dividiu o cômodo em dois, e por ser uma mulher baixa fez os portais rebaixados para sua estatura. Construiu um enorme banheiro, de 30 m², revestido de mármore branco, com pias e banheira cor de rosa, além de um longo corredor de armários que dá passagem a uma sala que, segundo a família, seria uma pequena copa ou uma saleta para reunir os amigos.

Na frente da casa avançou uma varanda com balaustrada de madeira entalhada e com telhado em telhas-de-padre¹³ sustentados apenas nas laterais por vigas de concreto, pois temia que o crescimento imobiliário da Praia de Ipanema obstruísse a sua vista para o pôr do sol e para o Morro Dois Irmãos. Sobre o famoso pôr do sol de Ipanema dizia que visto de sua sacada, não havia espetáculo mais bonito. (ALVIM *apud* SUELI, 1976).

Na parte de trás do terreno, levantou um prédio em estilo renascentista para abrigar um cinema, uma sala de vídeo e um teatro em estilo medieval, com colunas laterais, paredes de pedra e palco italiano, com acesso à plateia feito por dois lances de escada com degraus em mármore. Foi planejado para ter 300 lugares, 200 na plateia e 100 no balcão e as cadeiras, por ela idealizadas, seriam também em estilo medieval, de madeira anatômica. O teatro é sem dúvida uma das áreas mais interessantes e foi o primeiro espaço a ganhar forma quando toda a casa ainda estava em obras. O amor de Laura pelo teatro possibilitou que este cômodo, antes mesmo que estivesse pronto, fosse emprestado para os ensaios de grandes atores,

¹³ SUELI, Glória. *A mais sólida mansão de Ipanema*. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 08 jun. 1976. p.37.



tais como Tônia Carrero, Fernanda Montenegro, Camila Amado, Ney Latorraca, entre outros. Assim como para as peças dos diretores Ivan Albuquerque, Fernando Torres e Oduvaldo Viana.

Neste mesmo prédio, no térreo, conhecido como as arcadas, criou um pátio com linhas góticas, com abóbadas e o chão todo em pedra. O pátio externo teria uma jardineira de azulejos portugueses, uma fonte em pedra sabão e seria decorado com diversos anjos em bronze.

Os anjos eram uma grande paixão de Laura, ela possuía uma coleção de mais de 400 peças de anjos barrocos que ficavam espalhados por toda casa.

Eu posso estar na maior fossa que, vendo um anjo – minha maior paixão são anjos - por um momento fugaz eu sinto felicidade. (ALVIM *apud* SUELI, 1976).

Por volta de 1975, Laura Alvim, se vê sem recursos para continuar sua empreitada, pois teria aplicado todo seu dinheiro em investimentos na bolsa de valores através de um procurador e teria sido enganada por ele perdendo quase tudo que tinha. A falta de recursos se deu também por seu perfeccionismo em cada detalhe da obra. Se algo não ficasse exatamente como havia idealizado, se uma pedra num lugar a desagradasse, Laura mandava que os operários refizessem tudo, aumentando consideravelmente os gastos com material e mão de obra.

A Secretaria de Educação e Cultura do Estado, através de Mirtes Wenzel, propôs que o teatro fosse incorporado à Fundação dos Teatros do Estado do Rio de Janeiro (Funterj), mas mesmo passando por diversas privações - viveu mais de um ano sem luz por não ter como trocar a fiação da casa e se alimentando apenas uma vez por dia - Laura negou a proposta afirmando que somente pretendia doar o espaço ao Governo Federal.¹⁴ Negou também diversas propostas de compra da casa, inclusive quando lhe ofereceram 10 milhões de dólares, para tal negativa afirmou que o dinheiro já havia lhe dado tudo na vida.

¹⁴ DONA de teatro em obra há anos rejeita oferta de entrega-lo a Funterj. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 12 jan. 1976. 1º Caderno, p.08.



Era uma multidão visitando. No auge da procura – há nove anos (1967) – três americanos fizeram a maior oferta. São 20 milhões, minha senhora, eles disseram. E eu: nem 20, nem 30, nem 50, nem 60 me fazem vender essa casa. (ALVIM *apud* SUELI, 1976).

Das investidas imobiliárias, Laura Alvim, em 1980, diz ter ficado em dúvida apenas diante de uma que era para construir um grande salão de festas na parte de trás da casa e nivelado ao telhado do último andar da residência, um prédio com apartamentos de alto luxo. Com isso viveria folgadoamente.

Essa oferta fez com que eu ficasse pensando 15, 20 dias. Mas depois resolvi não aceitar. Eu me conheço, não me perdoaria nunca, seria uma indignidade contra mim *mesma*. (ALVIM, L. *apud* BONFIM, 1981).

As obras seguiram a passos lentos e Laura Alvim procurou vários parceiros para a sua empreitada. Conseguiu apoio junto à iniciativa privada através da Fundação SESAT – representada por Ney Suassuna - e do Colégio Anglo-Americano - representado por João Pessoa de Albuquerque – e com eles criou a Sociedade Cultural Laura Agostini Alvim, uma sociedade cultural que tinha como presidente a própria Laura Alvim e teria suas atividades culturais desenvolvidas na casa da Vieira Souto, conforme planejado por Laura. O registro civil desta Sociedade data de 16 de fevereiro de 1981.

Para garantir a continuidade da Sociedade e assim a realização de sua vontade em 26 de fevereiro de 1981 Laura assinou seu testamento deixando sua casa a Sociedade após seu falecimento.

Conhecia-a há quatro anos - disse Suassuna – quando não tinha mais dinheiro para levar adiante seu projeto cultural. Empolguei-me, criamos a Associação e gastamos uma fábula (em dinheiro de hoje, calcula-se Cr\$ 100 milhões) para dar andamento a tudo, colocando piso externo e no teatro refazendo fiação elétrica, pagando contas de luz, água e telefone empregados. (SUASSUNA *apud* BOMFIM, 1984).



Mariana Alvim, irmã de Laura, desconfiada com o rumo que este projeto poderia tomar, acionou Darcy Ribeiro¹⁵, então vice-governador do Estado do Rio de Janeiro e Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia, de quem era muito amiga e com quem havia trabalhado em Brasília e pede sua ajuda para convencer Laura a doar a casa para o Estado, o que ela acreditava ser a atitude mais segura para efetivar a vontade da irmã.

Darcy Ribeiro passa a Mário Honório Teixeira Filho, superintendente da FUNARJ, a incumbência de pesquisar e resolver, da melhor maneira possível, a questão. Mário conversa com Laura Alvim e ela, mesmo se mostrando muito empolgada com a Sociedade, fala da vontade de sua irmã, Mariana, de que a casa fosse doada ao Estado e não a uma empresa particular. Laura tinha muito receio de que o Estado não fosse capaz de garantir o funcionamento do seu centro cultural.

Através de Luzinette Parízio Martins, sua advogada e procuradora, Laura entra em contato com Fernanda Montenegro que também sugere entregar a casa ao Estado para garantir sua existência enquanto um espaço cultural. E diante do receio de Laura do descaso do Estado com seu patrimônio cultural, Fernanda responde: - mas vamos ter a esperança de que nem sempre seja assim; às vezes milagres acontecem.¹⁶

Junto ao processo de convencer Laura que a doação ao Estado era a melhor solução para seus ideais, Mário Honório tem acesso aos documentos que tinham sido assinados até o momento para a concepção da Sociedade e pesquisando-os descobre um termo de comodato, uma locação sem ônus, de 15 anos em nome desta e o testamento assinado por Laura em 1981.

¹⁵ Darcy foi eleito vice-governador do no Estado do Rio de Janeiro nas primeiras eleições diretas para governador após o golpe de 64. Conceituado antropólogo, educador e romancista, tem em seu currículo a criação da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), a criação do Museu do Índio e vasta obra em defesa da causa indígena, além da criação dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), escolas de horário integral para crianças e adolescentes. Foi responsável também pela implantação da Biblioteca Pública Estadual do Rio de Janeiro, a Casa França-Brasil, o Centro Infantil de Cultura de Ipanema e o Sambódromo. Contribuiu ainda para o tombamento de 96 quilômetros de belíssimas praias e encostas do litoral fluminense, além de mais de mil casas do Rio Antigo, dentre outros projetos. Escritor de diversos livros foi além de vice-governador de Brizola, responsável pela pasta da educação no Gabinete Hermes Lima, chefe da Casa Civil no governo de João Goulart e Senador.

¹⁶ CARDOSO, Stylita Cardoso. *Laura Alvim: anjo barroco*. 1997. Rio de Janeiro. p.59.



De acordo com o testamento quando Laura falecesse, o vice-presidente da Sociedade Cultural, no caso Ney Suassuna, não teria qualquer obrigação de implantar ali um centro cultural. Na redação do documento não havia cláusula alguma que garantisse o destino da casa como um espaço cultural. Baseando-se no que foi pesquisado, o Centro Cultural de Laura somente estaria garantido se fossem realizadas mudanças em seu testamento e nos demais acordos já acertados.

Laura, enfim parece se convencer que a Sociedade não dava nenhuma garantia a realização dos seus projetos e, diante disso, aceita fazer, amparada pelo Estado, uma alteração no estatuto da Sociedade, assinar um novo testamento onde a beneficiária seria a FUNARJ e desfazer o termo de comodato. Desta maneira o testamento que beneficiava a Sociedade Cultural foi invalidado, uma vez que o mais recente sempre anula o anterior.

Laura Alvim tinha 76 anos quando o novo testamento foi assinado, em 18 de outubro de 1983, no livro 2.000, fls. 133 v, Ato 077, no 22º Ofício de Notas, e diz que:

(...) a testadora lega o prédio da Avenida Vieira Souto, nº. 176, o respectivo terreno, à FUNARJ – FUNDAÇÃO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; 4º) – que a legatária FUNARJ, fica obrigada e se responsabilizará pela manutenção do Centro Cultural em prédio já construído pela testadora, com seus recursos próprios, no mesmo terreno do nº. 176 da Avenida Vieira Souto, para construção e instalação do museu, que será denominado “Casa de Álvaro Alvim”, e se localizará na antiga residência de 3 (três) pavimentos o qual será aberto à visitação pública após a morte dela, testadora, destinado a imortalizar a memória do cientista Álvaro Alvim; 5º) – Na parte dos fundos do prédio da Avenida Vieira Souto, nº176, está construído o “Centro de Artes Ângelo Agostini”, local onde a FUNARJ realizará exposições de pinturas e esculturas, existe galeria de artes e cinemateca e teatro, os quais serão, também, programados pela FUNARJ, com Apresentação de peças teatrais de alto nível, recitais de música erudita, cinema, balé e conferências; 6º) – que a testadora, lega, ainda à FUNARJ, tudo que existe, portas à dentro, no prédio 176 da Avenida Vieira Souto; (...).



Segundo o testamento, ficou acertado que a Casa poderia funcionar somente como um centro cultural e em hipótese alguma, a Casa poderia ser tirada do Estado.

Houve alegações de que Laura Alvim não estaria lúcida e por isso não poderia assinar o documento, e diferente do primeiro testamento que beneficiava a Sociedade, neste não foi emitido um laudo que garantisse seu perfeito estado de sanidade mental.

Ao doar a casa ao Governo do Estado do Rio de Janeiro, através da FUNARJ, Laura Alvim deixou detalhes e condições, na redação do documento, para que enfim seu desejo fosse realizado e garantido.

No testamento está expressa a criação de um museu destinado à preservação da memória de seu pai, Álvaro Alvim e de seu avô, Ângelo Agostini, recomendando que a casa recebesse o nome de Casa de Álvaro Alvim – Centro de Artes Ângelo Agostini. O prédio principal que abrigava a casa da família deveria chamar Casa de Álvaro Alvim e teria um museu dedicado a seu pai, que seria inaugurado somente depois da morte de Laura. O prédio detrás, onde construiu o teatro, se chamaria Centro de Artes Ângelo Agostini, contaria com teatro, galeria, cinema e salas para cursos.

Laura determinou também as atividades que deveriam acontecer na casa, como exposições de pinturas e esculturas, espetáculos teatrais de textos clássicos, um concurso anual de dramaturgia, além de recitais de música, cinemas e demais eventos culturais, tudo de maneira democrática e acessível à população.

Foram seus testamenteiros a irmã, Mariana Agostini de Villalba Alvim, Darcy Ribeiro, então vice-governador do Estado do Rio de Janeiro e a atriz Arlete Pinheiro Monteiro Torres (Fernanda Montenegro). Como testemunhas, Dirceu de Oliveira e Silva, procurador do Estado, a técnica de cinema Heloisa Eugênia Villela Xavier, o ator Hugo Carvana de Hollanda, a advogada Luzinette Parízio Martins e a médica Maria Nellie Araújo.

Após assinatura do testamento, em 21 de fevereiro de 1984, no 5º Ofício de Notas foi lavrada uma escritura de distrato do termo de comodato então existente, constando expressamente em sua cláusula quarta:



(..) que a comodatária não pode cumprir as obrigações que assumiu no item terceiro do referido contrato de comodato, razão pela qual a comodante autorizou a FUNARJ à execução das obras específicas na carta que lhe dirigiu, datada de 11 de novembro de 1983, dando-lhe a posse da Galeria de Artes e do Teatro, ora ratificando a comodante o teor da mencionada carta, com o que concordaram expressamente os demais sócios da comodatária, na carta que dirigiram a FUNARJ, datada de 23 de janeiro de 1984. (ESCRITURA, 1984).

Assim o termo de comodato com a Sociedade Cultural foi desfeito, rompendo qualquer vínculo de Laura com as empresas envolvidas e a casa foi entregue à FUNARJ, juntamente com um documento que autorizava sua ocupação para que pudessem ser iniciadas as reformas necessárias.

A advogada e procuradora de Laura Alvim, explicou a mudança do testamento em favor do Estado:

O testamento foi muito mal feito pelo Suassuna. Se ele tivesse me procurado – afinal eu era a advogada – ao invés das pessoas que moravam lá, teríamos feito um bom trabalho juntos. Acredito que tivesse recursos para levar o projeto avante, mas não poderíamos deixar o testamento como estava. (MARTINS *apud* BOMFIM, 1984).

Ney Suassuna alegou na época que teve seu acesso à Laura Alvim cortado por parte da família, e afirmou:

A doação não seria para nós, mas para a associação e Laura temia, sempre, que o Estado não tivesse condições de levar seu projeto adiante. (...) o que interessa é que a obra seja realizada. Por nós ou pelo Estado, tanto faz. (SUASSUNA *apud* BOMFIM, 1984).

Em seus últimos anos de vida Laura Alvim não era mais vista, se dizia muito orgulhosa para que a vissem doente. Viviam a maior parte do tempo trancada em seu quarto, no primeiro andar da casa, onde hoje é a sala da administração do espaço. Para falar com ela havia um telefone interno e suas conversas poderiam durar horas, falando sempre sobre os temas Paris, teatro e seu sonho.



Laura Alvim faleceu em 22 de março de 1984, aos 77 anos de idade na casa que idealizou, cinco meses após a assinatura no testamento em favor da FUNARJ, sem ver a Casa de Cultura inaugurada.

1.3. Por que o pai e o avô?

Construir um centro cultural na casa onde cresceu foi a grande vontade de Laura Alvim pelo amor que tinha as artes. Entretanto, junto a esse amor, Laura quis perpetuar e preservar a memória de seu pai, Álvaro Alvim e de seu avô Ângelo Agostini, ambos importantes personagens cada um em sua época e em seu campo de atuação.

Álvaro Alvim – pai de Laura

Filho de Carlos Freire de Villalba Alvim e Mariana Carvalho de Villalba Alvim, Álvaro Freire de Villalba Alvim nasceu no dia 16 de abril de 1863, na cidade de Vassouras, estado do Rio de Janeiro.

Imagem 4 – Álvaro Alvim.



Fonte: Arquivo CCLA.

Estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em um momento que as ideias abolicionistas e republicanas ganhavam adeptos em todo o país. Álvaro Alvim, que já estava noivo de Laura Agostini, filha de Ângelo Agostini, um dos grandes nomes destes movimentos, toma parte a favor dessas ideias com seus colegas, entre eles, Alcindo Guanabara que após largar o curso de medicina, no 3º ano, viria a ser um renomado jornalista defensor das causas abolicionistas e da campanha republicana.

A atitude partidária, por parte dos estudantes, provocou perseguição e ameaça de expulsão, fazendo Álvaro Alvim migrar para a Bahia para terminar seus estudos, formando-se em 1887.



Ao regressar para o Rio de Janeiro, já formado, Álvaro Alvim se casa com Laura Agostini e vai trabalhar como médico em Desengano, cidade perto de Vassouras. Porém, a fazenda em que trabalhava o mantinha longe dos avanços da ciência. Assim, em 1889, volta ao Rio de Janeiro e abre uma clínica em Botafogo.

Em 1895, vai a Paris para estudar com o professor Bouchard, que naquele momento iniciava experiências com a eletroterapia, conhecida como a eletricidade médica, entusiasmando Alvim.

Imagem 5 –
Álvaro Alvim, Lauro Sodré Filho,
Eurico Dias e Laurazinha.



Fonte: Arquivo CCLA.

Ao voltar para o Brasil, em 1897, inaugurou na Rua Gonçalves Dias, no centro da cidade do Rio de Janeiro, seu Instituto de Eletroterapia com aparelhos usados na Europa. O Instituto era o único da América Latina que usava correntes de baixa frequência, eletricidade estática, aparelho com ozonadores, instalação hidroelétrica, estufa de luz, massagem vibratória e termo-cautério.

Nesta mesma época, Roentgen descobria os *raios X*, que tinha como grande avanço a propriedade de atravessar corpos, como o organismo humano, servindo dessa maneira para diagnóstico de moléstias internas. Essa descoberta animou Álvaro Alvim, que imediatamente encomendou toda a aparelhagem necessária e passou a estudar os raios.

O *raio X* e seus benefícios foram testados no Brasil no caso das xifópagas, Rosalina e Maria. Levadas ao Instituto de Álvaro pelo cirurgião Chapot Prevost, que pretendia operá-las, mas não tinha certeza de qual órgão às unia, o *raio X* ainda não era eficaz para radiografar partes moles do corpo.

Durante dias Álvaro Alvim estudou o caso, procurando uma maneira de radiografar essas partes. Foi então que surgiu a ideia de forrar com papel-chumbo partes dos corpos das irmãs xifópagas e, dessa maneira, conseguiu radiografar e diagnosticar que era o fígado o órgão que as unia. Essa descoberta impressionou a comunidade médica europeia, o mesmo, entretanto, não aconteceu no Brasil, tendo



Álvaro Alvim sofreu diversas acusações de querer enganar os pacientes e a classe médica, inclusive de um senador que pediu o fechamento do Instituto.

Nesta mesma época aparecem as primeiras notícias sobre lesões epidérmicas associadas ao *raio X*. A partir de então começam os estudos sobre o efeito do raio sobre células cancerígenas, uma vez que o *raio X* conseguia agir de maneira tão enérgica sobre células saudáveis, poderia ter o mesmo efeito sobre as células doentes. Especialistas europeus convocaram uma reunião em Paris para estudo e criação da radioterapia, levando Álvaro Alvim mais uma vez para a Europa.

Imagem 6 – Álvaro trabalhando.



Fonte: Arquivo CCLA.

Álvaro Alvim passa a se dedicar ao combate do câncer e em 1901 apresenta resultados obtidos com a radioterapia. Em 1905, parte mais uma vez para Paris onde se torna aluno de Pierre Curie, especialista em *radium*. Estes estudos complementaram o conhecimento para o combate do câncer.

Com a transferência do Instituto para o Largo da Carioca, Álvaro Alvim e seu companheiro nessa ideia, Alcindo Guanabara, estenderam a radioterapia aos menos favorecidos criando a *Assistência às Crianças Pobres*, mais tarde essa assistência é estendida os adultos com câncer.

A guerra de 1914/1918 foi a responsável pelo martírio de Álvaro Alvim. Toda aparelhagem usada na radioterapia era europeia, inclusive os tubos de *raios X*, importados da França e da Alemanha, países que suspenderam exportações e fabricações de bens que não fossem usados no front. Sem estes tubos não era possível prosseguir com o trabalho e Álvaro Alvim se vê impossibilitado de dar continuidade ao tratamento de seus pacientes.

Entretanto, havia uma técnica de regeneração destes tubos que exigia um longo tempo exposto às radiações. Foi então que Álvaro Alvim teve que optar entre a sua saúde e de seus pacientes, escolhendo a de seus pacientes: expôs-se à radiação, consciente dos riscos que corria.



Em poucos meses suas mãos estavam tomadas por extensas queimaduras, receoso de ter que amputá-la, usou a radioterapia em si mesmo, evitando que as mesmas se transformassem em úlceras cancerosas. Após a guerra, foi a Paris se tratar com *radium*, e em quatro meses suas mãos estavam cicatrizadas.

De volta ao Brasil, continuou seus trabalhos com os *raios X*, mesmo sabendo que não deveria, já que seu organismo estava muito debilitado. A radiodermite voltou de maneira violenta, levando à amputação de três dedos em 1922, mais dois dedos em 1923 e em 1924 amputou parte do antebraço e da mão direita. Ainda assim continuou trabalhando e quando pediam que parasse respondia: “*É tarde. A radiodermite não para, nem eu*”.¹⁷

Imagem 7 – Álvaro recebendo Medalha Humanitária



Fonte: Arquivo da CCLA.

Em seis de dezembro de 1924 foi condecorado, por determinação do Congresso, com a Medalha Humanitária, pelo então presidente Artur Bernardes (Imagem 7). Em 1927 manifestou um câncer no fígado, que impediu o médico de trabalhar e Álvaro passou a atender seus pacientes por telefone. Um ano após diagnosticar o câncer, quando se encontrava escrevendo um artigo para uma revista especializada da França, segurando a caneta pelos dentes e apoiando-a ao polegar, chamou a filha e disse: “Mande sustar tudo. A morte chegou”. Atônita, Laura Alvim, ainda tenta argumentar, e Álvaro Alvim responde: “Não há tempo a perder, minha filha. Só tenho meia hora de vida. É o fim, senti-lhe os primeiros sintomas. Avisa tua mãe, avisa teus irmãos, avisa todos”.¹⁸

Às quatro e meia da tarde, no dia 21 de maio de 1928, exatamente meia hora após avisar sobre sua morte, falece Álvaro Alvim, em sua casa, em Ipanema. Morre assim o introdutor da radiologia e da radioterapia na América Latina, o criador da radiografia em tecidos moles, que deu sua vida pela de seus pacientes e em nome da ciência.

¹⁷ BRASIL se prepara para comemorar o centenário do cientista Álvaro Alvim. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1963. Matutina, Geral. p.05.

¹⁸ ALVIM, Laura. Em discurso atribuído a ela encontrado nos arquivos da CCLA. 19??

1. Essa história começa com uma casa



Sua morte foi amplamente noticiada e lamentada nos meios de comunicação da época e Álvaro ficou conhecido como o Mártir da Ciência Brasileira. Foi homenageado no centenário de seu nascimento com um selo comemorativo dos correios (Imagem 8) e empresta seu nome a ruas, escolas e hospitais.

Imagem 8 – Selo comemorativo.



Fonte: Arquivo CCLA.

Deixou escritas as obras *A Medicina Que Cura*, *Instituto de Eletricidade Médica* e *A Cura do Cancro no Brasil*.

Por conta da história de Álvaro Alvim, Laura, junto ao seu grande desejo de criar um centro cultural, tinha a obstinação em manter a casa por causa da admiração que sentia pelo pai:

Quando ele passava na rua todo mutilado, o povo todo parava e tirava o chapéu. Quando morreu, o trânsito parou, o governo cobriu a casa com faixas pretas, foi muito bonito. Como eu poderia vender esta casa, esta casa em que meu pai viveu e morreu após tanta dedicação à ciência? É impossível. Resolvi e meti na cabeça doar o centro, depois de construído a meu país. (Laura Alvim *apud* BONFIM, 1981).

Ângelo Agostini – Avô de Laura

Ângelo Agostini é conhecido com o percussor da caricatura no Brasil e com a suas histórias, que tinha um tipo brasileiro como personagem, foi um dos pioneiros das histórias em quadrinhos. Entretanto, sua relevância vai além, com suas caricaturas e seus quadrinhos, Ângelo, teve papel de destaque na abolição da escravatura onde denunciava através de sátiras e de críticas políticas as condições dos escravos.



A trajetória de Ângelo começa em 1843, ano em que nasceu, em Vercelli¹⁹, na região de Piemonte, Itália. Após o falecimento de seu pai, Antônio Agostini, um violinista italiano, Ângelo foi, aos 9 anos, a Paris ficar aos cuidados da avó materna já que sua mãe Raquel Agostini de Andrade, por ser cantora lírica, estava constantemente em turnê.

Imagem 9 – Ângelo Agostini.



Fonte: Arquivo CCLA.

Em 1959, com 16 anos, Agostini aportou no Brasil na cidade do Rio de Janeiro, com sua mãe. O que se crê é que Agostini tenha vindo ao Brasil, por conta da mudança de sua mãe para o país após o seu casamento com o jornalista português Antônio Pedro Marques de Almeida. Logo em seguida ambos seguem para São Paulo

Pouco se sabe sobre o que Ângelo fez no país antes de iniciar sua carreira de caturista em 1864 no *Diabo Coxo*, alias pouco se sabe sobre a vida pessoal de Ângelo. Entretanto, há uma sugestão que tenha trabalhado como retratista fotográfico, antes de se embrenhar na profissão de ilustrador jornalístico, esse fato é relatado através do *Memorial paulistano para o ano de 1866* onde pode-se ler o anúncio “Retratistas fotográficos – Angelo Augustin, Rua São Bento, nº 83”²⁰, esse trabalho de Ângelo, ao contrário do posterior, não deixou nenhum registro, fora esse anúncio.

Foi a partir de 17 de setembro de 1864, com o lançamento do periódico *Diabo Coxo*, que o trabalho de Agostini fica conhecido. O *Diabo Coxo* foi um marco na imprensa paulistana como o primeiro periódico a introduzir a imagem litográfica, que representou um avanço tecnológico, permitindo grande destaque as ilustrações, das oito páginas que possuía, quatro eram dedicadas a esse formato.

Uma nova categoria de desenhista {surgia}, a do “repórter do lápis”, trazia para o leitor os fatos, as pessoas e coisas distantes no tempo e

¹⁹ CAGNIN, Antonio. Foi o Diabo! Introdução à edição fac-similar de o *Diabo Coxo*. Segundo Cagnin, escrita erroneamente como Farcella nos jornais.

²⁰ OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. *Ângelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-17910)*, p. 74.



no espaço. Um milagre proporcionado pela litografia e pelo artista. A litografia democratizou a imagem. Divulgou, difundiu, popularizou²¹.

O *Correio Paulistano* anuncia o *Diabo Coxo* como “uma nova publicação hebdomária que acaba de aparecer no domingo último” e completa “escrita no gênero da *Semana Illustrada*, porque é um jornal essencialmente para fazer rir. E há de conseguir o fim a que se propõe”.

A revista era redigida por Luiz Gama (advogado, jornalista ex-escravo, liberal e percussor do abolicionismo) e Ângelo, tendo como colaboradores Antônio Manuel dos Reis e Almeida Garret. Algumas pesquisas citam os nomes de Sizenando Nabuco (advogado, posteriormente deputado e irmão Joaquim Nabuco, importante defensor da abolição), além de Américo de Campos (jornalista, diplomata, republicano) e Bernardino de Campos (diplomata, advogado, republicano e político). Seus temas recorrentes se pautavam na vida política e cultural da província, fatos da cidade de São Paulo e a Guerra do Paraguai.

O destaque dado às ilustrações pelo periódico fez com que o trabalho de Agostini desse um salto de qualidade e popularidade. É nítida a evolução de seu trabalho número após número do *Diabo Coxo* e ali já era possível observar características marcantes que norteariam todo seu trabalho, as charges, as reportagens visuais e as ilustrações panorâmicas.

Os desenhos de Agostini impressionavam pela maneira como ele construía e movimentava criando um estilo pessoal. Foi através dessa publicação que Agostini começou a despontar como um grande defensor das causas abolicionistas.

O *Diabo Coxo* não durou muito tempo, suas atividades terminaram em dezembro de 1865, um ano e três meses após seu lançamento.

Nove meses depois, em setembro de 1866, Agostini edita o *Cabrião*, com o jornalista Américo de Campos, que posteriormente foi um dos fundadores do jornal que hoje é conhecido como *O Estado de São Paulo* e Antônio Manuel dos Reis.

²¹ CAGNIN, Antonio. Foi o Diabo! Introdução à edição fac-similar de o *Diabo Coxo*, p.16-17.



O *Cabrião* teve 51 números e muito se assemelhava ao extinto *Diabo Coxo* em seu formato, quatro páginas de texto e quatro páginas ilustradas e, assim como seu antecessor, saía aos domingos ao custo de 500 réis o exemplar. Era combativo, liberal e irreverente e tinha como destaque matérias anticlericais, ironias ao aspecto da vida local, à elite paulista e à escravidão. Por conta de seu tom provocador teve sua sede assaltada e depredada, duas vezes, e sofreu um processo criminal, o primeiro movido no Brasil, por causa de uma charge (Imagem 10).

Imagem 10 – O cemitério da Consolação no dia de finados.



Fonte: Arquivo CCLA.

Junto as polêmicas de suas reportagens, o *Cabrião* teve também alguns embates com o *Diário de São Paulo*, periódico conservador e católico que publicou em suas páginas as seguintes palavras em março de 1867:

O Correio Paulistano e o Cabrião - Todos quanto estiverem ao fato do movimento atual da imprensa na capital desta provincia hão por certo ter observado que a opimião liberal é ali representada no mundo da publicidade por dois orgãos de diverso gênero – um jornal periódico (a gazeta do governo) e um jornal de caricatura, o Correio Paulistano e o Cabrião. Caminhando por sendas diferentes, estes dois jornais encontram-se todavia nun ponto – a ação nociva que neste momento exercem sobre a sociedade, a folha oficial com suas doutrinas ultra-liberais e o jornal caricato com seus desenhos altamente injuriosos.



Vindo a falir em 1867, o *Cabrião* teve como destaque as críticas contra à Guerra do Paraguai, contra Duque de Caxias e ao recrutamento de voluntários para a guerra usando a sátira dos desenhos e caricaturas para informar. Nesse periódico foram observadas fortes ideias republicanas. O símbolo do jornal, o *Cabrião*, já era uma maneira de criticar, era representado por um personagem popular que percorria a cidade atazanando os políticos do partido conservador.

Não se sabe ao certo porque e nem como, mas Ângelo Agostini se mudou para o Rio de Janeiro onde prosseguiu suas atividades em favor da abolição dos escravos e se destacou realizando diversas charges de D. Pedro II.

Ainda em 1867 colaborou com *O Arlequim*, folha humorista que ironizava o futuro e mostrava, através das ilustrações, barbaridades da escravidão. *O Arlequim* fechou suas portas em dezembro do mesmo ano, para em janeiro de 1868 voltar com um novo formato, 12 páginas, e com um novo nome, *Vida Fluminense*.

Nas páginas centrais havia o trabalho de Agostini, e embora a *Vida Fluminense* tenha circulado por oito anos, Agostini colaborou com seu trabalho somente até o número 97, publicado em novembro de 1969. Entretanto, antes de deixar a *Vida Fluminense*, Ângelo Agostini publicou, semanalmente, a partir de janeiro de 1869, alguns episódios de *As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de Uma Viagem à Corte*, história em quadrinhos sobre um interiorano em uma viagem pelo Rio, considerada, hoje, a primeira história em quadrinhos do Brasil, e uma das primeiras do mundo.

Juntamente com os desenhos, Agostini pintava óleos e aquarelas com paisagens do Brasil e da Europa, aproveitava para ironizar outros artistas plásticos com caricaturas de suas obras.

Está registrada a passagem de Agostini em *O Mosquito*, onde este mostra maturidade nas técnicas de desenho e na edição jornalística e tudo leva a crer que em 1874 tornou-se um dos sócios da publicação. Ainda assim, meses depois se desliga de *O Mosquito* e lança o que viria a ser a sua mais importante publicação, a *Revista Illustrada*.

1. Essa história começa com uma casa



Em 1876, nasce a *Revista Illustrada*, publicação com mesmo formato dos trabalhos anteriores de Agostini. A *Revista* circulou por 22 anos, sendo que 12 deles dirigidos por Agostini, que desenhou quase duas mil páginas dentro das 739 edições lançadas. Versava sobre a abolição da escravidão, política, questões sociais e culturais e o dia a dia da Corte.

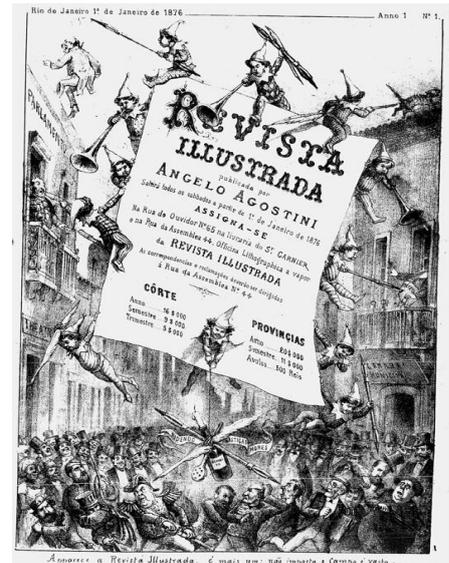
A *Revista Illustrada* se tornou referência política e cultural na campanha abolicionista. Seu tom para tal causa é observado em quase todas edições a partir de 1884, denunciando abusos e divulgando ações como o fim da escravidão no Ceará ou exaltando os jangadeiros que se negavam a transportar escravos por serem contra o tráfico interprovincial.

Foi a frente da *Revista* que Agostini alcançou seu auge como cronista social e seus desenhos que denunciavam os horrores da escravidão representando as torturas aos quais os negros eram submetidos provavelmente são, provavelmente, o ponto alto de toda sua obra.

Entre os colaboradores de Agostini neste trabalho estavam Luiz de Andrade, Pereira Neto, Fritz Harling, João Joaquim Mendes, Julio Harling e Julio Verim. É interessante ressaltar que embora defendesse a abolição da escravatura, a *Revista Illustrada*, não se empolga com a propaganda republicana. Embora o Imperador fosse retratado como desatento diante das necessidades imediatas, a legitimidade do Império não era colocada em dúvida.

Foi na *Revista* que Agostini desenvolve o quadrinho *As Aventuras de Zé Caipora*, personagem que habitava o Rio de Janeiro e criticava as mazelas, os costumes e tradições da sociedade da corte. Zé Caipora seria o Nhô Quim, da série *As Aventuras do Nhô Quim ou impressões de uma viagem à corte*, anos mais velho.

Imagem 11 – Edição nº 1 da Revista Illustrada.



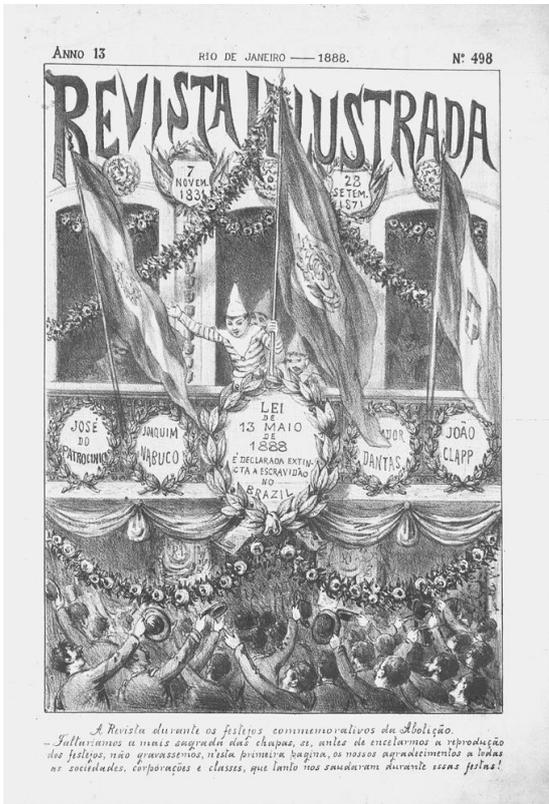
Fonte: Arquivo CCLA.

1. Essa história começa com uma casa



Imagem 12 – Capa da edição de 18 de maio de 1888 da *Revista Ilustrada*.

Imagem 13 – Página 2 da edição de 18 de maio de 1888 da *Revista Ilustrada*.



Fonte: Arquivo CCLA.



Fonte: Arquivo CCLA.

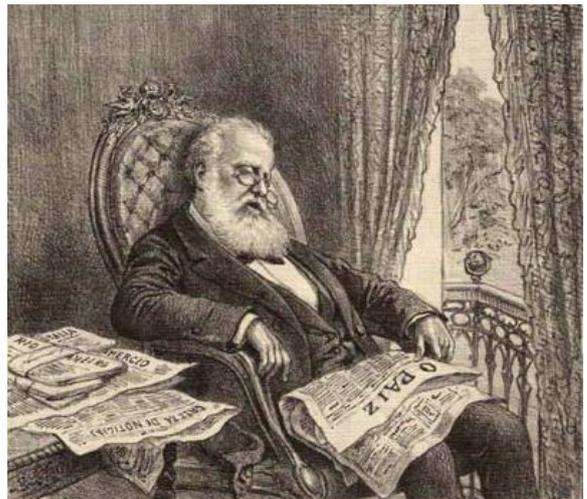
Imagem 14 – Desenho de Agostini que denuncia atrocidades contra os escravos publicada na *Revista Ilustrada* n.º 427.

Imagem 15 – Imperador retratado como desligado do mundo. *Revista Ilustrada* n.º 450 em fevereiro de 1887.



Contam-se horrores sobre as atrocidades dos barbares senhores. Escravos tem sido mettidos vivos em fornos incandescentes,

Fonte: Arquivo CCLA.



Fonte: Arquivo CCLA.



Vale ressaltar que até o advento da abolição Ângelo Agostini não tinha se naturalizado brasileiro, correndo, antes disso, o risco permanente de deportação.

(...) há muito já se considerava brasileiro pelo coração. E, se ainda não se havia naturalizado, era para que não se pensasse nos embates da propaganda, que ele o fazia por fraqueza ou por medo. Agora, porém, que a campanha estava vencida, agora que já não havia mais riscos a correr (...) declarava em alto e bom som que ia naturalizar brasileiro. (MENEZES, 1947)²².

Joaquim Nabuco escreveu sobre o fato em 30 de agosto de 1888 em *O Paiz*:

Fui eu quem teve a honra de expressar ao grande jornalista (...) a aspiração de seus camaradas de lutar de o ver tomar o título de brasileiro com uma medalha de campanha. (...) O seu lápis teve durante 20 anos a indefectível coragem de dizer aos inimigos do progresso nacional, em linguagem que todos entendiam. A sua Revista foi a bíblia dos abolicionistas e do povo, o qual não sabe ler.

Alguns entusiastas de Agostini, como o próprio Nabuco, defenderam a ideia que as charges da *Revista Ilustrada* exerceram grande influência numa sociedade onde o número de analfabetos era enorme, permitindo que estes, entendessem o que estava acontecendo no país através dos desenhos. Entretanto, a verdade era que a *Revista Ilustrada* tinha um alto custo, não sendo acessível ao “povo”.

Na edição de 13 de outubro de 1888 foi anunciado, na *Revista Ilustrada*, com grande destaque, que Ângelo se afastaria de seu trabalho e sairia do país. O porquê de Ângelo se retirar justamente quando estava no seu auge e desfrutava de grande prestígio artístico, intelectual e político não se sabe ao certo. O fato é que pouco se sabe sobre as andanças ou a vida pessoal de Agostini, somente há algumas pistas relatadas através do personagem *Cabrião* que se deduz ser sua autobiografia.

O que se sabe ao certo é que desde 1870, Ângelo era casado com Maria José de Palha, filha do Visconde de Palha (fazendeiro da região de Vassouras), com

²² MENEZES, R. “Curiosidades Biográficas – Ângelo Agostini”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01 de julho de 1947.



quem teve três filhos. Entre 1887 e 1888, o artista, se vê diante de complicações quando sua amante e aluna Abigail de Andrade engravida dele aos 16 anos.

Única mulher a receber medalha de ouro por trabalhos expostos no Salão Imperial de 1884, Abigail recebeu diversos elogios dos críticos. O relacionamento amoroso dos dois, a gravidez e o nascimento da filha Angelina em 1888, causaram um grande escândalo e, talvez por isso, o casal se viu obrigado a partir para Paris em outubro do mesmo ano. Já na França, em abril de 1890, nasceu o segundo filho do casal, Ângelo, em seguida Abigail falece e logo depois o filho do casal. Ambos de tuberculose.

Coube a Pereira Neto, assumir a responsabilidade de substituir Ângelo à frente da *Revista Ilustrada* enquanto este estava na Europa. A *Revista Ilustrada* entrava então em sua segunda fase: a caricatura cada vez aparecia menos em suas páginas, de crítica ao governo passa a ser um jornal de apoio ao governo republicano, servindo a este e perdendo sua autonomia característica.

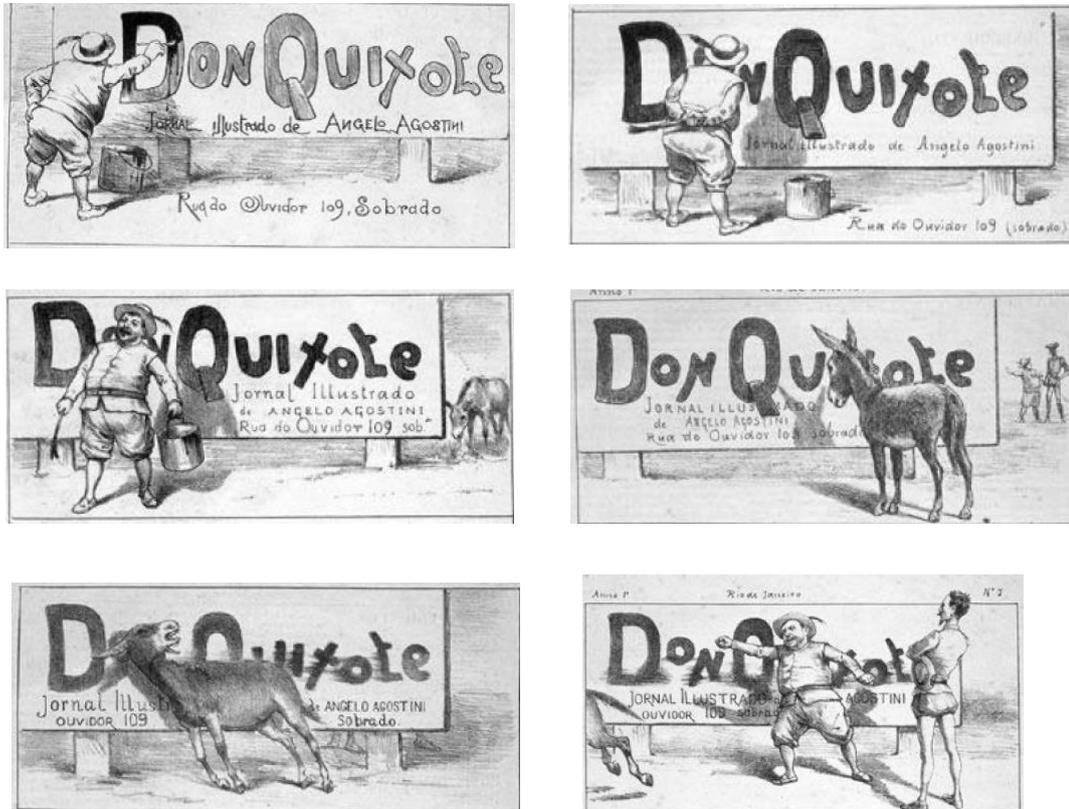
Ao retornar da Europa, no fim de 1894, com sua filha Angelina, que deixa aos cuidados de sua filha e de seu genro (Laura Agostini e Álvaro Alvim), Agostini abre mão do jornal que criara, vendendo sua parte. Em janeiro de 1895 funda o periódico *Dom Quixote*, título perfeito para um artista que ainda sonhava com a função pública da imprensa e a liberdade de opinião. Entretanto, o jornalismo já deixava de ser artesanal passando a ser uma empresa, com novas técnicas de reprodução, que permitiam a reprodução de fotografias, surgiam o *Jornal do Brasil* e *O Malho* - jornais com grandes tiragens a preços bem mais acessíveis - onde Agostini trabalha após o *Dom Quixote* ter falido, em 1903, depois de sofrer longos intervalos na publicação.

Antes de falir, as páginas de *Dom Quixote* apresentaram mais uma nova de Agostini. O logotipo do periódico muda a cada edição como se fosse uma narrativa, faz isso por 24 números. Foi somente em 1940 que se viu algo parecido com a história em quadrinho do *The Spirit* criado por Will Eisner (1971-2005).

1. Essa história começa com uma casa



Imagem 16 – Narrativa feita com o logotipo do Dom Quixote.



Fonte: Arquivo CCLA.

Em 1904 colaborou com *O Malho* onde, mais uma vez, inovou ao desenhar a primeira história em quadrinhos destinada as crianças, intitulada “Por causa de um cachorro”. A direção de *O Malho* se entusiasmou com o sucesso do quadrinho e, em 1905, anunciou o lançamento do *O Tico-tico, o jornal das crianças* e Ângelo foi convidado a fazer o letreiro da nova publicação.

Após o lançamento da revista *O Tico-Tico*, Agostini passa a ser um de seus colaboradores e paralelamente continua colaborando com *O Malho* onde, em 1905, retorna com o personagem *Zé Caipora* que teve suas histórias publicadas entre os anos de 1901 a 1903 no *Dom Quixote* e na atual publicação dá prosseguimento as histórias do ponto em que haviam parado.

A colaboração em *O Malho* vai até novembro de 1907 e depois disso Agostini encerra sua carreira.



Em 23 de janeiro de 1910, Agostini falece, deixando uma obra incomparável. Nos 51 anos em que viveu no Brasil tornou-se o precursor da caricatura nacional, além de satirizar e criticar a política, tendo papel de destaque na abolição da escravatura. Criou em suas histórias um personagem tipicamente brasileiro tornando-se com ele um dos pioneiros das histórias em quadrinhos e abriu espaço para a produção literária satírica com *O Diabo Coxo* e *o Cabrião* que representaram, através de imagens, a cidade e seus problemas e onde era possível não só questionar, mas também visualizar o que acontecia.

Hoje seu nome serve de inspiração ao Prêmio Ângelo Agostini, concedido anualmente pela Associação de Quadrinistas e Caricaturistas de São Paulo (AQC-ESP), sendo uma das mais tradicionais premiações brasileiras a arte sequencial. Além da criação do *Dia do Quadrinho Nacional*, comemorado em 30 de Janeiro, aniversário da primeira publicação de *As Aventuras de Nhô Quim*.

Laura Alvim, em sua casa, tinha diversas obras do avô, entre óleos, desenhos, gravuras e caricaturas, e algumas destas obras ainda constam no acervo da CCLA.

2. CAPÍTULO

CASA DE CULTURA LAURA ALVIM



O “Ensaio sobre a dádiva” de Marcel Mauss trata de que forma e razão são feitas as trocas, nas sociedades primitivas, defendendo a ideia que estas trocas são fenômenos coletivos que respondem, não apenas a valores econômicos ou de uso, mas às necessidades culturais, à capacidade de nutrir e criar vínculos sociais. Para isso a dádiva estaria regulada em três obrigações interligadas: dar, receber e retribuir. Essas obrigações mesclam a gratuidade com a obrigação, isto é, uma dádiva é ofertada de livre e espontânea vontade, mas há intrínseco nesse ato a obrigação ao “contra dom”, a “reciprocção” por parte de quem recebe esta dádiva.

No primeiro capítulo foi possível observar a constituição do objeto desse trabalho, a Casa de Cultura Laura Alvim, desde a sua construção até a doação ao Estado do Rio de Janeiro, expondo a memória da família Alvim e a representatividade daquele espaço para Laura. No ato de doação, ou melhor, na teimosia de Laura em fazer de sua casa um espaço público, recusando propostas milionárias, mesmo vivendo de maneira precária, ela deixa claro que o valor monetário que a casa apresentava não era superior ao simbolismo que representava. Assim, a doação de Laura constitui na dádiva a primeira obrigação, o ato de dar. A casa era parte de um sistema de relacionamento social, que para Laura, era superior ao relacionamento de interesse econômico.

O segundo capítulo, por sua vez, explana o momento de recebimento desta doação, pelo Estado, que seria a segunda obrigação defendida por Mauss, o receber. O objetivo é entender o que o Estado fez a partir dessa doação, como trabalhou esse recebimento, que no contexto deste estudo é de uma doação material que se transformou em algo imaterial, de uma casa se tornando publicamente um espaço recheado de simbolismo e memórias. Com isso pretendemos expor como se deu a construção desse receber, como foi o processo de transição de um lugar privado para um lugar público e a memória coletiva que advém desse movimento. Sem esquecer que o mesmo objeto pode apresentar valores diferentes dependendo do circuito no qual atua e transita e que esses valores se dão através de uma série de processos de negociação que fazem com essas memórias sejam transmitidas de determinadas maneiras e não de outras.



2.1. Mais águas que rolaram

Após Laura assinar o novo testamento, a FUNARJ, enfim, recebeu autorização para começar as obras que transformariam a casa em um centro cultural. Entretanto, ainda havia um problema a ser resolvido. Para onde iriam as pessoas, e até mesmo famílias inteiras, que moravam há anos nos cômodos em obras?

Esses moradores eram, em sua maioria, conhecidos de Eliezita Lima de Paiva, ou Zita como era conhecida. Zita foi governanta de Laura por 28 anos, até Laura falecer. Ela viu as obras efetivamente começarem, pararem, recomeçarem e a casa ficar praticamente abandonada. Foi ali, naquela casa, que seus três filhos nasceram. Durante esses 28 anos diversas pessoas de Hidrolândia, sua cidade natal e de Irajá, a cidade vizinha, ambas no Ceará, quando chegavam ao Rio de Janeiro tinham com única referência a casa da Vieira Souto 176. Assim, Eliezita solicitava a Laura Alvim abrigo aos seus conterrâneos. Laura, por sua vez, não só permitia que fossem ficando até arrumarem emprego e um lugar para morar, como fazia questão de conhecer cada um deles, saber de suas vidas e de suas histórias²³. Nos anos 70, dizia-se, por conta de tantas pessoas de Hidrolândia que morava na casa, que todos daquela cidade conheciam alguém que vivia ali e por isso, no orelhão da cidade havia o telefone da casa de Laura anotado. Nessa época, Laura chegou a abrigar cerca de setenta e oito pessoas e a casa ganhou a alcunha de “Embaixada do Ceará”²⁴. A sobrinha de Laura, Lúcia Alvim, em depoimento ao documentário *O sonho de Laura* realizado pela PUC em 2010, afirma que ao viajar ao Ceará, na época, viu em um jornal local uma chamada que dizia que se alguém precisasse de algo no Rio de Janeiro que procurasse a Avenida Vieira Souto 176.

Por conta de tantos moradores a disposição da casa ficava assim, Laura ocupava o primeiro andar, que era mais conhecido como o porão, do prédio principal onde havia uma biblioteca, seu quarto e um grande banheiro. Para que tivesse acesso ao terceiro andar, espaço onde recebia suas visitas, assistia ao pôr do sol e onde pretendia morar quando o centro cultural estivesse pronto, colocou um

²³ Edna Timbó em entrevista realizada a essa autora em 21 de março de 2015.

²⁴ BONFIM, B. Ipanema vai ganhar um Centro Cultural de verdade – tudo como quer D. Laura Alvim, filha de cientista, neta de artista. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1981. Caderno B.



elevador. No segundo andar, onde ficava a cozinha da casa, morava Eliezita e sua família. Nos demais espaços do casarão e no prédio anexo, nos camarins e nas salas de apoio do teatro, na bilheteria e na galeria, enfim, em todos os cantos, havia alguém morando²⁵.

Mariana declarou, ao Jornal do Brasil de 02 de abril de 1984, que essas pessoas deveriam ter seu destino estudado com cuidado porque estavam ali com consentimento de Laura:

Tenho certeza que a FUNARJ saberá resolver o problema dessas famílias. Talvez, quem sabe, poderão ser alguns aproveitados como empregados da casa de cultura. Eles estão ansiosos, é normal, porque embora exerçam profissões (há motoristas de taxi, pipoqueiros, biscateiros) e tenham algum conforto material (televisão e aparelhos), pagar agora um aluguel é difícil. (ALVIM, L. *apud* BONFIM, 1984).

Logo após a morte de Laura, quando a FUNARJ tomou posse do imóvel, segundo Mario Honório²⁶, que representava da FUNARJ, as pessoas que habitavam a residência foram encaminhadas a outras moradias. No geral, houve um bom entendimento entre as partes e assim quarenta e três moradores saíram espontaneamente, respeitando o desejo de Laura.

Eliezita e a família foram morar em uma casa no Engenho Novo. A casa foi um presente de Laura Alvim a Eliezita pelos tantos anos de dedicação e serviços prestados.

Entretanto duas famílias, sete pessoas, entre elas crianças, que ocupavam a parte superior do segundo prédio, criaram certa resistência para sair do imóvel. A princípio foi solicitado um prazo maior para a mudança, após o prazo espirar, o imóvel continuou ocupado. Essas famílias teriam sido encaminhadas a duas moradias, mas só aceitaram a transferência, 12 meses após o falecimento de Laura, para uma casa no bairro do Catumbi, composta de sala, dois quartos, banheiro,

²⁵ Edna Timbó em entrevista realizada a essa autora em 21 de março de 2015.

²⁶ Mário Honório em entrevista a essa autora realizada em 09 de janeiro de 2007.



cozinha, varanda e outras dependências. Contudo, no dia em que seria realizada a mudança anunciaram que, por orientação de seu advogado, não sairiam da casa.

Em seguida o advogado Walter Mendes da Silva, representando os moradores, e o deputado Alcides Fonseca, um conhecido opositor de Brizola que era o então Governador do Estado, chegaram ao local e acusaram os representantes da FUNARJ de invasão e de que teriam feito ameaças as pessoas que ainda residiam no imóvel. Junto a isso a FUNARJ foi acusada de não pagar as contas de água e luz e o fornecimento de ambas foi cortado. A imprensa e a Polícia Militar foram acionadas e depois de muito tumulto, os representantes das famílias conseguiram que estas não fossem retiradas da Casa.

Segundo os moradores, Mário Honório e Luzinete teriam quebrado portas e retirado diversos móveis da casa a força, além de contratar o caminhão de mudança naquele dia à revelia deles. Pelo lado de Mário e Luzinete, a versão que consta é que a mudança havia sido previamente combinada. A FUNARJ teria se encarregado do caminhão de mudança a pedido dos próprios moradores e o Deputado Alcides Fonseca os teria ameaçado com uma escopeta²⁷.

O Walter Mendes da Silva, em nome dos ocupantes do imóvel, abriu um processo *interdito proibitório*²⁸ contra Mario Honório Teixeira Filho e Luzinette Parízio Martins, respectivamente representantes da FUNARJ e de Laura Alvim. Segundo Mário a ação foi movida contra ele e Luzinete pelo fato da FUNARJ ser uma fundação instituída pelo Poder Público, sendo assim nenhum juiz poderia dar uma liminar sem que houvesse comprovação das ameaças atribuídas ao réu.

A justificativa usada pelo advogado Walter Mendes para a permanência daquelas pessoas era que havia um contrato verbal feito entre os mesmos e Laura Alvim. Juntamente a essa justificativa foi questionado o direito que a FUNARJ teria sobre o imóvel, uma vez que Laura havia constituído uma Sociedade e que esta teria a posse da casa até 1996, segundo termo de comodato assinado pela própria Laura. Para respaldar seu questionamento, mesmo com termo de distrato dessa Sociedade realizado em 21 de fevereiro de 1984, Walter Mendes alegou que a

²⁷ Mário Honório em entrevista a essa autora realizada em 09 de janeiro de 2007.

²⁸ Ação judicial que visa repelir algum tipo de ameaça à posse de determinado possuidor.



assinatura do mesmo foi realizada somente após a assinatura o segundo testamento de Laura, as vésperas de sua morte e que o distrato teria sido assinada por duas pessoas físicas, uma representando a Sociedade, que seria Laura Alvim e a outra seria Luzinete. O grande problema, segundo o advogado, é que Laura assinou a *rogo*²⁹, desse jeito Luzinete teria assinado duas vezes, uma como procuradora de Laura respaldando sua digital e outra como a segunda pessoa física. Walter Mendes acrescentou o fato que na assinatura do primeiro testamento, que tinha a Sociedade como beneficiária, foi realizado um laudo médico que garantiu a sanidade de Laura e que na assinatura do segundo testamento não foram tomadas as mesmas providências, mesmo Laura Alvim sendo uma senhora de 76 anos e acrescentou que era “*comentário usual que Laura não saía do quarto não falava e se encontrava em estado de semi-sonolência*”³⁰. Solicitou a realização de perícia grafotécnica nos livros de notório público que lavrou a rescisão do comodato, da procuração pública outorgada a Luzinete e do testamento legando o imóvel a FUNARJ.

Junto a esse processo, através de representantes, a FUNARJ ingressou uma ação pública de reintegração de posse contra os moradores que permaneciam na casa da Avenida Vieira Souto, José Penha Sobrinho e sua mulher Abigail Timbó Penha e Antônio Cícero de Paiva e sua mulher Albani Camelo Lima de Paiva. Após estes tomaram ciência de que os comodatos verbais relativos ao imóvel, que poderiam existir entre os mesmos e Laura haviam sido reincididos, lhe foram concedidos 10 dias para desocupação da mesma. E finalmente assim foi feito.

Sendo assim, como o imóvel da Av. Viera Souto se tornou objeto de duas ações em comum, foi solicitado declive do juiz que tratava a causa contra Mário e Luzinete evitando que houvesse decisões conflitantes.

Mesmo após a saída das duas famílias, a guerra judicial teve prosseguimento. O processo somente foi extinto em 04 de maio de 1989, com a CCLA já funcionando há 03 anos.

²⁹ Recolhe-se a digital da pessoa e outra assina respaldando (muito usado em caso de contratos realizados com pessoas analfabetas).

³⁰ Walter Mendes da Silva se referindo a Laura Alvim no Processo 3617de Interdito Proibitório, p.49.



2.2. Obras

No dia 1º de julho de 1985 são iniciadas as reformas na Casa de Álvaro Alvim pela FUNARJ com apoio do Banerj e da Secretaria de Obras. Laura deixou a galeria de artes e o teatro praticamente prontos. Sérgio Pereira, primeiro diretor da CCLA, em entrevista ao Jornal O Globo, em 12 de maio de 1986, relatou que o maior problema da reforma foi encontrar um arquiteto que não quisesse unificar os diversos estilos existentes em um estilo único. O escolhido para tal empreitada foi Carlos Eduardo Mano.

As obras causaram inúmeras discussões entre os arquitetos Carlos Eduardo Mano e Sonia Távora, os coordenadores Sergio Pereira, Stella Marinho e Silvia Alencar e entre Ênio Moreira e Tatiana Memória, que frequentaram o lugar quando Laura era viva³¹, uma vez que na casa não era possível encontrar duas portas iguais, uma entrada larga dava em um quarto mínimo e uma porta estreita era entrada de um salão gigantesco.³² Ao final, o resultado encontrado, mesmo após as reformas, conseguiu ser fiel ao espírito da casa, com seus nichos, recantos, colunas e fontes.

Ainda assim, diversos reparos e acertos, além das reformas e adaptações arquitetônicas, foram realizados levando em consideração as atividades que seriam desenvolvidas na casa.

Foram refeitas as instalações hidráulicas e elétricas e realizadas correções de infiltrações, substituição de pisos, paredes, ferragens, janelas e vidros. O vitral da escada de madeira foi restaurado, foram instalados ares-condicionados e as paredes ganharam nova pintura. Na entrada, o muro foi retirado e o portão substituído.

No segundo andar da casa foi feito o Centro de Artes Ângelo Agostini, com três salões, um deles destinado à galeria de arte para exposições mensais. A

³¹ MARTINS, Alexandre Andre. Casa de Cultura Laura Alvim, centro de cultura na Vieira Souto. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 12 maio 1986. Segundo Caderno, p.03.

³² CÔRTEZ, Celina. Rio ganha um novo centro de Cultura. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 maio 1986. 1º Caderno. p.14.



cozinha, os banheiros foram eliminados para abrigar as salas de cursos e um auditório de 60 lugares, para conferências e seminários.

Na varanda foi feito um videoclube, com trinta lugares, telão e programação de arte, ficção e cultura. Abaixo dela, em um espaço de 50 m², foi feito o *Porão*, um teatro de arena, com cadeiras, palco modular, condições sonoras e iluminação cênica com intuito de ser um espaço aberto para diversos eventos culturais.

As arcadas foram estabelecidas como um espaço aberto para eventos de dança, teatro, lançamentos e pequenas exposições. O sino adquirido por Laura, com intuito de anunciar o início das peças teatrais, foi mantido assim como uma pequena torre que não tinha portas de acesso, apenas janelas e que contava com cinco degraus de cada lado levando a lugar algum, idealizada por ela para ser a bilheteria e que Leonel Kaz definiu como “um perfeito Magritte”³³. Do lado direito foi mantida uma sala para eventuais shows e pequenas peças teatrais e a sala do lado esquerdo, projetada por Laura para ser a Galeria de Artes, foi transformada em cinema ou sala de projeção. Na parte de frente das arcadas foram feitos dois banheiros, idealizados por Laura, com as paredes revestidas por pequenas pedras.

Imagem 27 – Sala de cinema.



Fonte: Arquivo CCLA.

No teatro, que já contava com um palco italiano, foram realizadas diversas reformas, principalmente na coxia, nos camarins e na instalação elétrica. Foi instalado ar condicionado central, iluminação, além da colocação das poltronas nos dois pavimentos. Junto a programação teatral, foi definido que o teatro seria aberto a realização de grandes eventos musicais e nos finais de semana, à tarde, abrigaria uma programação infantil. No mesmo prédio foi instalada sala de cinema de 16 mm com capacidade para cinquenta pessoas (Imagem 17).

No último andar da casa, que pode acessado por uma escada interna de madeira ou pelo elevador, foi o lugar escolhido para abrigar o museu com as obras e os pertences de Ângelo Agostini, Álvaro Alvim e a reconstituição do quarto de Laura

³³ CÔRTEZ, Celina. Rio ganha um novo centro de Cultura. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 maio 1986. 1º Caderno. p.14.



ao lado do seu grande banheiro rosa com *closet*, mas que ela não chegou a usar. Todo o mobiliário foi restaurado sob a supervisão de Tatiana Memória, na época chefe do setor de oficina do Teatro Municipal. Segundo Tatiana, muitas das peças tiveram que ser reconstituídas por que tinham se perdido, após tantos anos de abandono³⁴.

Imagem 18 – Imagens do Museu de Laura.



Fonte: Arquivo CCLA.

Mariana Alvim, irmã de Laura, foi a responsável por organizar o museu recolocando os móveis que sobraram nos lugares certos, já que estes foram removidos pelas muitas obras feitas, e deu destaque aos anjos barrocos, que faziam parte da coleção de Laura. Uma dessas peças pode ser observada na fachada da casa, onde ocupa uma das portas de acesso da Casa de Cultura (Imagem 19).

Imagem 19 – Escultura de anjos.



Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

A sala destinada a Ângelo Agostini, assim como o teatro, não foram inaugurados na mesma ocasião que a CCLA foi aberta ao público.

³⁴ Tatiana Memória em entrevista a essa autora realizada em 19 de dezembro de 2006



Como era a vontade de Laura homenagear seu pai e seu avô, o prédio principal foi denominado de Casa de Álvaro Alvim e o anexo de Centro de Artes Ângelo Agostini. Contudo, Darcy Ribeiro achou justo homenagear a idealizadora do espaço, que tanto se dedicou e abdicou para a sua realização, e batizou o conjunto de Casa de Cultura Laura Alvim e foi assim que foi a casa foi apresentada, inaugurada e como é conhecida até hoje.

Imagem 20 – Imagens das obras realizadas para inauguração da CCLA.



Fonte: Arquivo CCLA.

2.3. Estreia!

Depois de ser adiada por duas vezes, no dia 12 de maio de 1986, às 20h, finalmente foi inaugurada o Casa de Cultura Cultural Laura Alvim. O convite foi aberto ao público e mais de 600 pessoas marcaram presença, circulando livremente pela casa.

O pontapé inicial do evento foi à inauguração da escultura do artista Franz Weissman que até hoje se encontra na entrada da casa (Imagem 21) e pela recepção oferecida por cinquenta alunos da Faculdade da Cidade, caracterizados de personagens de Shakespeare e Brecht, trajando figurinos do Teatro Municipal, apresentando a performance *Sonhos de Laura*, fornecendo informações sobre o centro cultural e sobre a própria Laura³⁵.

Imagem 21 – Franz Weissman.



Fonte: Arquivo CCLA.

³⁵ MARTINS, Alexandre Andre. Casa de Cultura Laura Alvim, centro de cultura na Vieira Souto. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 12 maio 1986. Segundo Caderno, p.03.



Foram inaugurados o auditório e o Centro de Artes, na galeria uma exposição dedicada a Ângelo Agostini e em um dos salões a exposição de fotos de Bina Fonyat sobre Copacabana. Em seguida foram apresentadas as salas de computação, as salas para as oficinas de desenho e a exposição de Estandartes, com o tema *Liberdade e Democracia*, criado por dez artistas plásticos. Na sala de vídeo foram apresentados os filmes *Vergara* de Carlos Vergara, Belizário Franca e Piero Mancini, *Apaga-te Césamo - Valtércio Caldas* de Miguel Rio e *Lygia Clark* de Mario Carneiro, enquanto isso, no Cine 16 foi realizada a exibição de um documentário sobre Ângelo Agostini³⁶.

Ainda neste dia, a direção da casa recebeu uma doação de discos de música clássica e de jazz pela gravadora Polygram para compor seu acervo e nas arcadas foi realizado show da Rio Jazz Orquestra, sob a direção de Marcos Szpilman, com um repertório, dos anos 30 e 40, que ia de Ary Barroso à Cole Porter.

Como atração especial da noite, com a presença de Neuza Brizola e de Mariana Alvim, que em seus agradecimentos afirmou que Laura estaria muito feliz se estivesse presente naquele momento, foi realizada a entrega do Teatro Laura Alvim pelo professor Darcy Ribeiro à atriz Fernanda Montenegro, representando a classe artística. Se apresentaram no palco Regina Duarte, Tônia Carrero, Nathalia Timberg, declarando poemas tendo, Walmor Chagas, recitando Camões e Manoel Bandeira, Antônio Pedro com apresentação de sapateado e Ítalo Rossi, todos sob a direção de Wolf Maia. Ao receber o teatro Fernanda declarou:

Laura querida, você que optou pelos loucos, eu ousadamente, um dia lhe disse: seu desejo será cumprido. Nesta que talvez seja a única doação cultural desse gênero, vamos tornar realidade suas audácias, entre elas montar Shakespeare. Uma doação exige reciprocidade por parte do Estado. Esta casa não pode nunca se transformar num elefante branco a beira-mar³⁷.

³⁶ CÔRTEZ, Celina. Rio ganha um novo centro de Cultura. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 maio 1986. 1º Caderno, p.14.

³⁷ CASA de Laura Alvim, um novo centro de cultura. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 16 maio 1986. Jornais de Bairro, p. 12.



A casa que já foi frequentada por Madame Curie, o pianista Ernesto Nazareth, que recebeu diversos artista que despontaram grandes personalidades no teatro e que foi palco da perseverança tanto de Laura, quanto de seu pai, finalmente seguiu o destino traçado por Laura.

Imagens da festa de inauguração da Casa de Cultura Laura Alvim

Imagem 22 – Darcy Ribeiro e Sérgio Pereira da Silva.



Imagem 23 – Inauguração do Teatro Laura Alvim - Sérgio Brito.



Imagem 24 – Inauguração do Teatro Laura Alvim - Ítalo Rossi.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 25 – Neuza Brizola, Darcy Ribeiro e Sérgio Pereira.



Imagem 26 – Festa de inauguração.



Imagem 27 – Rio Jazz Orquestra.



Fonte: Arquivo Sérgio Pereira da Silva.

Imagem 28 – Mariana Alvim, Darcy Ribeiro, Neuza Brizola e Fernanda Montenegro.



Imagem 29 – Nathalia Timberg.



Imagem 30 – Walmor Chagas, Mariana Alvim e Fernanda Montenegro.



Fonte: Arquivo Sérgio Pereira da Silva.



2.4. Em alguns anos de funcionamento

Próximo de completar três décadas de funcionamento, a Casa de Cultura teve em sua trajetória inúmeros momentos que ganhou destaque por seguir seu propósito de reunir diversas vertentes culturais em um único espaço, agregando o novo e o tradicional. Como era de se esperar, essa postura formou um público diversificado e trouxe dinamismo ao espaço. Entretanto, nesses quase 30 anos também foram inúmeros os obstáculos enfrentados, falta de verba, problemas estruturais, falta de manutenção, público escasso e poucas atividades oferecidas acarretaram, por vezes, na dissociação com o perfil de um espaço multicultural.

Para driblar alguns desses problemas e garantir o seu funcionamento, algo que seria quase impossível apenas dependendo de verbas públicas, a CCLA dispôs, ao longo dos anos, de algumas parcerias, a maioria delas, intermediada pela Associação dos Amigos da Casa de Cultura Laura Alvim (AACCLA) fundada, em 19 de agosto de 1986, como uma sociedade civil sem fins lucrativos que, segundo seu estatuto, tem como objetivos:

- I – Apoiar as atividades da Casa de Cultura Laura Alvim, abrangendo, sem a isso se limitar, seminários, mesas redondas, debates, cursos, reuniões, ciclos de palestras, conferências, exposições, programas artísticos, lançamento de livros, projetos de pesquisa, edição de publicações, produção de materiais gráficos e audiovisuais, intercâmbio com entidades congêneres.
- II – Firmar convênio com entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras.
- III – Prestar serviços a terceiros.

Desse jeito, a AACCLA foi criada para gerir os recursos da Casa e captar verbas através de doações, patrocínios e apoios, diminuindo a dependência financeira aos poucos recursos destinados à cultura pelo Estado.

Com a Associação, além da FUNARJ responsável pelo pagamento das contas de luz, água e gás e do salário dos funcionários, a CCLA teve a sua disposição parcerias que possibilitaram investimentos em sua infraestrutura, a diversidade e continuidade de sua programação. Como por exemplo, o patrocínio da



Xerox, em 1988, que possibilitou a criação da sala no Museu em homenagem a Ângelo Agostini, O Banco Boa Vista que em 1996, quando a casa completou 10 anos, a adotou por um período repassando mensalmente uma quantia para manutenção da mesma. Podemos citar também os Correios que patrocinaram algumas edições do Salão Carioca de Humor, o Consulado da Alemanha que, em 1991, doou um projetor para inauguração de uma das salas de cinemas, a construtora RJZ responsável pela passarela que liga o prédio principal ao anexo, entre outros.

Junto a captação de recursos era necessário também garantir o desejo de Laura: a diversidade na programação, agregando novos artistas aos já consagrados, sem esquecer os clássicos. Para isso foi criada a “Comissão de Orientação Teatral da Casa” composta por Fernanda Montenegro, como presidente, o diretor da CCLA Sérgio Pereira, o Superintendente de teatros da FUNARJ Carlos Kroeberm e dois membros indicados pela AACCLA, Inez Barros de Almeida e Juarez Assunção. A Comissão tinha como propósito implementar uma filosofia permanente para uso do teatro da Casa³⁸ e avaliar e julgar as propostas encaminhadas para a ocupação do teatro. Fernanda Montenegro foi uma escolha da própria Laura Alvim para estar à frente do seu teatro.

Atualmente, o interessado em ocupar os teatros da CCLA, preenche um formulário de solicitação de pauta no site da FUNARJ e a avaliação fica a cargo de uma comissão ou diretamente sob a responsabilidade da direção da casa, dependendo de quem esteja à frente da casa e/ou da FUNARJ.

As exposições apresentadas na galeria eram selecionadas através de propostas encaminhadas e também eram escolhidas por uma comissão formada por pessoas ligadas a casa e as artes plásticas. A filosofia seguia a do teatro, expor artistas consagrados e abrir espaço para artistas de qualidade que estivessem começando. Por não ter fins lucrativos, as comissões e os responsáveis pela

³⁸ LAURA Alvim tem comissão para o teatro. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 27 set. 1986. Jornais de Bairro, p.08.



programação do espaço tinham liberdade para apostar em propostas alternativas, como afirmou Laura Carvalho, que foi diretora da CCLA, ao *Jornal Globo*³⁹:

A casa é apaixonante. Tem um clima de trabalho muito positivo e construtivo e é uma grande divulgadora de artistas. A galeria de arte, por exemplo, é um espaço aberto a qualquer tipo de exposição artística, porque não temos preocupações com vendas.

E foi com o ideal de garantir a qualidade do que era oferecido que, logo após a sua inauguração, a administração da casa foi dividida em diversas direções, cada uma responsável por um setor, eram elas: artes plásticas, música, teatro, museus, cursos e lançamentos. Contudo, duas vezes ao ano, todas essas áreas se reuniam em prol de um único tema, ação essa denominada de “Projetos integrados”.

O primeiro dos projetos integrados, “Beckett 80 anos”, organizado pela empresa ArteCultura, ocorreu em junho de 1986, após temporada de dois meses em São Paulo. Foi apresentada a montagem “Katastrophé – o teatro de Samuel Beckett hoje”, exposição, mostras de vídeos e palestras. Para completar a programação, junto as atividades oferecidas na casa, o auditório da Cultura Inglesa, em Copacabana, recebeu duas adaptações da peça *Ato sem palavras I*⁴⁰.

Imagem 31 – Convite para peça Katastrophé.



Fonte: Arquivo CCLA.

Em novembro de 1986, foi realizada a Semana da Cultura Chinesa que, com apoio da Embaixada da China e da Associação Cultural da China, ofereceu exposição de fotografias, apresentação de Tai chi chuan, exibição de vídeos, cinema e palestras.

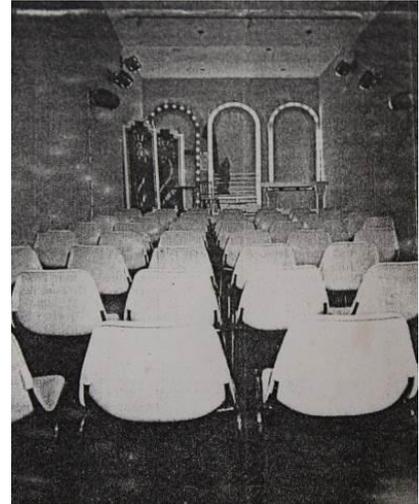
³⁹ CASA de Laura festeja um ano com música, mímica palhaços e crianças, A. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 11 maio 1987. Segundo Caderno, p.06.

⁴⁰ STYCER, Mauricio. Esperando Beckett aos 80 anos. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 jun. 1986.



No mesmo ano foi inaugurada, do lado direito das Arcadas, a Sala Laurazinha (Imagem 32), um teatro de 70 lugares para peças mais intimistas onde o público ficava mais próximo do artista. O espetáculo de estreia foi “Eu sou uma mulher”, de Neila Tavares, onde 18 personagens falaram do universo feminino. Esse espetáculo fez parte da programação de verão dedicado à mulher que incluía o espetáculo “A Casa de Bernarda Alba” e o lançamento do livro de Tônia Carrero “O monstro de olhos azuis” que contou com queima de fogos em forma de lágrimas azuis e apresentação da Orquestra Sinfônica Jovem tocando “Concerto a Dona Beja” de Carlos Gomes. Dentro da programação teve ainda a estreia, em 1987, da montagem teatral, estrelada por Camila Amado com direção de Ítalo Rossi, “Camila - em Momentos” onde a atriz interpretou textos de Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga⁴¹.

Imagem 32 – Sala Laurazinha.



Fonte: Revista Visão, 1986.

Outro exemplo dos Projetos Integrados e que teve imenso destaque na imprensa foi o “Perto de Clarice”, realizado, em 1987, em conjunto a Fundação Casa de Rui Barbosa e com a Oficina Literária Afrânio Coutinho. No período de duas semanas todas as atividades da casa tiveram como tema Clarice Lispector. No teatro foi apresentada pelas atrizes Fernanda Montenegro e Marieta Severo uma leitura dramática de trechos do livro “Paixão Segundo G.H.” e foi realizada a releitura, somente dos textos de Clarice, da peça “Momentos”, de Camila Amado. As salas de cursos abrigaram ciclos de palestras, a galeria recebeu exposição com objetos relacionados à vida e a obra da homenageada, as salas de vídeo e até mesmo o áudio da casa foram usados para abordar o mesmo tema⁴². Tiveram também os lançamentos do livro “Como Nascem as Estrelas – Doze Lendas Brasileiras” escrito em 1977 pela própria Clarice e de publicações com seus textos.

⁴¹ LAURA Alvim dedica programação à mulher. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 08 dez. 1986. *Jornais de Bairro*, p. 20

⁴² FERNANDES, Heloísa. Evento marca dez anos da morte de Clarice Lispector. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 nov. 1987. *Turismo*, p.21.



Teatro

Espaço que foi, não apenas, idealizado detalhe por detalhe, mas também concebido, quase que por completo, por Laura o *Teatro Laura Alvim*, com palco italiano, paredes em pedra e 245 lugares com poltronas projetadas por Niemeyer, foi inaugurado no dia 06 de junho de 1986, quase um mês após a inauguração da Casa de Cultura. A inauguração foi com a montagem “Katastrophé - o teatro de Samuel Beckett hoje”, que teve direção de Rubens Rusche e no elenco Cissa Carvalho, Edson Santana e Maria Alice Vergueiro. A montagem fez parte do primeiro “Projeto Integrado”. A partir daí o palco sonhado por Laura se tornou uma realidade e recebeu, durante todos esses anos, centenas de espetáculos. Dentre eles, para citar alguns exemplos de sucesso, “Quartett” com Tônia Carrero e Sérgio Brito e direção de Gerald Thomaz em 1986, a comédia “Nada” com Pedro Cardoso, Felipe Pinheiro e Tim Rescala em 1988, a “Ópera Joyce” com Vera Holtz em 1989, em 1990 “Quadrante” com Paulo Autran, em 2000 “Um certo olhar” com Raul Cortez, “Novas Diretrizes em Tempos de Paz” com Tony Ramos e Dan Stulbach em 2002, “Depois do Começo do Mundo”, de Hamilton Vaz Pereira em 2008. Em 2009 o teatro foi o palco da peça “O Interrogatório”, com texto de Peter Weiss e com direção de Eduardo Wotzik, que teve duração de 24 horas e contou com 40 atores em cena,

O teatro também serviu de palco para o Concurso de Dramaturgia, mais um dos desejos de Laura. Ainda em 1986, foi realizado o 1º Concurso de Dramaturgia – Prêmio Teatro Laura Alvim. As inscrições foram do início de setembro a 21 de novembro e tiveram cento e vinte cinco peças inscritas. A comissão julgadora foi composta por Tônia Carrero, que presidia a comissão, Barbara Heliodoro, Walmor Chagas, Macksen Luiz e Flávio Marinho. O texto “Nossa Voz” de Luiz Lima Pereira, que tem como tema o período do Regime militar, foi o campeão e encenado na Casa em 1987.

O II Concurso Nacional de Dramaturgia foi realizado apenas 04 anos após o primeiro, em 1992. A peça campeã foi “Lucrecia Borgia” de Paulo César Coutinho e foi montada na casa de cultura com Beth Goulart, Guilherme Karan, Hélio Ary, Pedro Pianzo, Alexandre Lipiani, Eduardo Felipe e Kadu Fávero no elenco. A montagem rendeu a Paulo César Coutinho o Prêmio Shell de 93, como melhor autor. As peças



“Heleno/Gilda” de Edilberto Coutinho e “Salve-se quem puder” de Alberto Mendes Rodrigues ficaram respectivamente em segundo e terceiro lugar. A comissão julgadora foi presidida por Carlos Kroeber e composta por Ítalo Rossi, Camila Amado Jesus, Chediak, Maria Helena Araújo e Beatriz Veiga, que era a diretora da CCLA na época⁴³.

Em 1993 foi realizada a terceira edição do Concurso. Beatriz Veiga, Ítalo Rossi, Loli Nunes (diretores CCLA, Teatro Villa Lobos e Teatro Gláucio Gil, respectivamente) Ivan Proença (Diretor de Projetos Especiais da FUNARJ,) e Jesus Chediak (Diretor de Arte Cênica e Música da FUNARJ) fizeram parte da comissão e o texto de Paulo Sérgio Pereira, “Milagres”, foi o grande vencedor desta edição.

O IV Concurso aconteceu em 1994 e teve a peça “Nasci para bailar” de Hugo Sandes como vencedora. A peça é uma comédia que gira em torno dos conflitos pessoais de 04 personagens.

Depois disso o Concurso Nacional de Dramaturgia – Prêmio Laura Alvim não foi mais realizado. Em 2006 houve uma tentativa de reeditá-lo, a diretora da casa na época, Eliana Caruso, chegou a conseguir autorização para captação de recursos,⁴⁴ mas o projeto não foi levado adiante.

Ao mesmo tempo em que se apresentavam grandes peças e concursos, o teatro era palco do Festival de Teatro Brasileiro, realizado pelo Grupo TAPA, entre os anos de 1987 e 1990.⁴⁵ O Festival, que tinha como objetivo a formação de um novo público, teve duas fases. Na primeira, que teve início em 1985 no Teatro Ipanema, as peças de teatro eram apresentadas nas escolas e universidades, na segunda fase, já tendo como palco a CCLA, essa ordem foi invertida, os alunos é que iam até ao teatro e antes de assistirem o espetáculo, visitavam uma exposição e após a peça participavam de um debate.

⁴³ CONCURSO de Dramaturgia dá prêmio para três autores. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 02 mai. 1992. Segundo Caderno, p.2.

⁴⁴ BRASIL. *Ministério da Cultura. Gabinete do Ministro*. Portaria n.106, de 21 de dezembro de 2006. Diário Oficial da União. Brasília, 22 dez.1996. Seção 1, p.28. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/840725/pg-28-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-22-12-2006>>. Acesso em: 22 out. 2014.

⁴⁵ Eduardo Wotzik em entrevista realizada a essa autora em 24 de março de 2015.



Em 1991 o projeto Coca-Cola de Teatro Infantil realizou o Festival de Ecologia no Teatro Infantil que premiou quatro peças voltadas para temas ecológicos: “A Princesa do meio”, “Terra Azul”, “Rastros, Faros e Outras Pistas” e “Grandes Cidades”. O júri foi formado por Beatriz Veiga, Maria Helena Araújo, Silvia Ortoff, Sura Berditchevsky e a jornalista Lúcia Cerrone. O Festival teve mais de 300 inscrições e as vencedoras foram encenadas no Teatro Laura Alvim⁴⁶.

Outro importante exemplo foi a realização, entre junho e agosto de 2002, do Sarau Teatral. Com produção e apresentação de Susanna Kruger, o Sarau tinha como proposta abrir o palco do teatro para atores, profissionais ou amadores, mostrarem suas performances. Como o tema livre, cada dia do Sarau se diferenciava do outro e essa liberdade destacou o evento como um grande sucesso de público⁴⁷.

Junto as diversas montagens teatrais, sua principal finalidade que lhe garantiram lugar de destaque no cenário teatral do Estado do Rio de Janeiro, o teatro também já foi palco de entregas de prêmios, seminários, congressos e festivais. Atualmente o teatro está fechado para obras.

Imagem 33 - Teatro Laura Alvim.



Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Porão, Arcadas e Música

Seguindo o objetivo da CCLA, de manter a diversidade e a qualidade em todas as áreas em se propôs atuar, junto ao teatro como espaço multicultural, havia o espaço denominado Porão. O Porão teve como propósito servir de vitrine para artistas ainda em começo de carreira, não conhecidos do grande público. A peça

⁴⁶ FESTIVAL de Ecologia no Teatro Infantil. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1992. Grande Rio, p.11.

⁴⁷ Susanna Kruger em entrevista realizada a essa autora em 17 de março de 2015.



Confissões de Adolescentes, de Maria Mariana, por exemplo, teve suas primeiras apresentações no Porão e foi após o enorme sucesso conquistado ali que ganhou os palcos do Teatro Laura Alvim.

O Porão também foi um dos principais cenários de outra característica que desde o início teve destaque na casa, a música. Nos finais de semana abrigava o projeto “Música no Porão” com shows de grupos e músicos que estavam começando suas carreiras. Voltado para música brasileira e destacando a nova geração de músicos e intérpretes, esse projeto tinha como objetivo trazer um novo público para a casa e para os grupos e artistas que se apresentavam era uma oportunidade de serem vistos tocando em um espaço de qualidade. Os primeiros a se apresentarem foram Jorge Degas e Marcelo Salazar e foi no “Música no Porão” que o grupo Inimigos dos Reis, a violinista Clara Sandroni e o saxofonista Beto Saroldi, para citar alguns, ficaram conhecidos. Uma vez por mês o espaço e o projeto eram dedicados ao Jazz e era realizado uma *jam session*.

No ano de 2004, o Porão ganhou um novo nome, sendo conhecido desde então como Espaço Rogério Cardoso, em homenagem ao ator falecido no ano anterior. Com 70 lugares, atualmente, assim como o teatro, está fechado para obras, mas a ideia é que ao ser reaberto continue sendo um espaço alternativo para as peças de teatro, destacando as de humor, e para shows musicais que ainda não chegaram ao grande público.

Além do projeto “Música no Porão”, a casa abriu espaço para shows instrumentais e de voz e violão com projetos “Quint’Acústica”, realizado entre os anos de 1997 a 2000, sendo transferido em 2001 para o Museu do Primeiro Reinado. O primeiro show do “Quint’Acústica” foi com Victor Biglione que apresentou o espetáculo Cinema Acústico com trilhas de filmes das décadas de 40, 50 e 60.

O “Sarau de Laura”, por sua vez, tinha como foco levar o melhor da música instrumental à CCLA. Destaque entre os anos de 1998 a 2004, ganhou fôlego em



2000 com a restauração do Piano Berchstein que pertenceu à própria Laura e que teria sido usado por Ernesto Nazareht⁴⁸.

Para completar o programa musical, havia nas Arcadas o projeto “Música nas Arcadas” dedicado a concertos de música erudita, à MPB, ao chorinho e a diversas orquestras e corais. As Arcadas sempre foram um lugar de destaque, pela sua arquitetura gótica e por ser um espaço propício para as mais diversas atividades. Além da música, servem de cenário para pequenas exposições, lançamentos de livros e CDs, palestras, apresentações de dança ou de teatro e eventos diversos. Em 1996, nas comemorações de 10 anos da Casa de Cultura, as Arcadas foram batizadas de Arcadas Stella Marinho, em homenagem àquela que desde o início participou ativamente na transformação da casa em um espaço cultural, fazendo parte da equipe responsável pela sua concepção e programação, como diretora de 1986 a 1991 e uma das responsáveis pela criação da AACCLA da qual, após deixar a direção da casa, foi presidente até falecer em outubro de 1995.

Junta a homenagem a Stella Marinho, em 1996, as Arcadas se tornaram oficialmente um espaço para exposições alternativas, para isso recebeu luz dicróica e painéis de acrílico. A inauguração foi com a exposição de fotos e textos de Rubens Corrêa e Marcio Viana.

Sala de Vídeo

A sala de vídeo com exibição de sua programação diversificada que incluía filmes publicitários, clipes, lançamentos, animação, entre outros, tornou-se alvo de interesse público. Em 1987, a Casa fez um convênio com o *Núcleo Atlantic de Vídeo* para exibição de vídeos raros que durou até mais ou menos 1994. A Casa de Cultura tinha como proposta abrir espaço para novas produções, para isso eram realizadas festas de lançamento e exibições constantes dessas produções em sua programação. É importante lembrar que o vídeo, nos anos 1980, era visto como uma tecnologia nova, alternativa, de fácil acesso, o que democratizou a sua produção, e era uma opção para inovar e experimentar novas linguagens com um custo bem menor que o cinema. Dentre os vídeos exibidos estão os do evento “Shirley Clarke –

⁴⁸ Pianista e compositor brasileiro considerado um dos grandes nomes do Tango Brasileiro e foi vizinho da família de Alvim.



um programa de cinema” que exibiu diversos curtas da cineasta, os da mostra Festival Rio Cine e os da Mostra “O Bem-Humorado Espírito Carioca” que teve exibição de 07 curtas. Além da CCLA somente o Centro Cultural Cândido Mendes tinham regularidade nas apresentações de vídeos no Rio⁴⁹.

Cinemas

A CCLA inaugurou com apenas uma pequena sala de cinema que reproduzia películas de 16 mm, tornando-se famosa por exibir em sua programação filmes clássicos e *cults*. A sala foi reinaugurada, como Cineclube Laura, em 1991 com a exibição de filmes de 16 mm e 35 mm, 57 lugares, piso construído em declive, que permitia uma boa visão da tela por parte do público e tinha sua programação voltada para produções de arte e filmes experimentais. O primeiro filme a ser exibido foi “O Testamento do Dr. Mabuse”, de Fritz Lang⁵⁰.

Em 1995 a sala de vídeo foi desativada e, em 1998, em seu lugar foi inaugurado o Cinema II, com o filme “La serva Padrona” de Carla Camurati, com novos projetores e som dolby. Com capacidade para 55 espectadores, tinha como intuito a exibição de produções nacionais, europeias e filmes americanos independentes⁵¹.

A terceira sala de cinema foi inaugurada com 52 lugares, em março de 2000, ao lado direito das *Arcadas*, no espaço onde era a Sala Laurazinha, com a exibição da produção francesa de 1988 “Quando tudo começa”.

Imagem 34 – Poltronas do cinema Laura Alvim.



Fonte: Rio Show, 2014.

Em 2006, parte da Casa fechou para reforma, inclusive as três salas de cinema, que foram reformuladas e passaram a funcionar sob a responsabilidade do Grupo Estação. As salas ganharam telas perolizadas, projeção digital, som *dolby-digital*, poltronas maiores e espreguiçadeiras na primeira fila. A venda de ingressos

⁴⁹ BELÉM, Cláudia. Começa hoje, em Ipanema, mostra de vídeos do Festival Rio Cine. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1989. Jornais de Bairro, p.40.

⁵⁰ LAURA Alvim inaugura hoje seu cineclube. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 09 dez. 1992. Jornais de Bairro, p.32.

⁵¹ MAIS uma porta aberta à cultura. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 09 jul. 1998. Jornais de Bairro, p. 27.



passou a ser informatizada funcionando também pela internet e foi um dos primeiros cinemas da cidade do Rio de Janeiro com lugar marcado. No mesmo ano o cinema abrigou festivais como *Festival de Televisão*, *Mix Brasil* e o *Festival de Curtas*.

Imagem 35 – Arcadas Stella Marinho.



Fonte: Rio de Janeiro. Secretaria de Cultura, 2006.

Junto a reformulação do cinema, as Arcadas Stella Marinho, receberam um novo café no centro do pátio e ganhou um *deck* de madeira, com mesas e *ombrelones*. O local em que ficava a antiga lanchonete, cedeu espaço a outro pequeno *deck* com mesas.

O espaço ganhou também nova iluminação e os banheiros, ampliados, tornaram-se acessíveis às pessoas portadoras de necessidades especiais. Acompanhando a acessibilidade feita nos banheiros, o prédio principal, mais precisamente no terceiro andar, que tem acesso pelo elevador, ganhou uma passarela que liga o prédio ao teatro, facilitando o acesso dos idosos e deficientes físicos. As reclamações sobre o acesso para deficientes ao teatro datavam da inauguração da Casa.

Em 2012, o grupo Estação decidiu não renovar o contrato de ocupação dos cinemas, alegou que mesmo tendo boa média de público, os cinemas do Laura Alvim davam prejuízo. Em menos de dois meses o grupo Cine Star venceu a licitação e se tornou o novo responsável por operar as salas.⁵²

O museu de Laura

O museu foi um dos pedidos de Laura e tinha como intuito a preservação da memória de seu pai e avô. Inaugurado com a casa, foi aberto à visitação com salas em homenagem a Álvaro Alvim e a própria Laura, mas foi somente em 1988, no ano do centenário da Abolição, que Ângelo Agostini ganhou uma sala em sua homenagem⁵³.

⁵² RODRIGUES, Eduardo. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/cine-star-vai-operar-cinemas-da-casa-de-cultura-laura-alvim-6858318>>. Acesso em: 12 dez.2014.

⁵³ NEPOMUCENO, Rosa. O piemontês que odiava escravidão. In: *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 07 mai. 1988. Segundo Caderno, p.01.



Em 1995, o museu foi fechado para obras e restaurações e somente após sete anos, no primeiro trimestre de 2002, o Museu de Laura, como era conhecido, foi reaberto ao público.⁵⁴ Juntamente a reabertura do museu, a Casa de Cultura sofreu algumas modificações. Foram reformadas a fachada da casa e a escultura de Franz Weissman, foi criado um jardim vertical, uma nova iluminação e a uma nova programação visual baseada na paixão de Laura por anjos barrocos (Imagem 36).

Imagem 36 – Programação visual da CCLA.



Fonte: Arquivo CCLA.

Situado no terceiro andar do prédio principal, o museu tinha uma grande antessala que fazia às vezes de recepção, à esquerda encontrávamos o acesso ao elevador, uma pequena sala que abrigava alguns acervos da Casa, tais como fotografias, quadros e documentos e uma varanda interna que dá acesso ao teatro através de uma passarela. Havia ainda, mais duas salas e um banheiro para os funcionários. A direita da “recepção” era o Museu de Laura, a primeira sala era dedicada a Ângelo Agostini, com coleções da *Revista Ilustrada* e de *Don Quixote*, os semanais que abrigaram suas charges com críticas políticas da época do fim do Império e do início da República, além da revista *Tico-Tico*. Havia também alguns quadros e um pequeno resumo de quem foi Agostini.

Na segunda sala havia a reconstituição do escritório de Álvaro Alvim, a poltrona na qual faleceu, sua máscara mortuária e sua escrivaninha (Imagem 37). Seus livros e aparelhos de *raio x* não estavam expostos pois foram doados a terceiros, por sua esposa, após seu falecimento. À frente das salas em homenagem a Ângelo e a Álvaro existia um grande salão, separado em 04, todos interligados. Um deles representando uma sala de jantar, seguido de um salão com algumas peças da coleção de anjos de Laura. A esquerda deste salão havia a reconstituição do que seria o quarto de Laura (Imagem 38), a frente uma sala com um tablado que dava acesso ao banheiro rosa de Laura e seu enorme *closet* (Imagem 39). É no terceiro andar que encontramos acesso a varanda construída por Laura com vista

⁵⁴ REABERTA em Ipanema a Casa de Cultura Laura Alvim, É. In: *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 21 maio 2002. V, p.07.



para as Ilhas Cagarras, o Morro Dois Irmãos e a Pedra da Gávea para que pudesse observar o pôr do sol.

Imagem 37 – Sala Álvaro Alvim.



Fonte: Duarte, 20-?

Imagem 38 – Quarto Laura.



Fonte: Rio de Janeiro. Secretaria de Cultura, 20-?

Imagem 39 – Banheiro Rosa.



Fonte: Rio de Janeiro. Secretaria de Cultura, 20-?

Em 2008, no dia em que Laura completaria 102 anos, estreou no museu o monólogo escrito por Anamaria Nunes, “Casa de Laura” com a atriz Susanna Kruger, que foi indicada ao Prêmio Shell de Teatro 2008, interpretando Laura Alvim (Imagem 40).

Na peça, Laura conduzia o público pelos cômodos do museu contando a sua história, de sua família e a trajetória de sua casa desde a sua construção, no início do século XX, até sua transformação em um centro cultural. O público presenciava os sentimentos contraditórios de Laura em relação ao seu pai, escutava suas diversas histórias e tomava chá servido por sua anfitriã. A peça permaneceu em cartaz por dois anos.

Imagem 40 – Susanna Kruger interpretando Laura.



Fonte: Kruger, 2012.

Em 2013, o museu foi novamente fechado e ainda se encontra assim, sem previsão de quando será reaberto.

Cursos Oferecidos

Oferecer cursos diversos sempre foi uma das propostas da Casa de Cultura Laura Alvim e ao listar os cursos e seminários oferecidos já no primeiro ano do espaço é possível observar a diversidade: A crise política da antiguidade a



modernidade, A Trajetória de Shakespeare, A Dança da Educação, Brasil: sociedade e política pós-30, Revoluções Socialistas: socialismos em questão, Construção da Sexualidade, Cotidiano e Poder no Rio de Janeiro da 1ª República, O nascimento do Romance, Microcomputadores para crianças, Cursos de vídeo como animação de cinema, Curso prático e teórico de vídeo, Programação Basic, Linguagem Basic aplicada a jogos de aventura, Volumes em papel, Cinema de animação, Imagem revelada, Introdução a música e Oficina em mímica.

Os cursos de Teatro foram introduzidos na casa em 1988 e foi a partir deles que surgiu o Centro de Investigação Teatral Permanente, com Eduardo Wotzik. O Centro de Investigação era uma oficina de reciclagem para atores com mote experimental que durou mais de 10 anos⁵⁵. Foi também através dos cursos que Daniel Hertz e Susanna Kruger, que dão aula na casa até hoje, fundaram em 1992 Cia. Atores de Laura, em homenagem a Laura Alvim. A Cia tem mais de 20 peças montadas e diversos prêmios. Desde o ano 2000 a cia ocupa o Teatro Miguel Falabella no Norte Shopping, mas mantém seu nome em homenagem a Laura.

Em 1994, a Casa se viu a volta com uma polêmica. Para divulgar um curso de desenho artístico haveria uma performance de um casal de modelos nus em frente à casa, entretanto a performance foi transferida para uma sala da casa e a informação divulgada foi que a então diretora da Casa, Beatriz Veiga, teria proibido a apresentação. Veiga alegou que a troca de espaço foi feita porque poderia haver tumulto caso a performance fosse realizada em um local público. Essa proibição foi amplamente comentada porque a casa e a diretora, em 1993, estiveram envolvidas na suposta censura ao *Lesbian and Gay film festival* onde, segundo reportagem do Jornal O Globo em 30 de setembro de 1993, Veiga “proibiu o evento alegando não querer aprovar um festival que trata do homossexualismo”.

Como no projeto inicial da Casa, hoje, os cursos de arte ainda têm espaço, com destaque para os de interpretação. São eles: interpretação para ator profissional, interpretação para intermediários e iniciantes, interpretação para intermediários, oficina para atores intermediários, oficina de atores intermediários, oficina de teatro para iniciantes, teatro para crianças, clássicos do teatro, o ator e

⁵⁵ OFICINA que nunca tem fim na Laura Alvim. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 19 jul. 1997. Jornais de Baixo, p. 43.



alma, oficina de história em quadrinhos, *papier marchê*, pintura óleo sobre tela, oficina livre de teatro para não atores.

Galeria Laura Alvim

Localizada no segundo andar da casa com uma bela vista para o mar de Ipanema, a Galeria Laura Alvim, junto ao Teatro, foram dois dos principais propósitos de Laura, foram especificados em seu testamento e não foi à toa que ambos, quando a Casa foi entregue a FUNARJ, estavam praticamente prontos. A Galeria, em especial, foi concebida para ser uma homenagem, de Laura, ao seu avô Ângelo Agostini e foi justamente com o trabalho dele, como já mencionado nesta dissertação, que foi inaugurada, juntamente com a exposição de fotos de Bina Fonyat.

Para compor o acervo da CCLA Sérgio Pereira trouxe a ideia que usava no Centro Cultural Cândido Mendes, cada artista que usasse fizesse sua exposição na casa doaria uma de suas obras desse jeito, a casa adquiriu uma vasta coleção⁵⁶. Inclusive, foi a partir dessa coleção que, em 1995, a diretora Regina Miranda, que ficou à frente da casa de 1994 a 1996, selecionou as obras de Gonçalo Ivo, Mauricio Bentes, Daniel Senise, Hilton Barreto, Leonilson, Carlos Scliar, Rubens Gerchman, Carlos Zílio, Siron Franco, João Câmara, Luiz Aquila, Glauco Rodrigues e Paulo Roberto Leal para a realização da mostra “Pinturas de Laura”⁵⁷.

No ano seguinte, em 1996, a CCLA trocou de direção e quem assumiu foi Flávio Marinho. Em comemoração aos 10 anos de funcionamento da casa ele organizou a coletiva “Laura & Companhia”, seguindo os mesmos moldes da anterior, selecionou no acervo obras dos 10 artistas que considerou os mais expressivos: Adriano de Aquino, Analu Prestes, Ângelo de Aquino, Carlos Scliar, Carlos Zílio, Daniel Senise, Luiz Áquila, Pietrina Checcacci, Ronaldo do Rego Macedo e Rubens Gerchman, reunindo na exposição diversas tendências das artes plásticas⁵⁸.

⁵⁶ Sérgio Pereira Silva em entrevista a essa autora realizada em 10 de fevereiro de 2015.

⁵⁷ MILLEN, Mânia. Geração 80 e retrospectivas Sylvio Pinto. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1995. Rio Show, p.05.

⁵⁸ ANTUNES, Elizabete. Ipanema faz festa de arromba para a arte. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 09 mai. 1996. Jornais de Bairro, p.06.



Na Galeria o artista não pagava para expor e nem o público para visitar, sendo assim se torou espaço onde diversos artistas tiveram a oportunidade de mostrar seu trabalho pela primeira vez.

Em 2007, a Galeria fechou suas portas e após um ano e meio funcionando apenas para pequenos eventos foi reaberta, em 2009, com aproximadamente 120m² divididos em quatro salas. Para voltar a abrigar exposições foram instalados um novo sistema de refrigeração, trilhos e eletro calhas para iluminação e foram restauradas as paredes, os painéis e o piso de madeira e mármore. Junto a modernização, a galeria passou a ser dedicada a arte contemporânea, desse jeito as escolhas das exposições deixaram de ser feitas por uma comissão e foram entregues a um curador. No biênio 2009/2010 a curadoria esteve sob os cuidados de Ligia Canongia que inaugurou o espaço com a exposição “Conjunto Sequencial Lugar” de José Damasceno. Após a adoção da arte contemporânea como argumento já estiveram à frente da curadoria da Galeria, além de Ligia Canongia, Fernando Cochiarale e Gloria Ferreira e ela já foi cenário para as obras de diversos artistas como Ernesto Neto, Vik Muniz, Ana Linnemann, Laura Lima, Marcos Chaves e Ricardo Basbaum, Marcelo Solá e Rosana Ricalde.

Eventos Diversos

Ao realizar as pesquisas, tanto no arquivo da casa, em sites de busca, quantos nos acervos do Jornal do Brasil ou do Jornal O Globo, foi possível visualizar a CCLA como um cenário aberto para as mais diversas representações das mais diversas vertentes culturais. Há centenas de referências de lançamentos de livros, vídeos e CDs, entregas de prêmios, estreias diversas, festas comemorativas, palestras e seminários sejam nas Arcadas, no pátio externo, nos cinemas, no Teatro, no Espaço Rogério Cardoso, na Galeria ou no Museu.

E se a realização dos “Projetos Integrados” foi descontinuada, sua prática de agregar todos os espaços e atividades em prol do mesmo tema continuou sendo aplicada, na maioria das vezes, por terceiros. Como por exemplo o que ocorreu em 2012, *O Globo Rio +20 – Casa de Cultura Laura Alvim*, evento realizado pelo Jornal O Globo que contou com exposição, lançamento de livro, shows, palestras, oficina de arte e etc.



Imagem 41 – Charge de Jaguar.



Fonte: Souza, 2008.

No entanto, de todos os eventos realizados na Casa de Cultura Laura Alvim o *Salão Carioca de Humor* foi o que teve maior visibilidade e destaque. Por suas características, se o salão não fez parte dos “Projetos Integrados”, sem dúvida nenhuma seguiu seus moldes ao centrar todas as atividades (exposição na Galeria e nas Arcadas, teatro, exibição de vídeos, shows com bandas formadas por profissionais do humor, oficinas e etc.) em um mesmo tema, o humor. A concepção do Salão foi ideia de Darcy Ribeiro, com intuito de atender ao desejo de Laura, preservar e

homenagear a memória de Ângelo Agostini, como primeiro caricaturista do Brasil. Desde sua primeira edição, com exceção da quarta por falta de verbas, foi realizado o concurso nacional de caricatura, charge, *cartum* e escultura, com a finalidade de revelar novos talentos. O *primeiro Salão Carioca de Humor* foi realizado em 1988 e homenageou J. Carlos⁵⁹ e Henfil⁶⁰.

O objetivo do Salão era demonstrar a importância do humor como manifestação cultural, expondo o que já foi produzido por grandes nomes e o que estava sendo feito atualmente, incentivando novos artistas e revelando talentos através do *Concurso Nacional de Desenho de Humor*.

Sempre com uma novidade diferente, depois de um ano sem ser realizado, o evento retornou em 2004, organizado por Eliana Caruso, diretora da Casa de Cultura na época, com oficinas, palestras, festival de cinema, concursos de piadas,

⁵⁹ José Carlos de Brito e Cunha foi chargista, ilustrador, autor de teatro de revista, letrista de samba e foi um dos maiores representantes do estilo *Art Déco* no design gráfico brasileiro. Trabalhou no *O Malho*, *O Tico Tico*, *Fon-Fon*, *Careta*, *Revista da Semana*, *O Cruzeiro* e outras.

⁶⁰ Henrique de Sousa Filho foi cartunista, quadrinista, jornalista e escritor brasileiro. Defendeu o fim da ditadura. Teve vários personagens de destaque como Zeferino, Orelhão, Bode Orelana, Graúna e Ubaldo, o paranóico



shows, espetáculos teatrais e a série de bate-papo “No Covil do Jaguar”⁶¹, além de ter Leandro Hansum e Marcius Melherm como mestres de cerimônia.

Na edição de 2006, foi realizado o *1º Festival Estadual de Esquetes de Humor*, com seleção de trinta e dois textos entres os inscritos. Foram premiados os melhores nas categorias de autor, esquete, diretor e atores e foi realizada também a 1ª Mostra de Documentários de Humor.

As últimas referências encontradas sobre o Salão são de 2009 com a XIX edição e mesmo tendo sido considerado o evento de humor mais importante da América Latina, homenageado e descoberto tantos talentos, o Salão deixou de ser organizado.

Os eventos e as atividades aqui relatados são apenas uma amostra da diversidade cultural oferecida pela Casa de Cultura Laura Alvim ao longo desses 29 anos. Há muito mais a se pesquisar e descobrir, contudo, no resumo exposto, é possível constatar a trajetória do espaço como um lugar diversificado.

Atualmente a CCLA abriga, em seus 2000 metros quadrados, um café, uma livraria, três salas de cinema, o teatro Laura Alvim, o Espaço Rogério Cardoso, a Galeria Laura Alvim, três salas de aula e realiza, em parceria com a Rosa dos Ventos Produções, a segunda edição do “Projeto Música na Varanda” que quinzenalmente, aos domingos, apresenta show ao vivo e uma exposição ou intervenção artística, a partir das 15h na varanda da CCLA. Assim o público, além da bela vista que a casa já proporciona (Imagem 42), é brindado ao final do evento com o pôr do sol de Ipanema.

É nesse cenário que eventos e atividades continuam acontecendo e é através deles e das memórias do que acontece e do que aconteceu ali, contado por frequentadores, funcionários, pessoas que tenham qualquer tipo de ligação com a casa que o seu verdadeiro acervo, a grande coleção de memórias da Casa de Cultura Laura Alvim ou simplesmente da Laura Alvim, como o espaço é chamado pelos íntimos, vai sendo enriquecido.

⁶¹ Jaguar é cartunista, editor e um foi um dos fundadores do jornal *O Pasquim* com Tarso de Castro e Sérgio Cabral



Imagem 42 – Vista da Casa de Cultura Laura Alvim.



Fonte: Elaboradas pela autora, 2015.

2.5. Vocação de Centro Cultural

Os centros culturais entraram em cena como uma junção de diversos espaços e de atividades culturais ao mesmo tempo: biblioteca, museu, cinema, teatro, espaço de criação, exposição, música, debates, promoção de cursos, dança, vídeos e etc. São espaços múltiplos em todos os sentidos que se apresentam, tanto pela reunião de diversas atividades culturais, quanto pelos diversos formatos que podem apresentar ou, até mesmo, pelas mais variadas formas que podem ser denominados.

Milanesi (1997) e Teixeira Coelho (1986) destacam os três principais campos de atuação destes espaços: a criação, que em geral acontece por meio de cursos e oficinas que visam à formação artística e a educação estética; o campo da circulação, que ocorre através de uma política de atividades e eventos, objetivando a formação de público e por último; o campo da preservação, que é baseado na manutenção da memória cultural de uma coletividade. Isto é, na memória de uma sociedade.

É possível observar que agrupar no mesmo espaço as mais diferentes manifestações culturais já era uma prática usual, enquanto conceito, muito antes dos centros culturais existirem como tal. A Biblioteca de Alexandria, na Antiguidade Clássica, era um grande complexo com atividades culturais diversas, entre elas: anfiteatro, biblioteca, local de culto as divindades, jardim zoológico, botânico, entre outros. Na Grécia antiga, a Ágora congregava um polo aglutinador, que consistia



num espaço aberto usado para as reuniões populares, assembleias e contava com biblioteca, teatro, lojas, altares entre outras atividades.⁶² Lúcia Lippi de Oliveira,⁶³ sinaliza que na Europa Medieval as feiras seguiam os mesmos moldes ao reunir diversas atividades culturais e o mesmo pode-se verificar no século XIX na Inglaterra com os chamados Centros de Arte.

Embora não se tenha um consenso, ou um ponto de partida concreto quanto a origem dos centros culturais, pode-se afirmar é que a criação de espaços que tenham como função primordial a concentração de diversas atividades artísticas e culturais ganhou força no século XX onde é possível identificar alguns exemplos notáveis, como a Rede Nacional de Casas de Cultura, no México, nos anos 50; a Casa de arte e cultura na França também nos anos 50 e as Casas de Cultura em Cuba, criadas em 1961. Diante dos exemplos expostos o que se observa é que esse modelo de espaço era uma tendência e seu conceito já estava em evolução a bastante tempo, seja para responder uma serie de necessidades ou por conta de uma nova visão conceitual, função ou característica dos lugares de memória tradicionais.

Contudo, foi o *Centre National d'Art et Culture George Pompidou* ou *Beaubourg*, como é mais conhecido, inaugurado em 1977, na França, o estopim para o desenvolvimento de diversos centros culturais em todo o mundo e que serve de inspiração para o que é concebido como centro cultural nos dias atuais.

Construído pelo presidente Pompidou em um momento em que a valorização do lazer e da cultura ganharam destaque na França, o *Beaubourg* foi criado com ideal de abrigar diversos projetos multidisciplinares. Na lei que dispõe sobre sua criação é possível verificar os objetivos almejados e seu caráter multidisciplinar:

Este estabelecimento público favorece a criação das obras de arte e do espírito; contribui para o enriquecimento do patrimônio cultural da nação, da informação e da formação do público, da difusão da informação artística e da comunicação social (...) Ele assegura o

⁶² RAMOS, Luciene Borges. *O centro cultural como equipamentos disseminador de informação: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto*. 2007. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – UFMG.

⁶³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é patrimônio*. 2008. Rio de Janeiro. FGV



funcionamento e a animação, com os organismos públicos e privados que lhes são associados, de um conjunto cultural consagrado a todas as formas de criação artística e musical, da estética, da arte cinematográfica, assim com a leitura pública. (MILANESI, 1977, p.53)

O impacto que o *Beaubourg* causou já de início pela sua arquitetura, escolhida através de um concurso, impressiona por suas características que diferem totalmente de seu entorno com sua magnitude e seu estilo *high tech*⁶⁴. Com cerca de 100 mil metros quadrados, sendo 70 mil abertos ao público, o Beaubourg oferece a *Bibliothèque Publique d'Information* e o *Musée National d'Art Modern*, centros de criação e pesquisa artística (*Centre de Création Industrielle* e o *IRCAM – Institut de Recherche at Coordenação Acoustique/ Musique*), espaços para atividades múltiplas, cinemas, auditórios e possui a mais importante coleção de arte moderna e contemporânea da Europa. Sua construção absorveu cerca de 10% do orçamento nacional e se despertou a atenção de muitos admiradores também foi alvo de alguns críticos que o consideram apenas um hipermercado cultural, como o filósofo francês Baudrillard. Ainda assim o *Beaubourg* pode ser entendido como um grande empreendimento cultural e serviu de inspiração para diversos espaços com o mesmo conceito.

O Brasil não ficou de fora dessa tendência de repensar, criar e, em alguns casos, adequar os espaços culturais, como observado em 1947 no discurso de Adolpho Dumans sobre os objetivos do Museu Histórico quando ele diz que:

Como centro cultural o Museu Histórico criou no país cogitações inteiramente novas, pelo menos com um sentido de agrupamento e especialização, através do Curso de Museus. Este constitui uma das absorventes preocupações da Diretoria e da Secretaria, dada a sua crescente importância como meio de divulgação cultural, de propagação do culto de nossos heróis, tradições, episódios e relíquias históricas, e de incentivo do patriotismo. (DUMANS, 1947, apud SILVA, 1995, p.26)

⁶⁴ Arquitetura High Tech é uma corrente da arquitetura dos anos 70, centrada no emprego de materiais de tecnologia avançada nas construções,



Em 1960, Josué Montello já havia proposta a criação de Casas de Cultura, em 1973, no governo Médici, o Programa de Ação Cultural do MEC tinha como proposta a criação de casa de cultura e ainda na década de 70 houve a inauguração de dois espaços no Rio de Janeiro, o Centro Cultural Cândido Mendes em 1977, e o Centro Cultural Patrícia Galvão em 1979⁶⁵. Na década de 80 foram abertos ao público dois centros culturais tidos por diversos autores, entre eles Teixeira Coelho,⁶⁶ como os primeiros centros culturais do país, o Centro Cultural Jabaquara em 1980 e o Centro Cultural São Paulo em 1982. Contudo, foi apenas nos anos 90 que os centros culturais se proliferaram por todo país, ocupando espaços adaptados ou construídos especialmente para suas atividades.

Para entender melhor esses espaços, é importante ressaltar que, tanto no Brasil quanto no exterior, não há um modelo único de centro cultural, cada um deles carrega sua especificidade. Porém, ainda assim, é possível fazer algumas generalizações, como por exemplo, quanto suas funções básicas que Teixeira Coelho, no Dicionário Crítico de Política Cultural define como ação cultural. Ação cultural seria o “processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura” (COELHO, 1997, p.33). A ação cultural se concentra no processo e não no produto, faz a “ponte entre as pessoas e a obra cultural ou arte para que, dessa obra, possam as pessoas retirar aquilo que lhes permitirá participar do universo cultural como um todo e aproximarem-se umas das outras por meio da invenção de objetivos comuns” (COELHO, 1997, p.33).

Entretanto, se os centros culturais são o local da ação cultural, a ação cultural, por sua vez, pode ser realizada em diversos espaços e dentro desse contexto estão os museus e as bibliotecas. A autora Celina Silva (1995) cita as publicações *Museums are for people* do Conselho Escocês de Museus que tem um capítulo “o museu como um centro cultural” e a publicação norte americana *Museums in Motion* apresenta o capítulo “o museu como um centro de cultural e um instrumento social”, ambos tratam dos processos de modernização dos museus,

⁶⁵ FREITAS, Elizabeth Pontes. Centros culturais públicos no Brasil: um estudo comparativo entre o Centro Dragão do Mar e Arte e Cultura e o Centro Cultural. São Paulo. 2007. Monografia de graduação em Comunicação – UFBA.

⁶⁶ COELHO, Teixeira. Usos da Cultura. Políticas de Ação Cultural. 1986, p.94.



quando estes deixam de ser entendidos como espaços ultrapassados e passam a assumir características que normalmente correspondem a descrição feita para os centros culturais, isto é, passam a assumir a ação cultural como objetivo. A aproximação desses espaços com essa forma de entender a arte também é citada por Pérez-Rioja no livro *Las casa de cultura*, em 1971.

Diante do que foi exposto e com objetivos aqui traçados verificasse que não há necessidade de traçar os limites entre uma instituição ou outra, ou de se preocupar com o nome que cada espaço recebe, mais importante que qualquer nomenclatura é a função que esses espaços assumem ao focar no objetivo de aglutinar, democratizar e levar cultura. É justamente por causa desses objetivos que é possível afirmar que o que virou tendência mundial não foram os centros culturais em si, e sim locais que se apresentam como verdadeiros centros de cultura.

Diversos exemplos podem ser citados para ilustrar a diversidade existente entre espaços que são tratados como centros culturais, mas por vezes recebem outra nomeação. Ao mesmo tempo em que suas especificidades são passíveis de serem observadas é possível também visualizar semelhanças entre eles, incluindo a CCLA. Todos eles agregam diversas expressões culturais e são abertos aos mais variados públicos e são justamente essas funções que tornam os centros de cultura espaços polivalentes, irradiadores e interdisciplinares. Frente às múltiplas atividades que propõe proporcionam ao público a possibilidade de se divertir, entreter, pesquisar, debater e interagir. Para ilustrar essa afirmação citamos alguns espaços existentes na cidade do Rio de Janeiro.

As Lonas Culturais, instaladas a partir de 1993, têm como propósito descentralizar a produção artística da cidade e assim multiplicar o acesso à cultura através de shows, oficinas, cursos, espetáculos teatrais, cinema e exposição.

Reaproveitando um espaço já existente e dinamizando seu entorno há o Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), localizado no centro da cidade, que possui museu, biblioteca, videoteca, teatros, cinema, salas de exposições, arquivo histórico, além de ceder seu espaço para diversos eventos como o Anima-Mundi. Ocupando um prédio de linhas neoclássicas de 1906, foi inaugurado em 1989



tornando-se o museu/centro cultural mais visitado do Brasil e o 17º no mundo, de acordo com o ranking da publicação inglesa *The Art Newspaper* (abril/2013).⁶⁷

Também no centro da cidade, reinaugurada em 2014, a Biblioteca Parque Estadual (BPE) é, segundo o site institucional “mais do que uma biblioteca, o espaço é um centro cultural e de lazer, com atividades voltadas para a música, vídeo, teatro e outras artes”. Além de biblioteca, oferece teatro, auditório, estúdios de som e de vídeo, salas multiuso para laboratórios, área de exposição, palco para shows e saraus, restaurante, pátio, bicicletário e jardim suspenso. Fundada em 1893 como Biblioteca do Rio de Janeiro por Dom Pedro II, passou por vários endereços se estabelecendo no atual em 1943. O caráter multicultural do Biblioteca foi idealizado por Secretário de Cultura Darcy Ribeiro⁶⁸ e incorporado ao espaço em 1987, quando foi reaberta após passar alguns anos fechada por conta de um incêndio.

A Fundação Casa de Rui Barbosa inaugurada em 1928 como museu-biblioteca, na casa que pertenceu a Rui Barbosa no bairro de Botafogo. Tem como “missão promover a preservação e a pesquisa da memória e da produção literária e humanística, bem como congregar iniciativas de reflexão e debate acerca da cultura brasileira. Entre suas principais atividades se destacam a manutenção, preservação e difusão do Museu Casa de Rui Barbosa e seu jardim histórico; a formação, preservação e difusão do acervo bibliográfico e documental, com o apoio de laboratórios técnicos; e o desenvolvimento de estudos e pesquisas nas áreas de documentação e preservação”.⁶⁹

Inaugurado em 1965, na Praça XV, no centro da cidade, como centro de documentação de música e imagem, o Museu da Imagem e do Som (MIS) foi considerado um centro de cultura vanguardista nas décadas de 60 e 70 do século XX, um lugar de encontros e de lançamento de ideias e novos comportamentos.⁷⁰ Esse ano (2015) será inaugurado o novo MIS, com projeto arquitetônico selecionado em concurso, moldado para abrigar na orla de Copacabana salas de exposições,

⁶⁷ Fonte: site da instituição: <http://culturabancodobrasil.com.br/portal/rio-de-janeiro/> - Acessado em mar. 2015.

⁶⁸ Fonte: site da instituição: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/biblioteca-parque-estadual> - Acessado em mar. 2015.

⁶⁹ Fonte: site da instituição: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/> - Acessado em mar. 2015.

⁷⁰ Fonte: site da instituição: <http://www.mis.rj.gov.br/> - Acessado em mar. 2015.



auditório, salas para consulta e pesquisa, cafeteria, restaurante panorâmico, piano bar e o museu Carmem Miranda.

Ao observar os exemplos, é possível afirmar que o conceito básico dos centros culturais segue o mesmo ideal inicial de democratizar a cultura, tal qual os museus e bibliotecas. O que os diferem é que os centros culturais não têm por “regra” a necessidade de possuir acervos, são primeiramente um local de fazer artístico e não um local de preservação artística, histórica ou de algum personagem específico. Contudo, por mais que não tenham a obrigatoriedade de desempenhar esse papel, por vezes assim o fazem, preservam determinadas memórias e possuem acervos que respaldam um papel de preservador, mas diferente dos museus e bibliotecas, sua coleção não gira em torno de um tema nuclear, suas coleções são abrangentes.

De qualquer maneira, preservando ou não determinada memória, a verdadeira vocação dos centros culturais, talvez seja o de fazer memórias. Memórias que já existem, memórias construídas em cada atividade, em cada espaço, a memória de cada artista, de cada frequentador, onde cada um tem uma história, uma lembrança, que repassam e agregam às demais memórias, dos demais frequentadores. Paralelamente, há ainda as memórias dos personagens envolvidos na concepção, no nome, na história destes espaços, bem como os diferentes entendimentos e processos de difusão destas memórias por parte daqueles que conduzem suas gestões.

É justamente quando focamos na função destas instituições, quando esquecemos os limites que separam um espaço de outro, e os pensamos como aglutinadores culturais, em vez de sua nomenclatura ou histórico, que percebemos que junto as suas similaridades, suas singularidades fazem com que, mesmo que tenhamos diversos espaços oferecendo o mesmo produto, cada um deles oferece algo que é único, como por exemplo o local em que está instalado, o prédio que ocupa, os grupos que o frequentam, as vertentes culturais a que se dedicam, as memórias que inspiram.

Laura Alvim era uma mulher que acompanhava essa tendência. Em 1968, antes mesmo dos centros culturais existirem enquanto instituição, Laura já havia



entendido seu conceito tal como entendemos hoje⁷¹ e sonhava em criar um espaço cultural múltiplo, mas que preservasse as memórias de seu pai e de seu avô. Essa preservação, projetada por Laura, é a especificidade da casa, tornando-a um lugar único dentro desse contexto, que só ganhou mais valor ao se acrescentar a história da própria Laura, mantendo vivo no espaço sua vontade, determinação e o esforço empreendido na constituição da casa de cultura.

E as especificidades da CCLA ganham fôlego pelo fato de que o espaço mantém sua característica física enquanto uma casa, enquanto lugar que serviu de residência a Laura e a família, no meio de tantos prédios em plena praia de Ipanema, por manter o espaço de contemplação ao pôr do sol tão admirado por Laura, pela propagação das memórias dessa família mantendo a disposição espacial que rememora a casa como era quando estes a habitavam, preservando as memórias de personagens reais que viveram ali. Com essas especificidades a CCLA tem entre seus atrativos o fato de, além de, ser um centro cultural, também poder ser entendida como um museu casa.

Ao analisar os dados da CCLA, é possível compreender que ela é claramente o resultado de seus processos sociais. Seu processo de construção se baseia nos desejos de Laura, nas discussões dos arquitetos sobre qual estilo arquitetônico deveriam seguir (página 70), na decisão de Darcy Ribeiro em homenagear Laura e não manter o nome inicial proposto por ela. E quais foram os demais processos que aconteceram nessa casa e no Rio de Janeiro que permitiram tantas mudanças de postura sejam elas polêmicas ou não, como por exemplo atualmente a casa abrir suas portas para eventos do Grupo Arco-Íris, mas em 1993 teve uma diretora da casa proibiu um evento que divulgasse o homossexualismo (página 89). O que levou as diferentes escolhas, ao longo do tempo, de fazer da casa o que ela é hoje, o que levou determinadas características se manterem e o que levou todos os eventos descritos, dos anos 80 até os anos 2000, além da infinidade de outros não citados a acontecerem?

Inserir uma reflexão maior sobre essas passagens, como os contextos se transformaram a ponto de fazer com que a casa seja o que é atualmente, talvez seja

⁷¹ TRIBUNAL da Guanabara julga definitivamente questão sobre terrenos no Leblon. In: Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 21 dez. 1968. p.14.



o gancho para um próximo trabalho, mas é preciso entender que os processos de construção da memória são processos de escolhas que são construídas dentro de uma série de jogos e negociações políticas, sociais, culturais, de políticas públicas específicas do nosso Estado, das perspectivas dos diversos diretores que já passaram por ali e o mais importante de todos os processos, a transformação do tempo. Todos esses processos levaram a casa a ser uma coisa e não outra e respaldam a afirmação que os patrimônios produzem agências, que estas são pautadas num objeto em constante transformação e são realizadas por pessoas que estão em movimento contínuo, em um mundo que não para de mudar.

3. CAPÍTULO
COLEÇÃO DE MEMÓRIAS



A memória não é um simples documento que aparece num arquivo, mas possibilidades de existir hoje. Isso nos torna responsáveis, cada um e coletivamente, por essa memória. Ou seja, somos responsáveis pelo que recordamos. Somos responsáveis pelo que queremos que hoje apareça como recuperação do passado, porque dessa responsabilidade surge nosso existir contemporâneo. (SCHMUCKLER apud GRANATO, 2009)

Definimos que um centro cultural é um espaço cultural baseado na ideia de geração e propagação da cultura como um todo, não tendo a necessidade de ter um acervo, e não inclui, como um de seus principais objetivos, preservar uma memória (por mais que também possam desempenhar esse papel). Dessa maneira, talvez, o maior objetivo desses locais seja fazer memórias e esse fazer memórias seria uma de suas grandes vocações, vocação essa que podemos observar na CCLA.

A CCLA é um espaço que a 29 anos tem se dedicado a oferecer diversas formas de cultura e que junto a isso, tem a função de propagar as memórias de Álvaro Alvim, Ângelo Agostini e, por sua dedicação e obstinação em concretizar o espaço, propaga também a imagem de Laura Alvim. É a volta destes contextos culturais diversos, que foge dos padrões, que se formam as diversas memórias do lugar. E são essas memórias, que se diferenciam de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, que formam uma grande coleção de memória e é essa coleção, que propomos aqui, que seja entendida como seu acervo.

Sendo a memória algo que, segundo Nora (1993) “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto, entendesse como local de memória, nesse momento, quaisquer espaços onde essa memória se enraíza, onde é preservada, arquivada e rememorada sempre que necessário”. Sendo assim, para chegar ao objetivo proposto, a pesquisa foi realizada em diversos locais considerados como locais de memória, mesmo que não tenham sido criadas para essa função. São eles: os *websites*, as redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, relatos coletados de entrevistas com pessoas ligadas a Casa e/ou a Laura, os arquivos de periódicos, os arquivos da casa e as memórias e percepções do lugar



por parte dos frequentadores, memórias estas materializadas em forma de *flyer*, convites, ingressos de eventos e imagens pessoais das experiências vividas na casa.

Navegando por *websites* que fazem menção a Laura Alvim foram encontradas diversas notas de eventos realizados na casa, como lançamento de livros, vídeos e filmes, simpósio, entregas de prêmio, divulgação das peças de teatro, eventos de música, entre outros. Dentre as páginas encontradas na pesquisa há a página institucional da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro⁷² onde foi encontrada toda a programação recente da casa, imagens, histórico e três vídeos: o primeiro sobre a exposição de Antônio Dias, o segundo uma aula show com José Miguel Wisnik, Arthur Nestrovski e Paula Morelenbaum e o último um *trailer* da casa de cultura produzido pela VRio. Na página da JusBrasil é possível verificar os processos de licitação da casa dentre outras informações principalmente as jurídicas, assim como no *site* do Centro Brasileiro de Teatro para infância e Juventude⁷³ são encontradas referências a algumas peças encenadas na CCLA, com *release* e imagens.

Diversos blogs fazem referência a Laura e a casa. No blog da Èvra⁷⁴, uma grife de roupa mineira, encontramos a coleção de inverno de 2011 que foi feita em homenagem a Laura. Os ensaios fotográficos que divulgaram a coleção foram realizados no museu de Laura. O blog Fora da Estação⁷⁵ faz um bom resumo da casa de cultura e conta com uma entrevista com ex diretora Lygia Marina. Há um blog dedicado ao Salão Carioca de humor de 2008, o <http://salaocarioca.blogspot.com.br/>, e o blog da Livraria de Dona Laura que funcionou na casa de 2007 a 2010.

Diversos *sites* de empresas e grupos que realizaram eventos na casa foram identificados assim como *sites* que divulgaram esses eventos, como por exemplo, o *site* do Grupo Arco-Íris⁷⁶ que realizou o 13º Prêmio Arco-Íris de Direito Humanos em

⁷² Site: <http://www.cultura.rj.gov.br/videos-espaco/casa-de-cultura-laura-alvim>. Acessado pela última vez em 05 mai. 2015.

⁷³ Site: <http://cbtij.org.br/>. Acessado pela última vez em 02 fev. 2015.

⁷⁴ Site: <http://evrabrasil.blogspot.com.br/2011/02/colecao-de-inverno-2011-uma-homenagem.html>, acessado pela última vez em 05 dez. 2014.

⁷⁵ Site: <http://casadeculturalauraalvim.blogspot.com.br/>. Acessado pela última vez em 27 dez. 2014.

⁷⁶ Site: <http://www.arco-iris.org.br/>. Acessado pela última vez em 05 dez. 2014.

15 de dezembro de 2014, o *site* do Espaço Tápias⁷⁷ que apresentou espetáculo de dança na frente da CCLA, o *site* Movimentos Humanos Direitos⁷⁸ que realizou a entrega do Prêmio João Canuto 2014 no Teatro Laura Alvim e o *site* do Centro Cultural Cesgranrio que realizou o Simpósio em comemoração ao centenário de Nelson Rodrigues em agosto de 2012.

Imagem 43 – Marca do XIX Salão Carioca de Humor



Fonte: Souza, 2008

Imagem 44 – Marca da livraria



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 45 – Ensaio Fotográfico realizado pelo blog Èvra



Fonte: Èvra, 2011

⁷⁷ Site: <http://www.espacotapias.com/>. Acessado pela última vez em dez. 2014.

⁷⁸ Site: <http://www.humanosdireitos.org/>. Acessado pela última vez em jan.2015.



No *site* Ego⁷⁹, que faz cobertura de eventos sociais, a Casa de Laura aparece diversas vezes, o mesmo se observa em *sites* que fazem divulgação de programações culturais como *site* do Rio Show⁸⁰ que, além de oferecer informações quanto à programação, oferece algumas imagens da casa, críticas e elogios dos frequentadores, assim como o *site* Rio no Teatro⁸¹. Informações, imagens, críticas e elogios também podem ser observados no *site* da Tripadvisor.⁸²

Para realização da pesquisa o *site* de busca utilizado foi o *Google*. O termo inicial escolhido para as buscas foi “*Laura Alvim*” e foram encontrados aproximadamente 74.900 resultados. Posteriormente foram acrescentados outros termos, tais como: “*evento*” + “*Laura Alvim*”, “*lançamento*” + “*Laura Alvim*”, “*teatro*” + “*Laura Alvim*”, e em seguida, quando necessário, por falta de informação, foi usado apenas o nome do evento em si mais o termo “*Laura Alvim*”.

Nas redes sociais é possível encontrar diversas referências a Laura Alvim principalmente no que tange o *check in*, marcações que os usuários fazem, nas redes sociais, informando onde estão e onde foram. Frequentemente essas marcações vem acompanhada de imagens e opiniões sobre o local.

No *Facebook* foram detectadas diversas referências a Casa de Cultura e a Laura Alvim, dentre elas a página institucional da casa, uma comunidade denominada “O Sonho de Laura” feita para divulgação de um documentário biográfico baseado na vida de Laura Alvim e a página “Sobre Laura Alvim”, página gerada automaticamente pelo *Facebook* com base nos interesses de seus usuários. Foi através dessa página que conseguimos diversas imagens e relatos sobre o espaço. Na página institucional da CCLA foi possível conseguir diversas imagens e informações sobre eventos que ocorreram, entretanto, com a mudança de direção, todo o histórico foi apagado.

No *Twitter* é possível encontrar algumas marcações, imagens e vídeos usando #LauraAlvim na pesquisa. Não foram encontradas opiniões sobre a casa e sobre Laura, até mesmo porque não há um perfil dedicado a ela, institucional ou

⁷⁹ Site: <http://ego.globo.com/>. Acessado pela última vez em dez. 2014.

⁸⁰ Site: <http://rioshow.oglobo.globo.com/>. Acessado pela última vez em jan.2015.

⁸¹ Site: <http://www.rionoteatro.com.br/>. Acessado pela última vez em fev.2015.

⁸² Site: <http://www.tripadvisor.com.br/>. Acessado pela última vez em jan.2015.



não, as marcações se concentram nos eventos da casa, peças de teatro e ensaios realizados.

No *Instagram*, assim como no *Twitter*, não foi encontrado um perfil institucional ou um perfil dedicado a Laura Alvim, contudo encontramos diversas referências a casa ao usar na pesquisa *#LauraAlvim*. Como o *Instagram* é uma rede social criada para compartilhamento de fotos e vídeos há considerável quantidade de imagens da CCLA.

Através do *Youtube*, servidor de vídeos em formato digital que permite que os usuários os compartilhem através dos mais diversos canais, a pesquisa foi feita primeiramente com o termo “Casa de Cultura Laura Alvim” e foram encontrados vídeos de diversos eventos ocorridos na casa, trechos de peças de teatro e de entregas de prêmios, algumas leituras de texto, apresentações de dança, *teaser* de divulgação de espetáculos, apresentações, palestras e encontros. O mais antigo encontrado foi o show completo da banda “Trabalho Sujo”, realizado na CCLA em 1988. É possível visualizar também alguns programas que citam a casa de cultura como, por exemplo, “Programa Especial confere a acessibilidade da Casa de Cultura Laura Alvim”, publicado em 2012 e um videoclipe apresentando a casa realizado pela VRio. Quando a pesquisa se resumiu ao termo “Laura Alvim” foram encontrados diversas referências ao Teatro Laura Alvim com mais eventos e mais trechos de espetáculos teatrais além de lançamentos de CDs e shows. Um dos vídeos encontrados, datado de 28 de agosto de 2010, Lúcia Maria, uma senhora de 92 anos, relata, dentre outras coisas, que conheceu Laura Alvim e a partir do 03min15seg declara: “... *ela era bem mais velha que eu. Muito bonitona. Só andava assim, muito bem vestida e não saía de noite pra não ficar vista (...) Ela era uma mulher recatada? - Não era não.*”

As buscas em periódicos se concentraram no termo “*Laura Alvim*”, uma vez que este termo cobre qualquer referência ao espaço, que pode aparecer denominado nos periódicos como Casa de Laura Alvim, Teatro Laura Alvim, Casa de Cultura Laura Alvim ou até mesmo Casa de Ângelo Alvim, mas, neste caso, sempre há alguma referência a Laura. O termo abrange também o período que a casa ainda não era um centro cultural. A pesquisa se concentrou principalmente no Jornal do Brasil onde foram encontradas 8.866 ocorrências e no Jornal O Globo com 58.615 ocorrências. Algumas matérias da Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, com



131 e 153 ocorrências respectivamente, e do extinto jornal A Notícia também foram usadas.

A primeira referência encontrada sobre Laura Alvim data de 21 de julho de 1926, no Jornal Brasil, e noticia que Laura e Mariana representaram Álvaro Alvim em uma Homenagem a Madame Curie.

Em 22 de julho de 1973, também no Jornal do Brasil, há uma reportagem, no 1º Caderno intitulada “Doença pára teatro que Laura Alvim constrói”, que relata que a casa da Vieira Souto estava em obras há 05 anos e que Laura teria empregado todo seu dinheiro em um ideal que há 20 anos a perseguia: a construção de um centro cultural que fosse o mais sofisticado da América Latina.

Até 1984 as reportagens se referem aos sonhos de Laura, são dezenas delas, e sobre ensaios de diversos grupos no teatro construído por ela nos fundos de sua casa. No período entre o falecimento de Laura e a inauguração da casa as reportagens são focadas nos moradores que se negaram a sair da casa e a programação que a mesma iria abrigar, além da festa de inauguração. O que se vê após são, em sua maioria, referências à programação da casa.

A pesquisa sobre o tema Laura Alvim se entendeu aos canais de televisão. Junto ao SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) e a TV Manchete não conseguimos resposta quanto ao nosso pedido. Contudo, na Rede Globo de Televisão foram encontradas sete reportagens, quatro delas despertaram interesse e agregariam muito ao trabalho. São elas:

Nº do Doc.: RJ50-0017214

Título: Laura Alvim e o centro cultural de Ipanema

Data: 17/03/1980

Sinopse: Laura Alvim, Senhora de 70 anos, transforma sua casa (situada na Av. Vieira Souto) num centro cultural realizando ensaios de grupos de música e teatro/

Nº Doc.: Rj50-0081408

Título: Viúva Laura Alvim deixa casa Na Avenida Vieira Souto de herança para FUNARJ, mas a casa tem moradores.



Data: 14/05/1985

Sinopse: Laura Alvim deixou sua casa Avenida Vieira Souto de herança para FUNARJ, mas pessoas que lá moravam com consentimento da morta não querem sair – Diretor Superintendente da FUNARJ Mario Honório Teixeira Filho fala do assunto.

Nº Doc.: Rj50-0124508

Título: Casa de Cultura Laura Alvim festeja 2 Anos com inauguração de Museu

Data: 09/05/1988

Sinopse: Imagens da noite comemorativa dos 2 anos da Casa de Cultura Laura Alvim/Ilustrações de Ângelo Agostini/Um dos 1.Exemplares da Revista Ilustrada/Charges e ilustrações de Ângelo Agostini nas revistas resgatadas para inauguração do Museu

Casa de Cultura Laura Alvim

Nº Doc.: Rj53-0028405

Título: Salão Carioca de Humor completa dezoito anos

Data: 11/03/2007

Sinopse: Charges, cartuns e quadrinhos expostos no Salão Carioca de Humor, na Casa de Cultura Laura Alvim / Visitantes observam as obras expostas / Entrevista com o cartunista Nani, fala sobre o humor e cita as frases "Quem não ri não presta" e "O Humor é um grande amor pela humanidade" (Sobe Som) / Charges de Nani expostas / Entrevista com o cartunista Ziraldo, diz que homenagens aos 75 anos soam como homenagens feitas às pressas "Enquanto ele ainda está vivo" e avisa que não vai parar, pois está muito cedo e tem muito a fazer (sobe som) / Ziraldo autografando livros / Ziraldo fala sobre o papel do humor (sobe som) / close em charges expostas / Close em caricatura retratando o grupo musical Los Hermanos / Close em caricatura da ginasta Daiane dos Santos /

Contudo a Rede Globo cobrou R\$680,00 para o uso do material, caso a compra fosse realizada às cegas, segue abaixo a resposta recebida via e-mail em 09 de fevereiro de 2015:



Como se tratam de matérias antigas, o material não está disponível em nossos portais.

Para visionar o material em nossa sede, no CEDOC, também é cobrada uma taxa, que é de R\$300 por hora. Sendo que os visionamentos só acontecem aos sábados, mediante agendamento.

Mas nesse caso você paga para visionar e depois, caso se interesse por alguma matéria, paga para comprar o material.

O que podemos fazer no seu caso é oferecer um desconto na compra do material, já que você está comprando 4 matérias. O valor total para as 4 reportagens, com desconto, seria R\$680. E fica a seu critério se deseja agendar um horário para visionamento antes, pagando R\$300, ou se deseja adquirir sem visualizar.

Se ficar alguma dúvida, entre em contato conosco.

As três reportagens restantes se referem ao Lançamento do disco de Olivia Hime, "Estrela Da Vida Inteira", vinculada no Jornal da Globo em 10/02/1987, a exposição "Relicário" de Vik Muniz na Galeria Laura Alvim, exibido em 14/10/2010 no Jornal das Dez e ao "Prêmio João Canuto 2014 - Noite para homenagear todos que se destacaram na luta pelos Direitos Humanos", vinculada em 02/12/2014 no Bom Dia Rio.

Ao reunir no mesmo lugar as diversas maneiras que a CCLA é representada por seu público, frequentadores e por todos que tem algum tipo de contato, procuramos ilustrar o que defendemos como seu verdadeiro acervo, procuramos ilustrar sua coleção de memórias.

3.2 Imagens como memória

Para demonstrar a coleção de memórias da Casa de Cultura Laura Alvim foi realizada uma triagem nas imagens adquiridas através de pesquisas nos registros da casa e junto aos seus frequentadores, alunos, funcionários, ex-funcionários e defensores dos ideais do espaço.



A casa através dos anos

Imagem 46 – Casa da família Alvim nos anos 1920.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 47 – Casa da família nos anos 50.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 48 – CCLA após ser doada à FUNARJ.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 49 – CCLA no dia da inauguração.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 50 – CCLA em 1987.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 51 – Casa de Cultura nos anos 1990.



Fonte: Arquivo CCLA.

3. Imagens como memória.



Imagem 52 – Casa de Cultura nos anos 2000.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 53 – CCLA entre 2007 e 2009.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 54 – Fachada CCLA em 2011.



Fonte: Amoreli, 2012.

Imagem 55 – Fachada CCLA em 2015.



Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Imagem 56 – Detalhes da arquitetura da CCLA.



Fonte: Luiz Kühner, 2015.

Imagem 57 – Vista da CCLA.



Fonte: Elaborada pela autora, 2015.



Imagem 58 – Corredor de acesso as arcadas.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 59 – Entrada sala de vídeo.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 60 – Entrada CCLA em 2010.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 61 – Entrada CCLA.



Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Imagem 62 – Espaço interno da casa.



Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Imagem 63 – Arcadas no dia da inauguração.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 64 – Arcadas anos 90.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 65 – Parte da frente da casa antes da inauguração.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 66 – Varanda galeria em 2015.



Fonte: Elaborada pela autora.

Imagem 67 – Arcadas anos 1980.



Fonte: Arquivo CCLA.

3. Imagens como memória. 

Imagem 68 – Parte interna das arcadas.



Fonte: Facebook, 2010.

Imagem 69 – Aniversário de um ano CCLA.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 70 – Arcadas.



Fonte: Grupo Estação, 2007.

Imagem 71 – Detalhes da arquitetura das arcadas.



Fonte: Elaboradas pela autora, 2015.

Imagem 72 – Varanda do teatro.



Imagem 73 – Janela do museu.



Imagem 74 – Sino.



Fonte: Imagens elaboradas pela autora, 2015.

Imagem 75 – Detalhes arquitetura.



Fonte: Elaboradas pela autora, 2015.

Imagem 76 – Arcadas em 2014.



Fonte: Elaborada pela autora

Imagem 77 – Arcadas em 2009.



Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2009

Imagem 78 – Parte interna arcadas.



Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2009.



Imagem 79 – Galeria anos 1980.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 80 – Galeria anos 2010.



Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2010.

Imagem 81 – Teatro antes da inauguração.



Fonte: Arquivo CCLA.

Imagem 82 – Teatro anos 2010.



Imagem 83 – Detalhe do Vitral.



Imagem 84 – Detalhe escada interna.



Imagem 85 – Escada interna.



Fonte: Imagens elaboradas pela autora, 2015.

Imagem 86 – Vitral.



Imagem 87 – Sala do museu em 2015.



Imagem 88 – Sala do museu em 2015.



Fonte: Luiz Kühner, 2015.



Imagem 89 – Vista do museu.



Fonte: Elaborada pela autora, 2015.

Imagem 90 – Sala do museu em 2015.



Fonte: Luiz Kühner, 2015.

Imagem 91 – Imagens do banheiro rosa de Laura em 2015.



Fonte: Imagens elaboradas pela autora, 2015.

Imagem 92 – Closet de Laura em 2015.



Fonte: Luiz Kühner, 2015.

Imagem 93 – Quarto de Laura em 2015.



Fonte: Luiz Kühner, 2015.

Imagem 94 – Varanda da casa em 1986.



Fonte: Arquivo CCLA, 1986.

Imagem 95 – Vista da varanda da casa em 2015.



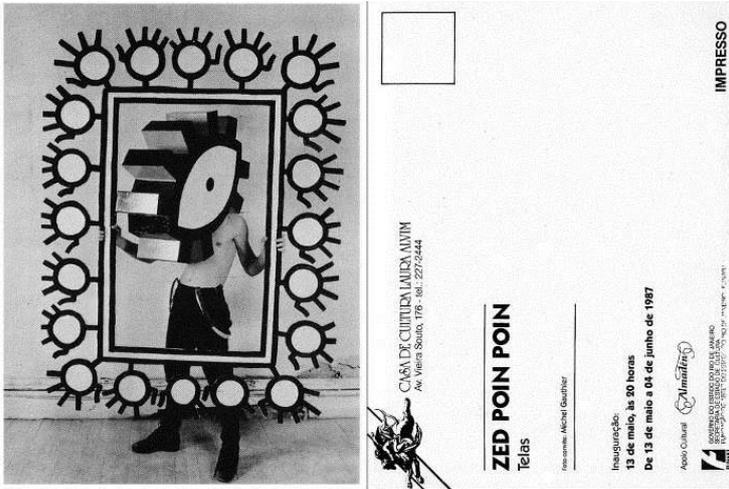
Fonte: Elaboradas pela autora, 2015.

3. Imagens como memória.



Exposições

Imagem 96 – Convite da exposição solo de Zed Poin Poin.



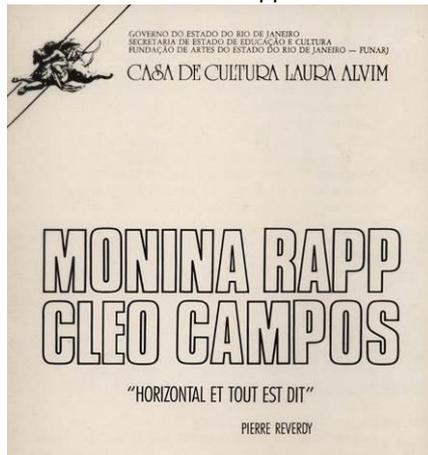
Fonte: Arquivo CCLA, 1987.

Imagem 97 – Catálogo da expo de Molina Rapp.



Fonte: Rapp, 1991.

Imagem 98 – Catálogo da expo de Molina Rapp.



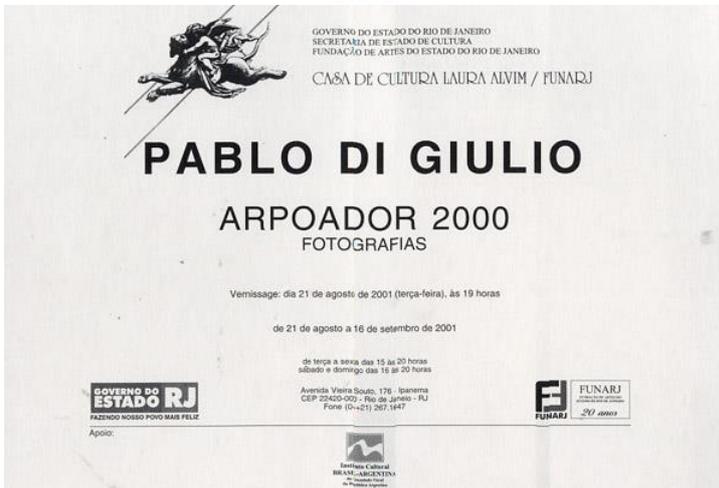
Fonte: Rapp, 1991.

Imagem 99 – Catálogo da expo de Molina Rapp.



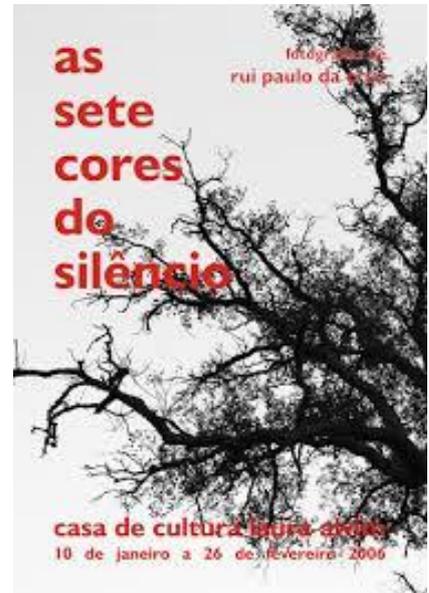
Fonte: Rapp, 1991.

Imagem 100 – Convite da exposição Arpoador 2000 de Pablo Di Giulio.



Fonte: Arquivo CCLA, 2001.

Imagem 101 – Folder da Exposição de Rui Paulo Cruz.



Fonte: Arquivo CCLA, 2006.

3. Imagens como memória. 

Imagem 102 – Expo Dercy Gonçalves.



Fonte: Carvalho, 2007.

Imagem 103 – Expo Mostra Sonhos Velados.



Fonte: Observatório de favelas, 2008.

Imagem 104 – Expo Turdus de Ângelo Venosa.



Fonte: Almeida, 2009.

Imagem 105 – Expo Nuvem de Laura Lima.



Fonte: Ferreira, 2009.

Imagem 106 – Expo de Janaína Tschäpe.



Fonte: Mourão, 2009.

Imagem 107 – Expo ruído de Luiz Zerbini.



Fonte: Name, 2009.

Imagem 108 – José Damasceno.



Fonte: Clan Design, 2009.



Imagem 109 – Expo Quando a gente para o mundo roda de Ernesto Neto.



1º de janeiro, 2010
sequência fotográfica em projeção

O Governo do Estado do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração de

Ernesto Neto

Quando a gente para, o mundo roda
galeria

Areia, asfalto, água, ágora
obra na praça, na noite de abertura

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Ligia Canongia

INAUGURAÇÃO
17 de dezembro de 2010, sexta-feira, às 19h

EXPOSIÇÃO
18 de dezembro de 2010 a 13 de março de 2011
terça a domingo, das 13 às 21h

Galeria Laura Alvim
Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema
Rio de Janeiro – RJ
TEL. (021) 2332-2017

PATROCÍNIO



Fonte: Sampaio, 2010.



Imagem 110 – Expo Cartoon de Ana Linnemann.



Os invisíveis nº 2, 2007 | 25 x 35 x 28 cm | motor, mecanismos, componentes eletrônicos, livros e garrafa de Coca-Cola
FOTO: PAT KILGORE

PATROCÍNIO



Fonte: Tcmagazine, 2011.

O Governo do Estado do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição

Ana Linnemann

Cartoon

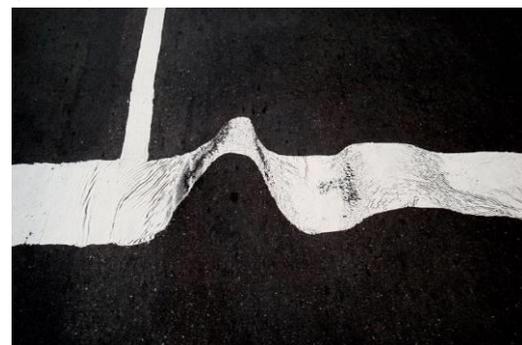
CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Fernando Cocchiarale

INAUGURAÇÃO
15 de junho de 2011, quarta-feira, às 19h

EXPOSIÇÃO
16 de junho a 31 de julho de 2011
terça a domingo, das 13 às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto, 176,
Ipanema | Rio de Janeiro | RJ
TEL. (021) 2332-2017

Imagem 111 – Expo dos artistas Marcos Chaves, Ana Linnemann, Cadu, Ronald Carvalho e Carlito Carvalhosa.



Fonte: Clan Design, 2011.



Imagem 112 – Projeto Cisco de Ricardo Becker.



O Governo do Rio de Janeiro,
a Secretaria de Estado de Cultura
e a Casa de Cultura Laura Alvim
têm o prazer de convidar
para a inauguração da exposição

Ricardo Becker
Projeto cisco

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Fernando Cocchiarale

INAUGURAÇÃO
2 de maio, quarta-feira, às 19h

EXPOSIÇÃO
3 de maio a 17 de junho
terça a domingo, das 13 às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto, 176 | Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | TEL (021) 2332-2017

PATROCÍNIO



PRODUÇÃO



Fonte: Tcmagazine, 2012.

Imagem 113 – Projeto Cisco de Ricardo Becker.



Fonte: Pennaforte, 2012.

Imagem 114 – Expo coletiva de Ricardo Becker, Franklin Martins, Franz Manata & Saulo Laudares, Fernanda Gomes e Marta Jourdan.



Fonte: Clan Design, 2012.

Imagem 116 – Expo Fernanda Gomes.



Fonte: Strina, 2012.

Imagem 115 – Expo de Carlito Carvalhosa.



Fonte: TimeOut, 2012.

Imagem 117 – Expo Fernanda Gomes.



O Governo do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição

Fernanda Gomes

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Fernando Cocchiarale

INAUGURAÇÃO
21 de novembro, quarta-feira, às 19h

EXPOSIÇÃO
22 de novembro de 2012 a 17 de fevereiro de 2013
terça-feira a domingo, das 13 às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema
Rio de Janeiro – RJ | TEL (021) 2332-2017



PATROCÍNIO



SECRETARIA DE CULTURA
FUNARJ



PRODUÇÃO



Fonte: Strina, 2012.

Imagem 118 – Expo de Marta Jourdan.



O Governo do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição

Marta Jourdan

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Fernando Cocchiarale

INAUGURAÇÃO
6 de março, quarta-feira, às 19h

EXPOSIÇÃO
7 de março a 28 de abril de 2013
terça-feira a domingo, das 13 às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto 176 | Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | T (21) 2332-2017

PATROCÍNIO



SECRETARIA DE CULTURA
FUNARJ



MARTA JOURDAN
Líquidos perfeitos
FOTO Pat Kilgore

PRODUÇÃO



Fonte: Clan Design, 2013.

Imagem 119 – Expo Umas e Outras de Leonora Bastos.



O Governo do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para

Umas e Outras
Lenora de Barros

LANÇAMENTO DO CATÁLOGO E VISITA GUIADA
com Glória Ferreira e Lenora de Barros
30 de outubro, quarta-feira, às 19h

EXPOSIÇÃO
até 17 de novembro de 2013
terça-feira a domingo, das 13 às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto 176 | Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | T (21) 2332-2017



Jogo de damas
vídeos em Anagrá, 2013
fotos: Pat Kilgore

PATROCÍNIO E REALIZAÇÃO



FUNARJ
FUNDO NACIONAL DE CULTURA



PRODUÇÃO



Fonte: Tcmagazine, 2013.

Imagem 120 – Expo Poemas Pendurados de Rosana Ricalde.



O Governo do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição

Rosana Ricalde
Poemas pendurados

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Glória Ferreira

INAUGURAÇÃO
29 de maio, quarta-feira, às 19h

EXPOSIÇÃO
30 de maio a 11 de agosto de 2013
terça-feira a domingo, das 13 às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto 176 | Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | T (21) 2332-2017

PATROCÍNIO



FUNARJ
FUNDO NACIONAL DE CULTURA



ROSANA RICÁLDE
Fio de Ariadne
FOTO Felipe Barbosa

PRODUÇÃO



Fonte: Ferreira, 2013.

Imagem 121 – Expo Sonar de Floriano Romano.

O Governo do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição

Sonar
Floriano Romano

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Glória Ferreira

INAUGURAÇÃO
4 de dezembro, quarta-feira, às 19h

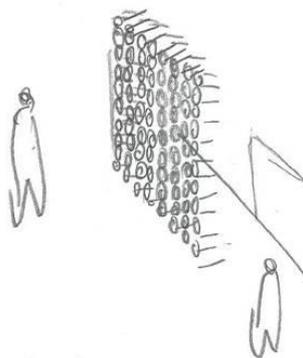
EXPOSIÇÃO
5 de dezembro de 2013 a 3 de março de 2014
terça-feira a domingo, das 13 às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto 176 | Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | T (21) 2332-2017

PATROCÍNIO E REALIZAÇÃO

PRODUÇÃO
TISARA




Fonte: Facebook, 2013.

Imagem 122 – Expo Águas Furtadas de Laura Erber.

O Governo do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição

Águas Furtadas
Laura Erber

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Glória Ferreira

INAUGURAÇÃO
26 de março, quarta-feira, às 19h

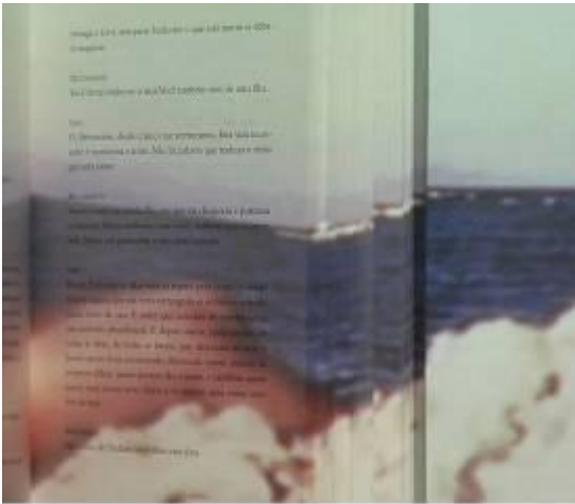
EXPOSIÇÃO
27 de março a 20 de maio de 2014
terça-feira a domingo, das 13h às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema
Rio de Janeiro - RJ | TEL. (21) 2332-2017

PATROCÍNIO E REALIZAÇÃO

PRODUÇÃO
TISARA



Fonte: Arquivo CCLA, 2014.

Imagem 123 – Expo Pouco a pouco Marilá Dardot.

O Governo do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição

Pouco a pouco
Marilá Dardot

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Glória Ferreira

INAUGURAÇÃO
4 de junho, quarta-feira, às 19h

EXPOSIÇÃO
5 de junho a 17 de agosto de 2014
terça-feira a domingo, das 13h às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto 176 | Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | T (21) 2332-2017

PATROCÍNIO E REALIZAÇÃO

PRODUÇÃO
TISARA



Fonte: Arquivo CCLA, 2014.

Imagem 124 – Expo nbp - etc - escolher linhas de repetição de Ricardo Basbaum.




O Governo do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição

nbp-etc: escolher linhas de repetição
Ricardo Basbaum

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Glória Ferreira

INAUGURAÇÃO
11 de setembro, quinta-feira, às 19h
Na inauguração haverá vocalização dos textos de Ricardo Basbaum por Lucília Trugtenberg e Lício Bruno

EXPOSIÇÃO
12 de setembro a 16 de novembro de 2014
terça-feira a domingo, das 13h às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto, 176 | Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | T (21) 2332-2017

PATROCÍNIO E REALIZAÇÃO

Ricardo Basbaum
membranças-entre, 2009
[detalhe]
Luciana Brito Galeria

 SECRETARIA DE CULTURA


PRODUÇÃO
 TISARA

Fonte: Aguiar, 2014.

Imagem 125 – Exposição Clepsidra de Malu Fatorelli.







O Governo do Rio de Janeiro, a Secretaria de Estado de Cultura e a Casa de Cultura Laura Alvim têm o prazer de convidar para a inauguração da exposição

CLEPSIDRA
arquitetura líquida
Malu Fatorelli

CURADORIA DA PROGRAMAÇÃO
Glória Ferreira

INAUGURAÇÃO
3 de dezembro, quarta-feira, às 19h

EXPOSIÇÃO
4 de dezembro de 2014
a 8 de março de 2015
terça-feira a domingo, das 13h às 21h

GALERIA LAURA ALVIM
Avenida Vieira Souto, 176 | Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | T (21) 2332-2017

PATROCÍNIO E REALIZAÇÃO

Malu Fatorelli, 2006
[detalhe]
cópia de aquarela, papel
japão e madeira
24,7x19 x 4 cm

 SECRETARIA DE CULTURA


PRODUÇÃO
 TISARA

Fonte: Facebook, 2015.



Teatro

Imagem 126 – Cena do espetáculo Katastrophé.



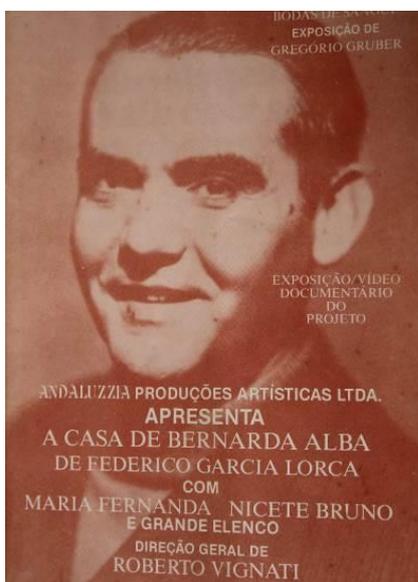
Fonte: Polinesio, 1986.

Imagem 127 – Tônia Carrero em Quartett.



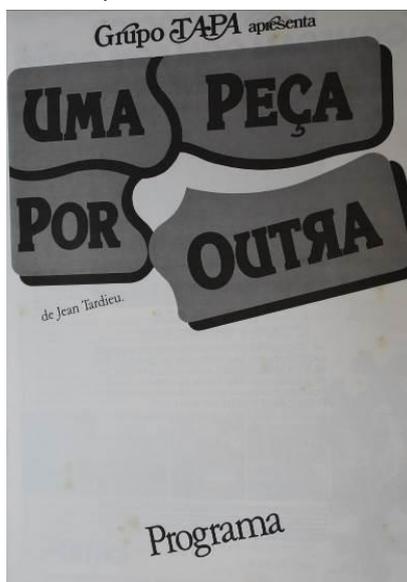
Fonte: Britto, 1986.

Imagem 128 –
Pôster de A Casa de Bernarda Alba.



Fonte: Arquivo CCLA, 1986.

Imagem 129 – Programa de Uma peça por outra encenada.



Fonte: Arquivo CCLA, 1987.

Imagem 130 – Cena da peça João e Maria.



Fonte: Ribeiro, 1987.

Imagem 131 –
O homem que sabia javanês.



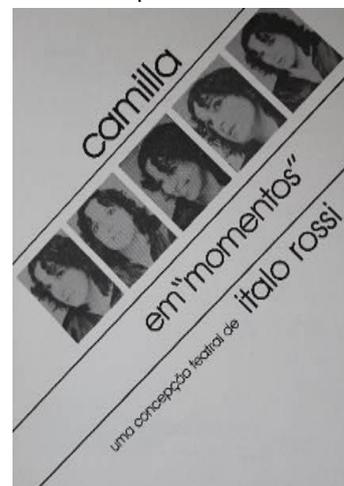
Fonte: Ribeiro, 1987.

Imagem 132 – Peça
Palhaçadas encenada.



Fonte: Arquivo CCLA, 1987.

Imagem 133 – Momentos
encenada por Camilla Amado.



Fonte: Arquivo CCLA, 1987.

Imagem 134 – As grades da cidade.



Fonte: Arquivo CCLA, 1988.

Imagem 135 – A Geração Trianon.



Fonte: Lima, 1988.

Imagem 136 – Dois idiotas sentados cada qual em seu barril.



Fonte: CBTIJ, 1988.

Imagem 137 – Pôster da peça O Ovo de Colombo.



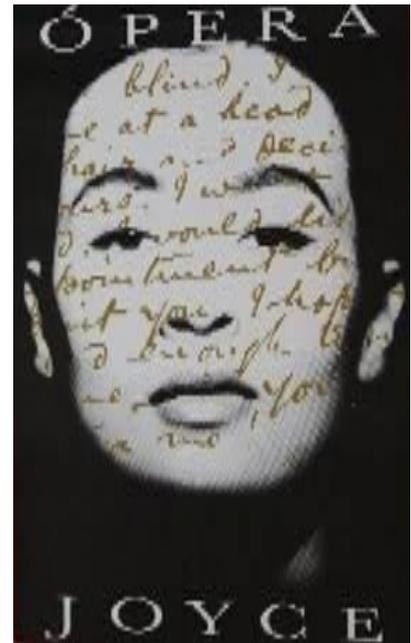
Fonte: Arquivo CCLA, 1988.

Imagem 139 – Folder de O Equívoco.



Fonte: Arquivo CCLA, 1989.

Imagem 140 – Convite de Ópera Joyce.



Fonte: Arquivo CCLA, 1989.

Imagem 138 – Convite da peça Os Cegos.



Fonte: Arquivo CCLA, 1989.

Imagem 141 – Nos tempos da opereta.



Fonte: Ribeiro, 1989.

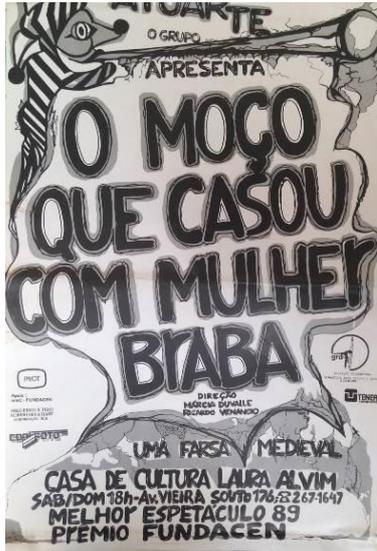
Imagem 142 – Brasileiras e Brasileiros.



Fonte: Teatro, 1989.

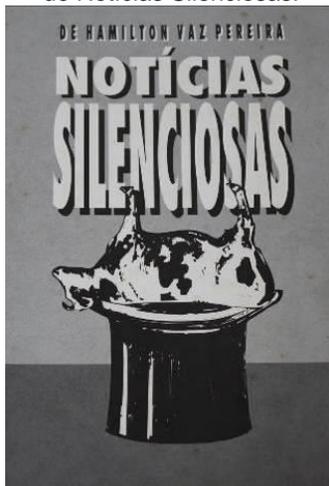


Imagem 143 – Pôster de O moço que casou com a mulher Braba.



Fonte: Arquivo CCLA, 1990.

Imagem 146 – Folder de Notícias Silenciosas.



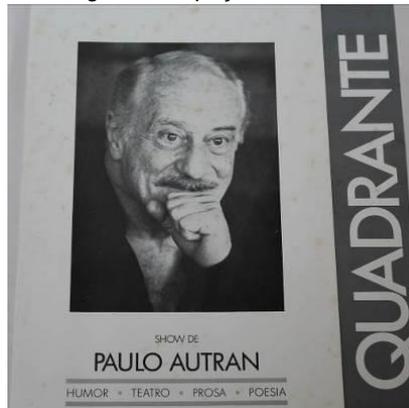
Fonte: Arquivo CCLA, 1991.

Imagem 150 – A Promessa.



Fonte: Ribeiro, 1991.

Imagem 144 – Programa da peça Quadrante.



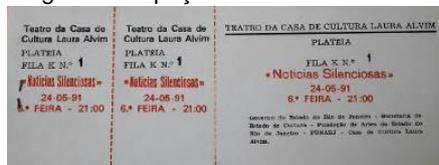
Fonte: Arquivo CCLA, 1990.

Imagem 147 – Ingresso da peça Quadrante.



Fonte: Arquivo CCLA, 1990.

Imagem 148 – Ingresso da peça Notícias Silenciosas.



Fonte: Arquivo CCLA, 1991.

Imagem 151 – Pôster da peça Olho no escuro.



Fonte: Arquivo CCLA, 1991.

Imagem 152 – Confissões de adolescentes.



Fonte: Kogut, 1992.

Imagem 145 – Programa da peça Machado Em Cena.



Fonte: Arquivo CCLA, 1990.

Imagem 149 – As Idades do Homem.



Fonte: Estréia, 1991.

Imagem 153 – O homem não deu certo, mamãe.



Fonte: Arquivo CCLA, 1992.

Imagem 154 – Ofélia by Hamlet.



Fonte: Facebook, 1992.



Imagem 155 –
Orquestra Brasileira de Sapateado.



Fonte: Arquivo CCLA, 1993.

Imagem 156 – Pôster Ai quem me dera uma estação de amor.



Fonte: Arquivo CCLA, 1993.

Imagem 157 – O baile.



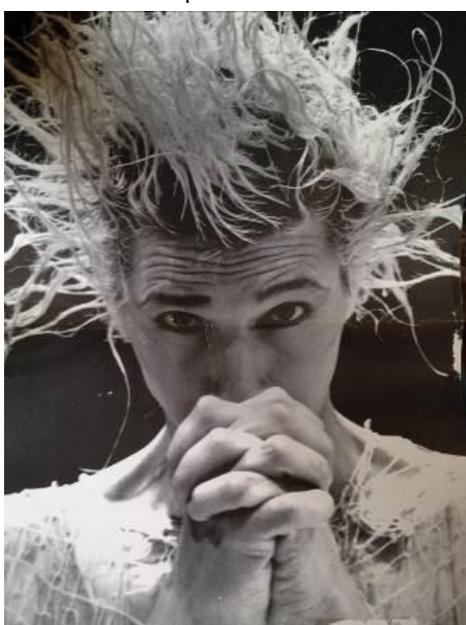
Fonte: Kruger, 1993.

Imagem 158 – Troia.



Fonte: Arquivo CCLA, 1993.

Imagem 159 – Pôster 500 anos - um fax de Denise Stoklos para Cristóvão Colombo.



Fonte: Arquivo CCLA, 1993.

Imagem 160 – Nasci para Bailar.



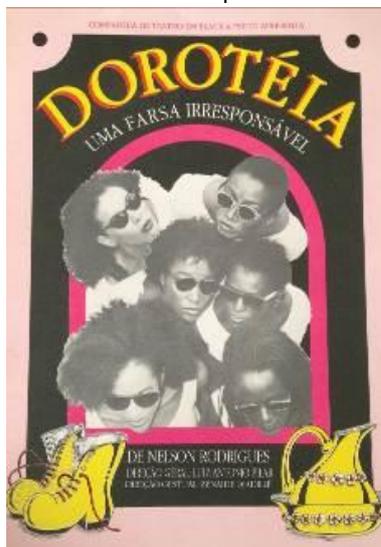
Fonte: Arquivo CCLA, 1994

Imagem 161 – Pôster Acerto de contas.



Fonte: Arquivo CCLA, 1994.

Imagem 162 – Pôster Dorotéia - Uma farsa irresponsável.



Fonte: Arquivo CCLA, 1994.

Imagem 163 – Pôster O Contrabaixo.



Fonte: Arquivo CCLA, 1994.

3. Imagens como memória.



Imagem 164 – Romeu e Izolda.



Fonte: Simões, 1995.

Imagem 165 – A Bossinha Nova.



Fonte: Divulgação, 1995.

Imagem 166 – Sonhos Shakesprianos.



Fonte: Simões, 1995.

Imagem 167 – Convite Médea.



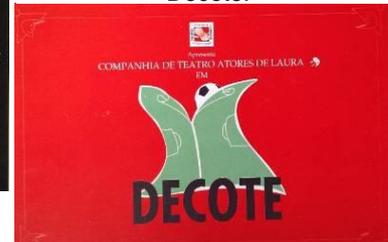
Fonte: Arquivo CCLA, 1996.

Imagem 168 – Convite de Seria trágico... se não fosse cômico.



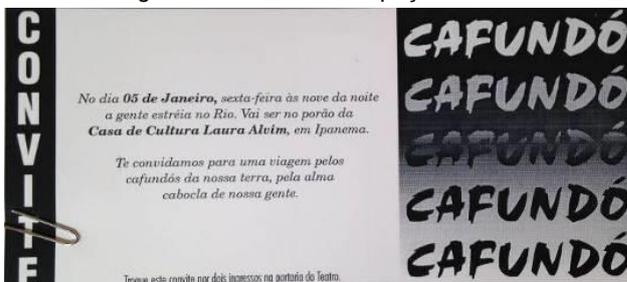
Fonte: Arquivo CCLA, 1996.

Imagem 169 – Convite da peça Decote.



Fonte: Arquivo CCLA, 1996.

Imagem 170 – Convite da peça Cafundó.



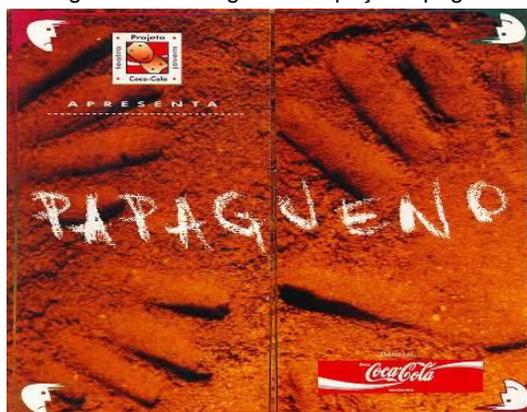
Fonte: Arquivo CCLA, 1996.

Imagem 171 – Convite da peça A bossa da conquista.



Fonte: Arquivo CCLA, 1996.

Imagem 172 – Programa da peça Papagueno.



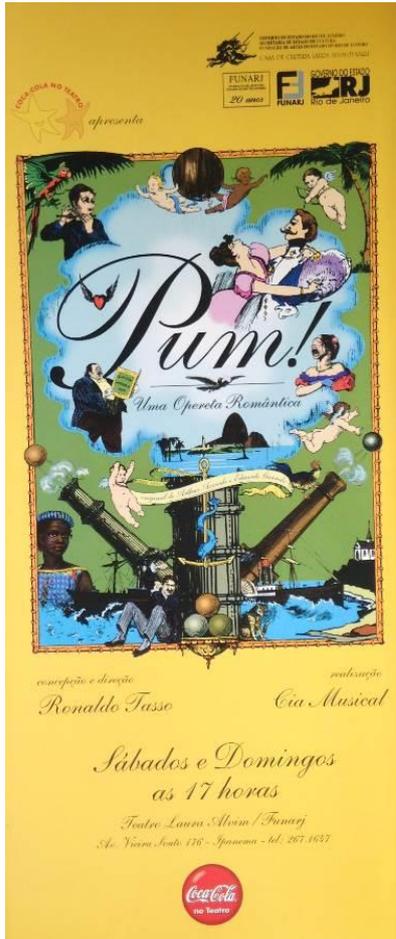
Fonte: Arquivo CCLA, 1997.

Imagem 173 – Cena da peça Papagueno.



Fonte: CBTIJ, 1997.

Imagem 174 – Catálogo de Pum!
Uma Opereta Romântica.



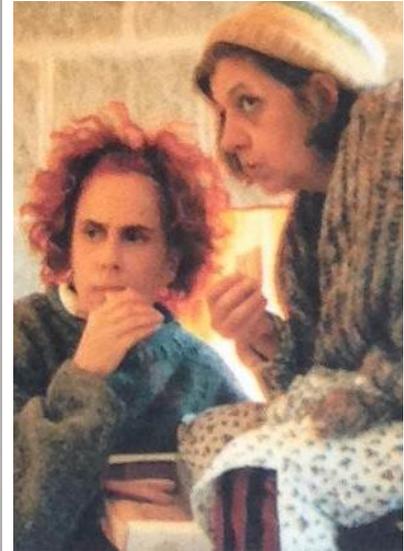
Fonte: Arquivo CCLA, 1999.

Imagem 175 – Convite de Coração Mamulengo.



Fonte: Arquivo CCLA, 1999.

Imagem 176 – Catálogo da peça
A Rainha da Beleza de Leenane.



Fonte: Arquivo CCLA, 1999.

Imagem 177 – Catálogo de Nelson.



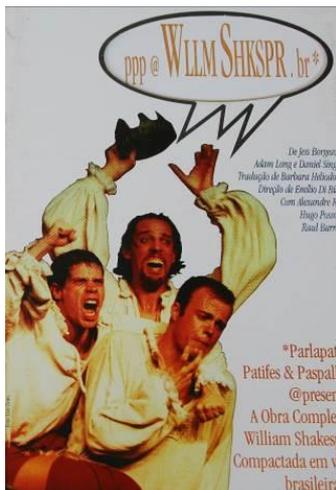
Fonte: Arquivo CCLA, 1999.

Imagem 181 –
Flyer de Dorotéia: uma
farsa irresponsável.



Fonte: Arquivo CCLA, 2000.

Imagem 178 – Convite da
peça ppp@WillmShkspr.br*.



Fonte: Arquivo CCLA, 1999.

Imagem 179 – Nijinsky -
Divino Bufão.



Fonte: Arquivo CCLA, 1999.

Imagem 180 – Cartaz de
Maquinária.



Fonte: Arquivo CCLA, 2001.

Imagem 182 – O cavalinho Azul.



Fonte: Cbitj, 2001.

Imagem 183 – Pôster da peça Êxtase.



Fonte: Arquivo CCLA, 2002.

Imagem 184 – Pôster da peça Novas Diretrizes em Tempos de Paz.



Fonte: Arquivo CCLA, 2002.

Imagem 185 – Pôster da peça 2 em 1.



Fonte: Arquivo CCLA, 2002.

Imagem 186 – Brinquedos cantados.



Fonte: Bedran, 2003.

Imagem 187 – As artimanhas de Scapino.



Fonte: Tarso, 2004.

Imagem 188 – Presiganga.



Fonte: CBITJ, 2004.

Imagem 189 – Presença de Guedes.



Fonte: Estrelando, 2004.



Imagem 190 – Divulgação da peça Amor! Coragem! Compaixão!



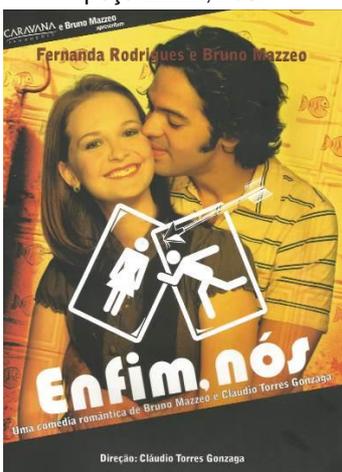
Fonte: Arquivo CCLA, 2005.

Imagem 191 – Romeu e Isolda.



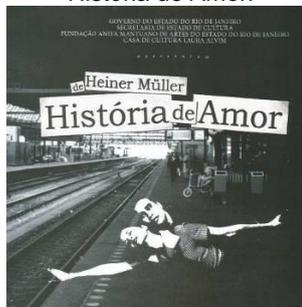
Fonte: Torres, 2005.

Imagem 192 – Catálogo da peça Enfim, nós.



Fonte: Arquivo CCLA, 2006.

Imagem 193 – Convite História de Amor.



Fonte: Arquivo CCLA, 2006.

Imagem 195 – Pôster de Um longo sonho do futuro.



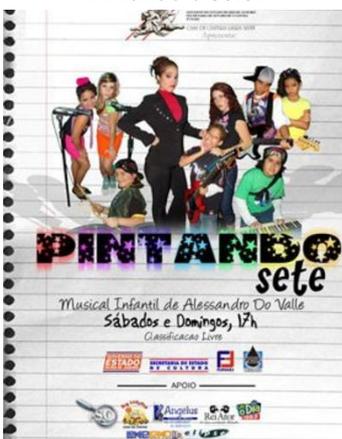
Fonte: Arquivo CCLA, 2007.

Imagem 194 – Convite da peça Safári terapêutico.



Fonte: Arquivo CCLA, 2007.

Imagem 196 – Pôster da peça Pintando o sete.



Fonte: Arquivo CCLA, 2005.

Imagem 197 – Flyer da peça A Mulher Desiludida.



Fonte: Arquivo CCLA, 2006.

3. Imagens como memória.



Imagem 198 – Convite da peça A Força do Destino.



Fonte: Arquivo CCLA, 2007.

Imagem 200 – Convite de Todos os humores do mundo.



Fonte: Arquivo CCLA, 2007.

Imagem 201 – Catálogo da peça Salada Show.



Fonte: Arquivo CCLA, 2007.

Imagem 203 – Catálogo de Um cão cheio de ideias.



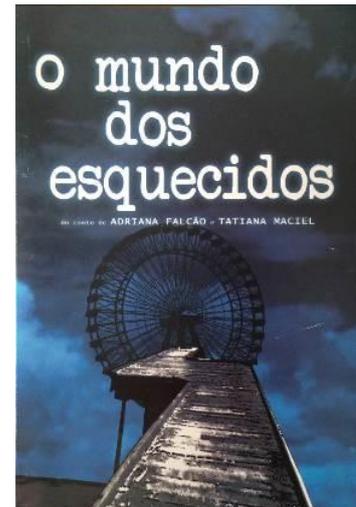
Fonte: Arquivo CCLA, 2007.

Imagem 199 – Pôster Comédia em Pé.



Fonte: Arquivo CCLA, 2007.

Imagem 202 – Convite O mundo dos esquecidos.



Fonte: Arquivo CCLA, 2007.

Imagem 204 – Convite do espetáculo Anticlássico.



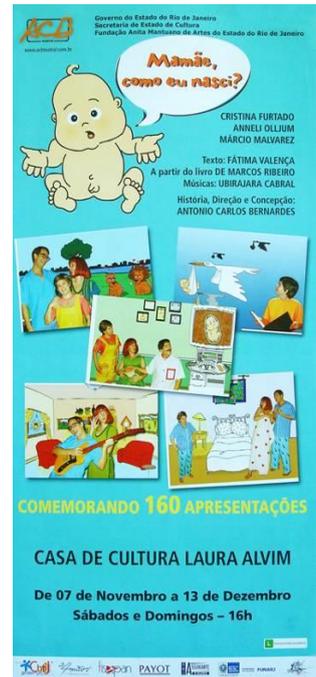
Fonte: Arquivo CCLA, 2008.

Imagem 205 – Casa de Laura.



Fonte: Arquivo CCLA, 2009.

Imagem 206 – Mamãe como eu nasci.



Fonte: CBTIJ, 2009.

Imagem 207 – Cia Atores de Laura.



Fonte: Nolugar, 2009

Imagem 208 – Cena da peça Dirigir-se aos homens.



Fonte: Arquivo CCLA, 2010.

Imagem 209 – Convite da peça Conversa Proibida.



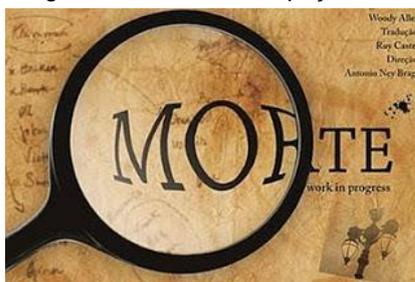
Fonte: Arquivo CCLA, 2009

Imagem 210 – Levitador Interplanetário Xereta Orbital.



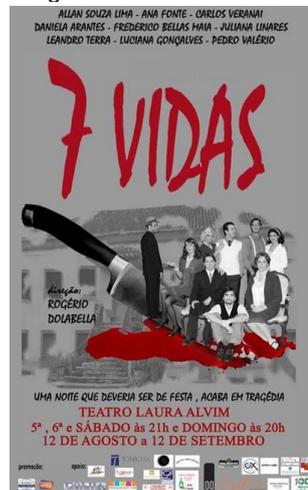
Fonte: Cbtij, 2009.

Imagem 211 – Convite da peça Morte.

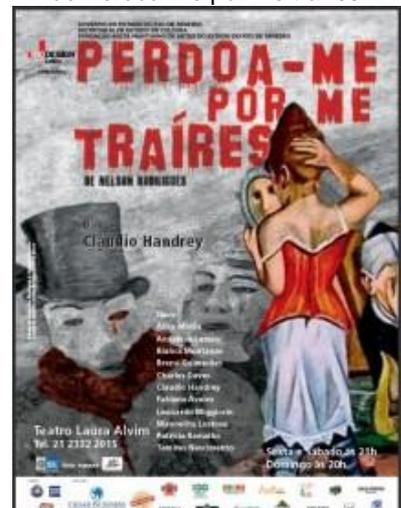


Fonte: Político, 2010.

Imagem 212 – Pôster 7 vidas.

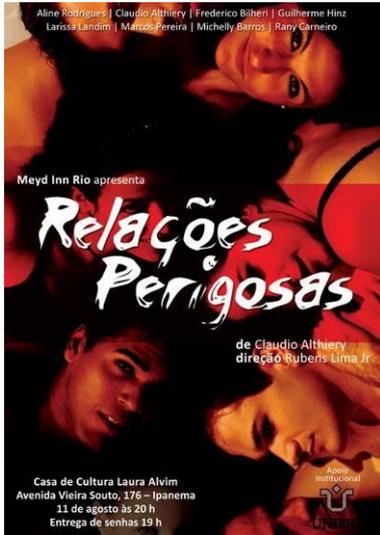


Fonte: 7 Vidas, 2010.



Fonte: Neto, 2010.

Imagem 214 – Pôster da peça Relações Perigosas.



Fonte: MEYD, 2011.

Imagem 215 – Pôster Facinora.



Fonte: Luís, 2011.

Imagem 216 – Flyer da peça Loucura.



Fonte: Montone, 2011.

Imagem 217 – Cena da peça Obituário Ideal.



Fonte: Liporaci, 2011.

Imagem 218 – Cena da peça O homem travesseiro.



Fonte: Andrade, 2012

Imagem 219 – Convite Mãos na Luva.



Fonte: Arquivo CCLA, 2012.

Imagem 220 – O céu está vazio.



Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2012.

Imagem 221 – Ficções.



Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2012.

Imagem 222 – Cena da peça Casamento.



Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2012.

Imagem 223 – Cena da peça Decote.



Fonte: Ego, 2012.

Imagem 224 – Pôster de Oréstia.



Fonte: Gávea Filmes, 2012.

3. Imagens como memória.



Imagem 225 – Convite de Casamentos e precipícios.



Fonte: Andrade, 2012.

Imagem 226 – Pôster Navalha da carne.



Fonte: Facebook, 2012.

Imagem 227 – Pôster da peça Quebra-ossos.



Fonte: Amcompany, 2012.

Imagem 228 – Convite de Barco de papel.



Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2012.

Imagem 229 – Divulgação de O que você gostaria que ficasse.



Fonte: Holofote, 2013.

Imagem 230 – Cena da peça 1958 A Bossa do Mundo é nossa.



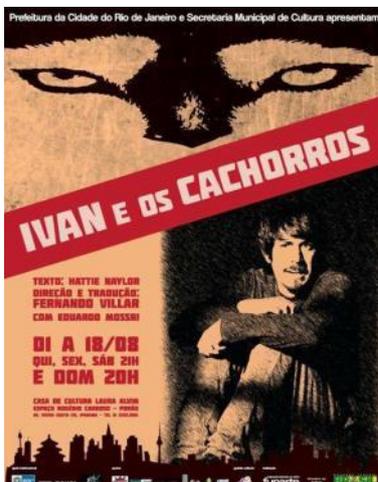
Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2013.

Imagem 231 – Fábrica de Chocolate.



Fonte: Sopa Cultural, 2013.

Imagem 232 – Pôster de Ivan e os cachorros.



Fonte: Polimeni, 2013.

Imagem 233 – Bette Davis e a máquina de coca-cola.



Fonte: Teatro de nós, 2013.

Imagem 234 – LaborAtorial.



Fonte: Sopa Cultural, 2013.

Imagem 235 – Os Sapos.



Fonte: Sortimentos, 2013.

3. Imagens como memória.



Imagem 236 – Clementina, cadê você?



Fonte: AABB-Rio, 2013.

Imagem 237 – Pôster de Beatriz.



Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2013.

Imagem 238 – Ah! A humanidade! E outras boas intenções.



Fonte: Mello, 2013.

Imagem 239 – A Porta da Frente.



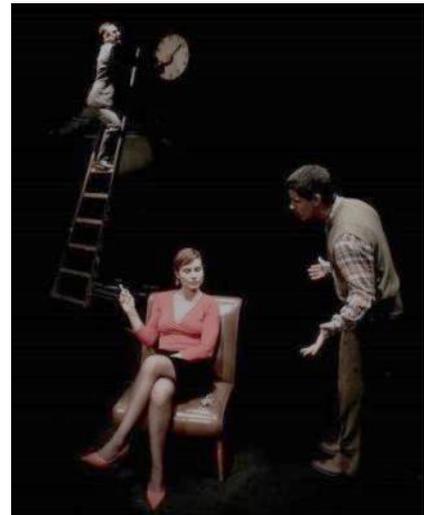
Fonte: Sortimentos, 2014.

Imagem 240 – Boca Molhada de Paixão Calada.



Fonte: Facebook, 2014.

Imagem 241 – A Estufa.



Fonte: Sortimentos, 2014.

Imagem 242 – As Bodas de Fígaro.



Fonte: Mello, 2014.

Imagem 243 – a Dama do Mar



Fonte: Carvalho, 2014.

Imagem244 – Morde!



Fonte: Sortimentos, 2014.

Imagem 245 – Como é cruel viver assim.



Fonte: Sortimentos, 2014.

Imagem 246 – Fish&Chips.



Fonte: Globo.com, 2014.

Imagem 249 – Zé Trindade a última chanchada.



Fonte: Catraca Livre, 2014.

Imagem 247 – Jazz do Coração.



Fonte: Sortimentos, 2014.

Imagem 248 – Pessoalmente Fernando.



Fonte: Catraca Livre, 2014.



Eventos Diversos

Imagem 250 – Exposição Darcílio Lima.



Fonte: Arquivo CCLA, 1986.

Imagem 251 – Abertura solene Perto de Clarice.



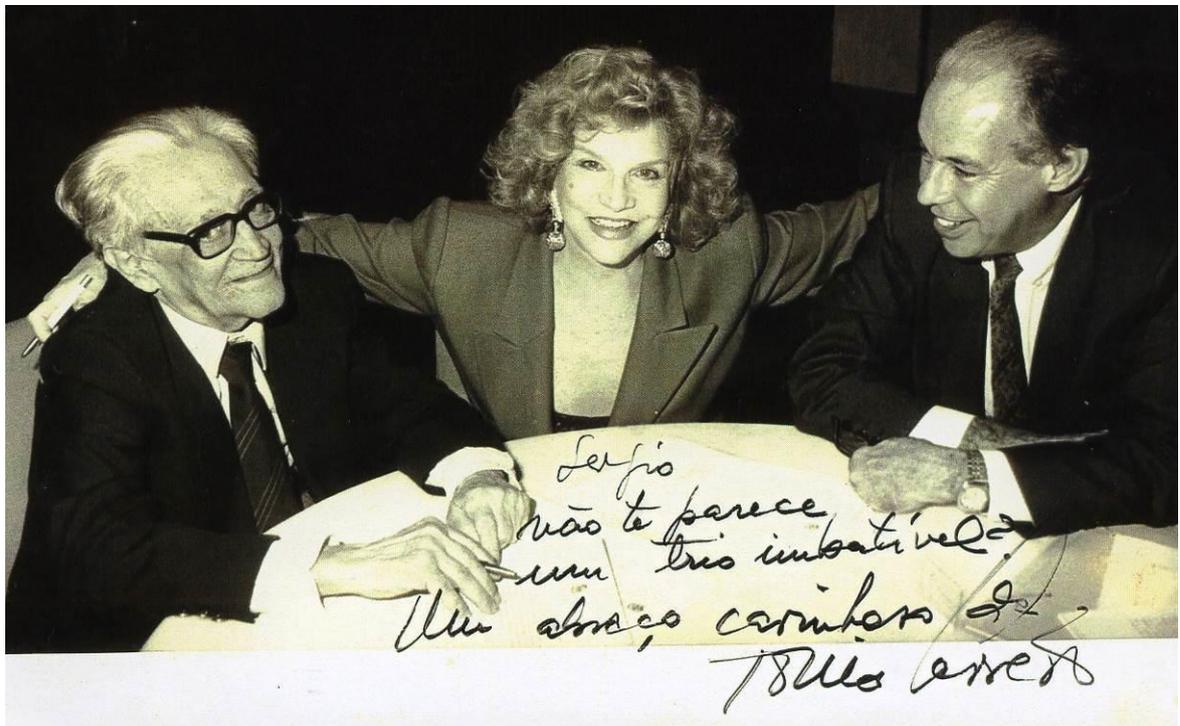
Fonte: Arquivo CCLA, 1987.

Imagem 252 – Lançamento do livro A História da Imprensa no Brasil.



Fonte: Arquivo CCLA, 1987.

Imagem 253 – Lançamento livro de Tônia Carrero com Edmundo Muniz e Sérgio Brito.



Fonte: Arquivo CCLA, 1987.

Imagem 254 – Exposição Oleiros do Nordeste.



Fonte: Arquivo CCLA, 1987.

Imagem 255 – Orquestra de sax.



Fonte: Arquivo CCLA, 1988.

3. Imagens como memória.



Imagem 256 – Júri do 1º Salão Carioca de Humor.



Fonte: Arquivo CCLA, 1988.

Imagem 257 – 1º Salão Carioca de Humor.



Fonte: Arquivo CCLA, 1988.

Imagem 258 – 1º Salão Carioca de Humor.



Fonte: Arquivo CCLA, 1988.

Imagem 259 – Lançamento do Livro "Migo" - Darcy e Stela.



Fonte: Arquivo CCLA, 1988.

Imagem 260 – Instalação da expo Gerações Esculturais.



Fonte: Arquivo CCLA, 1988.

Imagem 261 – Equipe do II Salão Carioca de Humor.



Fonte: Arquivo CCLA, 1989.

Imagem 262 – Evento de 200 anos da Revolução Francesa.



Fonte: Arquivo CCLA, 1989.



Imagem 263 – Quinteto vocal.

Fonte: Arquivo CCLA, 1988.

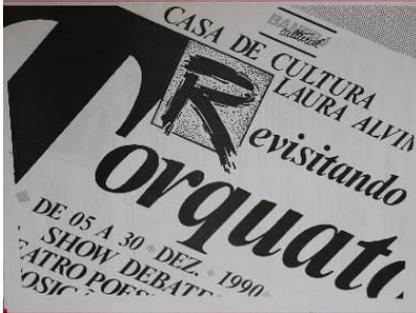
Imagem 264 – Convite para Bicentenário da Revolução Francesa.



Fonte: Arquivo CCLA, 1989.



Imagem 265 – Revisitando Torquato.



Fonte: Arquivo CCLA, 1990.

Imagem 268 – Diretoria e Júri do 3º Salão Carioca de Humor.



Fonte: Arquivo CCLA, 1990.

Imagem 269 – VI Fórum Nacional de Secretários de Estado de Cultura.



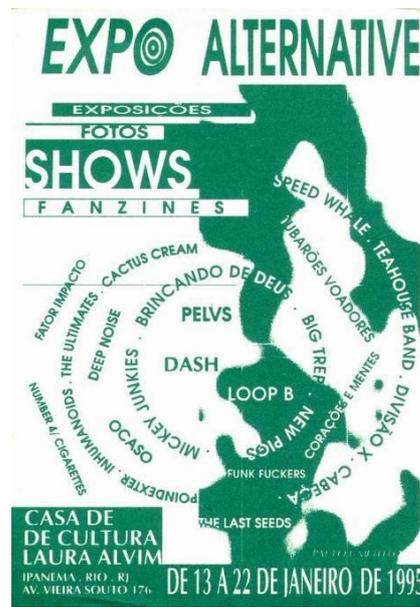
Fonte: Arquivo CCLA, 1993.

Imagem 271 – Regulamento IV Concurso Nacional de Dramaturgia.



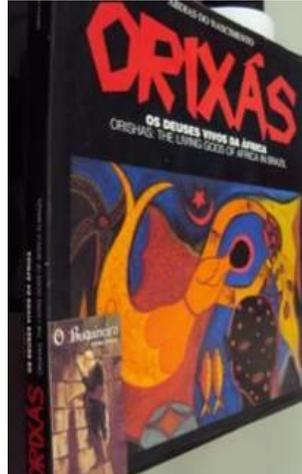
Fonte: Arquivo CCLA, 1994.

Imagem 266 – Expo Alternative.



Fonte: Arquivo Fábio Fernandes, 1995.

Imagem 270 – Lançamento Livro Orixás.



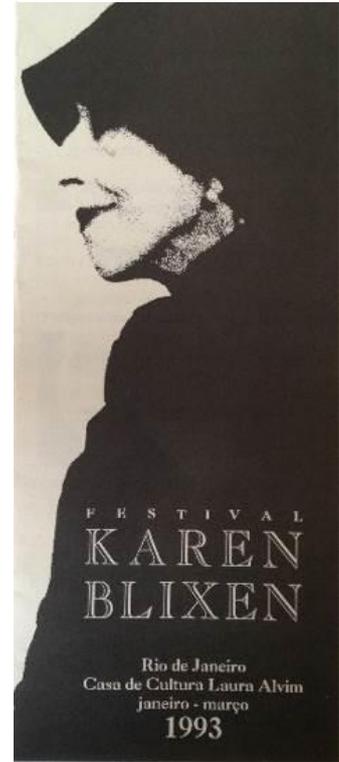
Fonte: Arquivo CCLA, 1995.

Imagem 272 – Evento Espiral 20 – Méritos e Conquistas da Ciência Hoje.



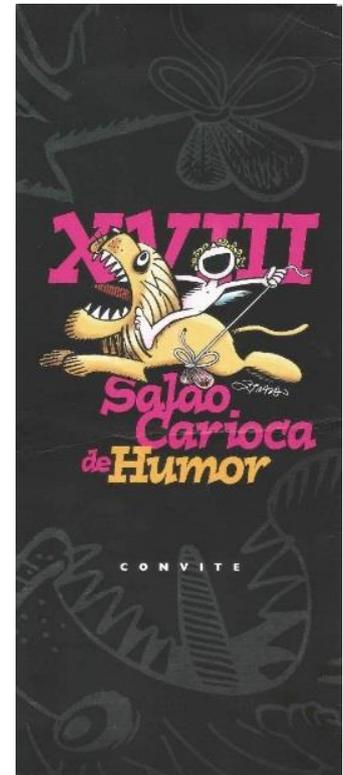
Fonte: ICH, 2002.

Imagem 267 – Festival Karen Blixen.



Fonte: Arquivo CCLA, 1993.

Imagem 273 – Flyer XVIII Salão Carioca de Humor.

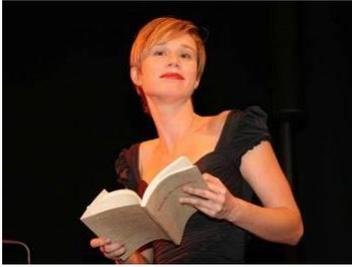


Fonte: Arquivo CCLA, 2008.

3. Imagens como memória.



Imagem 274 – Lançamento do curta Miragem em Abismo.



Fonte: Rocha, 2008.

Imagem 275 – Performance Marcha dos Abajures Indignados.



Fonte: Chreem, 2008.

Imagem 276 – Noite de autógrafos com Fábio Moon e Gabriel Bá - Antologia 5.

Noite de autógrafos com **Fábio Moon** e **Gabriel Bá**, vencedores do **Eisner Awards 2008**. Eles vão autografar a premiada antologia "5", e seus demais álbuns, na Livraria carioca **Dona Laura**.



Dia 27 do Agosto, às 20h
Livraria Dona Laura
 Casa de Cultura Laura Alvim
 Av. Vieira Souto, 172
 Tel: 25228362
 www.donalaura.com.br



Fonte: Bá, 2008.

Imagem 277 – XIX Salão Carioca de Humor



Fonte: Souza, 2008.

Imagem 278 – Lançamento Livro Idea Fixa's great Est Hits



Fonte: Lopes, 2009.

Imagem 279 – Lançamento do livro Contentes em ler cineastas.

Contente Entretenimento e Usina de Letras convidam para o lançamento do livro

contente em ler cineastas
 crônicas, contos e recordações

20 cineastas brasileiros reunidos por uma boa causa.

Dia 7 de dezembro de 2009
 De 19h às 22h, na Casa de Cultura Laura Alvim
 (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema)

ARNALDO JABOR, BRUNO BARRETO, CACA DIEGUES, CLAUDIO TORRES, DANIEL FILHO, ESHIR FILHO, FELLIPE BARBOSA, JOSE JOFFILY, JOSE PADILHA, LIRIO FERREIRA, MAURO LIMA, MURILO SALLES, ROBERTO PARIAS, RUY GUERRA, SANDRA WERNICK, SERGIO REZENDE, WALTER CARVALHO, WALTER LIMA JR., WALTER SALLES, ZELITO VIANA

Fonte: Melo, 2009.

Imagem 280 – Pré-estreia documentário Sou mulher, Sou brasileira, Sou lésbica.

prazeres e paixões

Convida para a re-estreia do documentário **Sou Mulher, Sou Brasileira, Sou Lésbica**

Direção: Vagner de Almeida

Caros amigos e a todos que direta ou indiretamente estão engajados na luta contra qualquer forma de estigma e discriminação no Brasil e no mundo

DATA: 25 de maio de 2010
 HORÁRIO: 20h
 LOCAL: Centro Cultural Laura Alvim
 Av. Vieira Souto 176 - Ipanema - RJ

AFIJO: [Logos of sponsors]

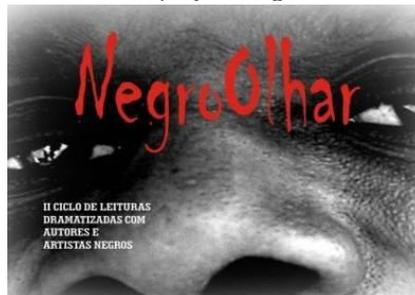
Fonte: Gomes, 2010.

Imagem 281 – Lançamento do livro Mestre do seu ofício.



Fonte: Ego, 2009.

Imagem 282 – Il ciclo do projeto Negro Olhar.



Fonte: Vírus Planetário, 2010.

Imagem 283 – Seminário de Cultura Digital.

SEMINÁRIO DE **CULTURA DIGITAL**

» 31.05
 » 01.06
 10h às 18h

CASA DE CULTURA
 » LAURA ALVIM

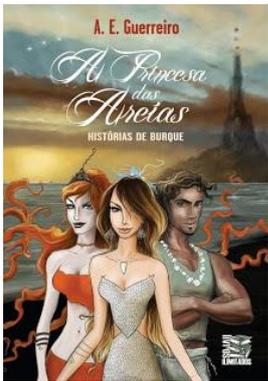
ORGANIZAÇÃO:
 » HELOISA BUARQUE DE HOLANDA
 Inscrições: mila@cultura.rj.gov.br

Fonte: Durán, 2010.

3. Imagens como memória.

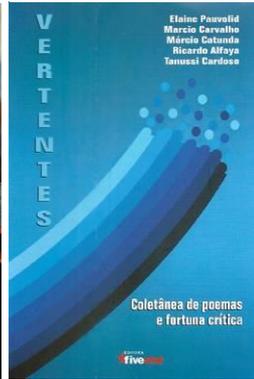


Imagem 284 – Livro Princesa das Areias.



Fonte: Carvalho, 2010.

Imagem 285 – Convite lançamento Vertentes.



Fonte: Pauvolid, 2010.

Imagem 286 – Lançamento do livro Em Busca de um Teatro Musical Carioca.



Eduardo Rieche
Gustavo Gasparani

convidam para o show e lançamento do livro

Em Busca de um Teatro Musical Carioca

Show com participação de Soraya Ravenle, Gottsha, Marya Bravo, Lilian Waleska, Solange Badim, Patrícia Costa, Claudia Ventura, Jorge Maya, Cristiano Gualda, Marcelo Capobianco e Pedro Lima.

Músicos:
Nando Duarte, João Callado, Fabiano Salek e João Bittencourt.



Segunda-feira, 7 de fevereiro de 2011
às 19 horas

Casa de Cultura Laura Alvim
Avenida Vieira Souto, 176
22420-000 Ipanema Rio de Janeiro RJ
Tel. 55 21 2522 8362



Imprensa Oficial



Imprensa Oficial do Estado
Rua da Ilhoá, 1.921
03103-902 São Paulo - SP
Tel. 55 11 2799 9800
www.imprensaoficial.com.br

Fonte: Facebook, 2011.

Imagem 287 – 9º Prêmio Arco-Íris de Direitos.



Fonte: Arco-Íris, 2010.

Imagem 288 – Projeto Auto-retrato Laura di Vison – 2ª edição.



Fonte: Arco-Íris, 2010.

Imagem 289 – 17ª edição do Festival de Teatro do Rio.



Fonte: Ego, 2010.

Imagem 290 – Apresentação dos Editais de Cultura.



Fonte: Amigos do CCJ, 2011.

Imagem 291 – XVIII Festival Carioca de Teatro - Cordel do amor sem fim.



Fonte: A4 Cia de Teatro, 2011.

3. Imagens como memória.



Imagem 292 – Grande Festival Martins Pena de Teatro Amador.



Fonte: Novas Cenas, 2011.

Imagem 293 – Evento Transperformance – Dupla Los Torreznos.



Fonte: Santos, 2011.

Imagem 294 – Mostra Atores de Laura 20 anos.



Fonte: Lacerda, 2012.

Imagem 295 – VI Mostra Estudantil de Teatro.



Fonte: Facebook, 2011.

Imagem 296 – Entrega do 13º Prêmio Arco Iris de Direitos Humanos.



Fonte: Arco-Íris, 2012.

Imagem 297 – Grupo Afro-Mangue.



Fonte: Castro, 2012.

Imagem 298 – Encontro de Produtores Culturais do Estado.



Fonte: Rio de Janeiro, Secretaria de Cultura, 2012.

3. Imagens como memória.



Imagem 299 –
Leitura do texto Ódio.



Fonte: Rangel, 2012.

Imagem 300 –
Leitura do livro Amei um Pitboy.



Fonte: Facebook, 2012.

Imagem 301 – Lançamento do livro
Emoção Atlântica.



Fonte: Beth, 2010.

Imagem 302 – Lançamento do
Livro Esperança sem fim.



Fonte: Vilaça, 2012.

Imagem 303 – Lançamento do Primeiro
(e talvez o último) almanaque à mão das
Toniquices do Pereira.



Fonte: Ego, 2012.

Imagem 304 – Lançamento do
Livro O Ego da Girafa.

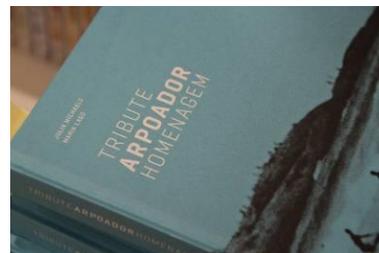


Fonte: Rosa, 2012.

Imagem 305 – Lançamento Livro
reflexões refletidas.



Fonte: BQVManchete, 2013.



Fonte: Pereira, 2013.



Fonte: Bongorgino, 2013.

Imagem 308 – Lançamento do
Livro Regente Plutão.



Fonte: Ramalho, 2012.

Imagem 309 – Lançamento do
livro Abandono Afetivo.



Fonte: Voz, 2013.

Imagem 310 –
Prêmio João Canuto.



Fonte: Ramalho, 2013.

Imagem 311 – Lançamento do
disco de Beto Saroldi.



Fonte: Lacerda, 2013.

Imagem 312 –
Pré-estreia de Áudio Retrato.



Fonte: Caneca, 2013.

3. Imagens como memória.



Imagem 314 – Ingresso Festival Nova Música.



Fonte: Fernandes, 2013.

Imagem 313 – Encontro Políticas de Leitura.



Fonte: Ronezealine, 2013

Imagem 317 – Festival Nova Música La Vereda.



Fonte: Fernandes, 2013.

Imagem 316 – Mesa-redonda Projeto Cofre.



Fonte: PPGAV-UFRJ, 2013.

Imagem 318 – Show O passado é um fósforo queimado.



Fonte: Sopa Cultural, 2014.

Imagem 315 – Lançamento Revista Grão.



Fonte: Ramalho, 2014.

Imagem 319 – Lançamento do Projeto Sérgio Britto Memórias.



Fonte: Ramalho, 2014.

Imagem 320 – Festa Revista O Globo.



Fonte: Salomone, 2014.

Imagem 321 – Festa Revista O Globo.



Fonte: Salomone, 2014.

Imagem 322 – Mostra Bonequinho Viu.



Fonte: Almeida, 2014.

3. Imagens como memória.



Imagem 323 – Festival Internacional de Teatro da Língua Portuguesa – os improváveis.



Fonte: Guia Uol, 2014

Imagem 324 – Evento 13 Prêmio Arco-íris de direitos humanos.



Fonte: Arco-Íris, 2014.

Imagem 325 – Convite lançamento Musas e Músicas.



Fonte: Boletim, 2014.

Imagem 326 – Convite Coleção Humberto de Campos.



Fonte: Haluck, 2014.

Imagem 327 – Convite lançamento Bíblia - Versão não autorizada.



Fonte: Ramalho, 2014.

Imagem 328 – Lançamento do livro Em Primeiro de Abril, Brasil.



Fonte: Leão, 2014.

Imagem 329 – Lançamento Norberto e outros amores.



Fonte: Facebook, 2014.

Imagem 330 – São Sebastião do Rio de Janeiro - a formação de uma cidade.



Fonte: Facebook, 2014.

Imagem 332 – Convite Projeto Música na Varanda.



Fonte: Boa Diversão, 2014.

Imagem 331 – Lançamento de História Social da língua nacional.



Fonte: Facebook, 2014.



3.3. Outras memórias da mesma história

“Há que se pensar memória não como história, na sua concepção tradicional, em ato ou fato definitivo cronológico, mas sim um processo contínuo e articulado, no qual diferentes memórias, de diferentes grupos se entrelaçam”.

Lena Vania Pinheiro⁸³

Conversar com familiares, amigos e diversas pessoas que tiveram contato com Laura Alvim e com a Casa de Cultura Laura Alvim faz parte deste trabalho como forma de aprofundar o assunto. Não buscamos aqui traçar o que realmente aconteceu de maneira fidedigna, buscamos apenas ouvir a versão de cada um para a história que é contada. Nosso objetivo foi resgatar e preservar outras memórias da mesma história. Todas as histórias contadas e as memórias divididas foram fundamentais para compor a complexidade de Laura e do espaço por ela idealizado.

Minhas primeiras entrevistas foram realizadas entre final de 2006 e início de 2007, quando estava escrevendo o trabalho de conclusão do curso de museologia. Foram realizadas individualmente, com exceção das sobrinhas de Laura, Heloisa e Bia Alvim, e registradas com auxílio de um gravador.

As duas primeiras entrevistas foram realizadas em dezembro de 2006. A primeira foi com Eliana Caruso e se deu na CCLA quando a mesma ainda era diretora da casa, cargo que ocupou entre os anos de 2004 a 2007. A segunda foi com Tatiana Memória. Tatiana conheceu Laura Alvim e trabalhou ativamente, indicada por Darcy Ribeiro, na preparação da CCLA para sua inauguração. Nossa entrevista foi realizada na Fundação Darcy Ribeiro onde exercia o cargo de presidente. Tatiana Memória faleceu em março de 2007, 03 meses após nosso encontro, seu filho, Evandro Memória, foi quem autorizou o uso da nossa entrevista nesta dissertação.

⁸³ PINHEIRO, 1992, apud SILVA, 1995, p.41



Em janeiro de 2007 conversei com duas sobrinhas-netas de Laura, Heloisa Alvim e Bia Alvim, na residência de uma delas e com o sobrinho-neto, Otto Thiele, por telefone. Foi sensacional ouvir e descobrir outra faceta de Laura diferente daquela que é exposta nos jornais e que está no imaginário popular.

Também em janeiro conversei com Mário Honório. Mário era superintendente da FUNARJ e foi o advogado responsável pelo testamento de doação da casa para o Estado, além de ter sido um dos réus na ação judicial aberta por Alcides Fonseca quando este questionou a legitimidade da FUNARJ em tomar posse da casa após falecimento de Laura (pagina 68). Conversamos em seu apartamento, onde Mário doou uma cópia de todo processo decorrente da ação judicial para nossa pesquisa, o que foi fantástico. Ali tinham os dois testamentos feitos por Laura, declarações, documento de abertura de firma, enfim todos os documentos judiciais que respaldaram nossa história. E por fim conversamos com Ana Lúcia Germano, na sede da Secretaria de Cultura do Estado, que esteve presente na CCLA em sua inauguração.

Para a realização das entrevistas, tanto as realizadas em 2006 e 2007 quanto para as realizadas recentemente, optamos pela entrevista não diretiva. A ideia foi conversar livremente com os entrevistados e através das conversas, memórias e histórias que foram sendo reveladas foram surgindo as perguntas.

Entre fevereiro e abril de 2015 foram realizadas as demais entrevistas mantendo a mesma proposta de não seguir uma metodologia específica, a intenção foi de apenas ter uma conversa com objetivo único de ouvir as memórias de cada um dos envolvidos com o espaço e com Laura. Para não esquecer ou ficar de fora pontos que são essências para compreensão da história, estipulamos um pequeno roteiro com as questões chaves para o nosso trabalho, que foram:

- 1- Como era Laura Alvim?
- 2- Qual a sua relação com o espaço?
- 3- Você acha que a Casa de Cultura hoje, corresponde ao que foi idealizado?



Nesta segunda fase, as entrevistas também foram realizadas individualmente e a maioria delas contou com auxílio de um gravador e de uma filmadora, com exceção de Edna Timbó onde apenas foi registrado o áudio.

Em fevereiro foram realizadas três entrevistas, sendo a primeira com a atriz Camila Amado, que me recebeu em seu apartamento. Camila é atriz, produtora teatral e referência como preparadora de elenco. Conheceu Laura Alvim, entre 1973 e 1974, na casa de cultura quando esta era apenas residência de Laura. Camila Amado dividiu suas memórias, deu uma aula sobre teatro e pontuou de uma maneira sensacional toda a sensibilidade de Laura.

A segunda foi com Sergio Pereira da Silva, que aceitando um convite feito por Darcy Ribeiro, foi o primeiro diretor da Casa de Cultura Laura Alvim, antes mesmo de sua inauguração até o fim de 1986. Voltou a exercer o cargo de diretor da casa, acumulado com a presidência da FUNARJ, em 1991. Nossa conversa foi na Universidade Cândido Mendes e foi importante para entender cada detalhe do que foi a efetivação dos sonhos de Laura naquele momento.

Carlos Mano, um dos arquitetos responsáveis pela transformação da casa de Laura em um centro cultural, foi a terceira entrevista realizada. Carlos acompanhou toda a transformação da casa de cultura até sua inauguração. Conversamos no dia 11 de fevereiro de 2015, em seu escritório.

Em março entrevistei Ney Suassuna. A conversa com Ney foi importante para entender e ouvir “o outro lado da história”, uma vez que o mesmo fazia parte, representando a Fundação SESAT, da Sociedade beneficiária do primeiro testamento de Laura. Nossa conversa foi realizada em seu escritório, no dia 09 de fevereiro de 2015.

Também em março conversei novamente com Eliana Caruso. A gestão de Eliana a frente da casa foi citada por alguns entrevistados como um divisor de águas, quando a casa ganhou gás e voltou a ser referência como um local cultural.

Edna Timbó foi uma das entrevistas que mais me empolgou quando agendei. Edna veio do Ceará, morou na casa de 1972 a 1978 e conviveu com Laura Alvim nesse período. Edna é sobrinha de Enezita, a governanta de Laura, e me passou



mais dois contatos de pessoas que moraram na casa. Infelizmente até o fechamento desta dissertação, não foi possível agendar entrevistas com eles.

Susanna Kruger interpretou Laura Alvim na peça “Casa de Laura” que se passava no museu de Laura. Para esse trabalho pesquisou durante anos sobre Laura e conversou com diversas pessoas que a conheceram. As memórias que ela reúne já são uma verdadeira coleção. Com uma boa vontade enorme em colaborar, nossa conversa foi espetacular, Susanna contou diversas histórias sobre Laura e sobre sua própria trajetória na CCLA, cedeu imagens das diversas peças que realizou ali, dos cursos de teatro, eventos e da Cia Atores de Laura. Também nos cedeu o vídeo da peça de teatro “Casa de Laura” e o que posso falar? É emocionante. É Laura quem está ali.

Ainda em março entrevistei também Eduardo Wotzik que realizou diversos trabalhos na casa. Seu nome é visto em diversos momentos e memórias pesquisadas, seja como diretor de peças, ator ou realizando cursos. Eduardo faz parte do Conselho de Cultura da CCLA, tem histórias sensacionais e uma visão ímpar sobre o espaço.

Com a atriz Fernanda Montenegro conversei no mês de abril de 2015. Assim como a atriz Camila Amado, Fernanda usou o teatro construído por Laura para os ensaios de suas peças antes da casa ser um centro Cultural. Fernanda Montenegro tinha contato com Laura Alvim, sendo uma de suas testamenteiras e buscou garantir que o desejo de Laura fosse realizado.

Algumas entrevistas não cabem nos tópicos definidos para esta parte do trabalho por se tratarem de memórias muito específicas. Entretanto todos os relatos foram usados no decorrer da dissertação. A entrevista de Ana Lucia Germano, em particular, se encontra completa nos anexos. A transcrição de todas as entrevistas gerou cerca 250 páginas.

Sobre Laura

O objetivo nessa etapa foi buscar as diversas facetas de Laura. O que os entrevistados pensam sobre ela? O que é mais valorizado?



Desse modo Tathiana Memória contou um pouco da Laura que ela conheceu. Suas memórias condizem com que é difundido:

A Laura Alvim foi uma moça rica de família rica, o pai dela, o Álvaro Alvim foi um grande radiologista (...). E ela foi criada toda mimada, dentro daquela casa, praticamente a única em Ipanema naquela época. Laurazinha, quando o pai morreu, brigou com a mãe. Aconteciam às coisas mais engraçadas na casa, a mãe morava na parte de cima e Laura na parte de baixo da casa (...) a mãe e Laura não se falavam, tinham um cestinho que penduravam do lado de fora da janela, então a comida da mãe subia pelo cesto e trocavam bilhetes, mas não se falavam.

Conheci Laura Alvim, jantei muito na casa dela, o que era uma coisa divertida e ao mesmo tempo era esquisita porque ela te levava para andar pela casa e dizia aqui caiu um dedo do papai (...) era um horror, muito estanho.

Laurazinha, numa época após a guerra, ia para cidade às 5h da tarde cuidar dos interesses financeiros dela, quando tudo já estava fechando. Ia com vestidos transparentes flutuantes de 1920, chapelões de palhas enormes. Era uma figura diferente de tudo que você via naquela época. Ficou dura sem um tostão morando naquela casa.

Há episódios com ela muitos engraçados (...) uma vez ela levou um fora de um namorado ficou desesperado com o fora e tentou se suicidar no terraço da casa, tomando banho de lua, ouvindo a música.

Dava festas enormes no princípio com a mãe viva ainda. Fazia as duas coisas a gente jantava muito lá, dois ou três casais e ela, mas ela fazia festas enormes e nessas festas, que a loucura dela vinha à tona. Fazia festas no terraço, não usava drogas nem bebia para ficar de pileque, mas em determinados momentos você tinha sensação de que ela estava em outro mundo, ela ficou com alguma coisa dessa história do pai, que perturbou mentalmente ela. Tanto podia estar conversando com você normalmente ou podia estar em outro planeta. Ela era uma personalidade. Tinha milhares de namorados, não ficava sozinha, também não fazia questão de quem fosse o



namorado, se fosse alguém muito educado assim do arco da velha, mas se não fosse tudo bem também. Não podia era ficar sozinha. E os romances dela tinham rompantes e brigas homéricas, botava para fora um, aí entrava outro. (...)

A entrevista com Bia Alvim e Heloisa Alvim, sobrinhas neta de Laura, não foram refeitas a tempo, somente foram realizadas algumas conversas por telefone:

(...) nos últimos anos ela usava pouquíssimas roupas, tailleur preto e branco e usava por dentro uma blusa roxa batata. Tinha cabelo grande, preto e branco, enrolava e prendia, colocava então uma peruca meio Chanel e às vezes colocava uma boina. Usava sapatilhas (...) preta de balé, dois ou 3 tamanhos maior que o pé dela em decorrência de um joanete. As unhas sempre compridas e pintadas de vermelho. No banheiro dela, em cima da pia, era só batom e esmalte vermelho.

Estava sempre de boca vermelha, blush, lápis e rímel bem escuros. Na juventude era moderníssima nas roupas, usava linhas retas, macacão, básica, com braceletes. Ficava horas ao telefone conversando com quem ligasse, tinha um telefone do outro lado do quarto, não saía do quarto, mas conversava com a pessoa muito tempo, assim, ela no quarto e a outra pessoa na recepção. (...) Laura teve vários namorados, o Jacques, um francês, ela foi muito apaixonada. (...) só vivia de noite, nunca de dia, vivia trancada no quarto, quase não saía, a não ser para ensaio de uma peça. Ia lá atrás, dava tchau. Era muito teatral.

A visão de Laura, para Camila Amado, é mais romantizada:

Ela era uma... Dom Quixote feminina. Ela era delirante. Ela delirava. Você imagina, você tem um imóvel, uma casa na Vieira Souto e você não deixa de herança para sua família, você doa para o Estado um teatro por amor a cultura. Quer dizer, é uma loucura. É um delírio, uma coisa Quixotesca mesmo.

Eu visitava muito ela, no quatinho dela que era bem austero, nada de luxo nada, porque ela ficou com o corpo cheio de feridas, coberta de feridas de angústia, de nervoso, explodiu tudo em feridas no



corpo. Então eu ia conversar, estava montando as Damas das Camélias (...) que também era outro delírio. Então duas delirantes que reconheceram suas enfermarias. Nos todos estamos no hospício, mas a gente, muitas vezes, está sempre dialogando com gente de uma outra enfermaria, de outro andar, que não toma sol no pátio com a gente. A Laura era de uma enfermaria que tomava sol no pátio comigo. Era iluminada, não há a menor dúvida. E ela me disse que tinha um grande amor, que tinha tido um grande amor na vida dela, Jacques, um francês e que quando ela estava com ele, ela tocava o pulso dela e ouvia o pulso disser Jacques, Jacques... e isso para quem está montando A Dama das Camélias...

Quando Camila citou Jacques perguntei se Laura havia realmente vivido esse amor ou se era apenas uma paixão platônica:

Isso eu não sei. O que sei dela foi exatamente isso que te contei que eu fiquei amiga dela, que eu ia lá para conversar com ela sobre o amor. Porque eu estava montando a Dama das Camélias e ela tinha o Jacque, morrendo de paixão pelo Jacque. Que quando ela falava dele parecia que era atual. Não entrei em detalhes. O importante era o sentimento. O sentimento da paixão. (...) o que seria a paixão. Eu estava estudando a paixão. Porque o amor a gente sabe o que é né? Amor tem uma sanidade, você ama o outro e quando você ama você respeita o outro, você ama o outro como ama a si próprio, então você também se respeita dentro dessa relação. A paixão é desordem. O caos dos sentimentos. É Dionísio. Apolo que é o Deus da harmonia, da ordem, na paixão ele não tem vez, nos ignoramos Apolo quando nós entregamos a paixão Dianoiseca.

Seguindo nossa conversa perguntei se a imagem de Laura como uma pessoa muito teatral realmente condizia com a realidade, ela explica:

Ela não era teatral. Ela era o teatro. É porque somos o teatro, todos. Poucos sabem que são, mas todos nós somos o teatro. Porque o que o teatro? O teatro porque quando o homem se conectou com a consciência, com o todo, quando sentiu que fazia parte dessa consciência e se tornou consciente ele se deparou com o mistério.



Quem sou eu? Para onde vou? De onde eu venho? E aí essas interpretações em relação ao mistério começaram a explodir, porque era impossível suportar o mistério. As religiões, cada uma criou sua interpretação do mistério, cada filosofia tem sua interpretação do mistério, enfim... e o teatro tem sua interpretação do mistério (...) Então Laura estava se organizando, organizou a loucura dela na construção do teatro Laura Alvim, era ali que a ordem dela estava. Botou tal pedra? Já ficou pronto? Quantos anjos? Olha o anjo daqui! Todas as providências de ordem prática, objetiva são fundamentais porque com elas vem a sua aceitação de limites. Aceitação de limites, do limite fatal a que nós estamos constrangidos. Constrangidos pela ideia consciente da nossa morte, nós sabemos que vamos morrer, temos limite e pelos limites diários que o dia a dia nos impõe, que o outro nos acena: - Epa! Não passa daqui, que aqui sou eu. Ela, os limites dela, ela era uma grande atriz, uma personagem Laura Alvim que estava construindo o teatro na Vieira Souto, em Ipanema. Uma beleza extraordinária, uma história de beleza pura.

Sérgio Pereira, por sua vez, conheceu Laura após a doação da casa ao Estado quando a mesma já se encontrava bastante debilitada:

Quando conheci Laura ela já estava quase sem reconhecer pessoas, já estava muito doente. Vivia na parte debaixo da casa, não tinha condição de subir escada, nada disso. (...) O sonho dela era realmente fazer teatro. O que acontece é que ela ainda em sã consciência, ela não estava totalmente desligada, mas tinha rasgos de esquecimento, ela fizera um testamento, doando aquela casa para uma pessoa que era o Senador Ney Suassuana, aí (...) o Darcy disse: olha vamos modificar esse testamento. Darcy era grande amigo da irmã dela, Mariana. Mariana era uma mulher de esquerda, com capacidade reconhecida internacionalmente e através dela é que se fez o contato maior com Laura. O testamento foi modificado. (...). Ela foi uma mulher fascinante. Darcy Ribeiro dizia que ela era a Leila Diniz dos anos trinta, porque Laura era uma mulher solteira, jamais se casou, mas ela teve 20 e tantos namorados e ela não gostava de brasileiro não, namorava sempre estrangeiros. (...)



quando nós conseguimos liberar a casa e estávamos fazendo um centro de cultura, saiu em todos os jornais, teve uma mídia e eu comecei a querer resgatar a memória da Laura. Começamos a ser procurados por algumas pessoas que tinham conhecido a Laura, que tinham visitado ali. Me recordo que foi um embaixador, que tinha sido uns dos homens mais apaixonados por ela, ficou muito emocionado quando entrou na casa, foi lá em cima, viu a obra dos quartos, das dependências dela e aí nós começamos a saber algumas histórias. Estava tudo gravado, não sei o que que aconteceu com essa memória do Governo, tínhamos muitas fotos (...). Muita gente que ia lá para ver. Veja o seguinte, eu conheci a Laura morrendo, já era uma velhinha, então as pessoas já não tinham a referência, a Laura era uma referência antiga. Para mim já era uma referência de história. (...) A família de Laura ficou muito preocupada porque o Darcy enfatizava muito esse lado mais profano dela, como uma mulher interessante, uma mulher liberal, avançada para época, os costumes e a família não queria que essa versão ficasse tão... a família da Laura, e temos que fazer justiça a isso, queria que Laura parecesse como a filha do grande Álvaro Alvim, neta do primeiro chargista brasileiro que foi Ângelo Agostini (...).

Edna Timbó morou na casa nos anos 70, vinda do Ceará. Ela é sobrinha de Eliezita, governanta de Laura Alvim e em nossa conversa relatou como chegou a casa, como era D. Laura e como funcionava o espaço com tantos moradores. Nossa conversa foi na própria casa de cultura.

Eu cheguei aqui em 72 e fiquei morando até 78. Depois que eu casei, fui morar em outro lugar, mas sempre vinha aqui porque a minha tia morou aqui 28 anos, ela que era a governanta da Dona Laura. A minha tia conhecia muita gente que vinha do Ceará para cá e que não tinha onde morar. Vinham atrás de emprego e como a casa era enorme, ela sempre pedia a Dona Laura se podia deixar uma pessoa, que era muito da confiança dela, ficasse ali. Dona Laura permitia que morasse aqui por um tempo enquanto as pessoas arrumavam um lugar para morar e emprego. D. Laura (...) sempre fazia questão de conhecer, saber primeiro quem era a pessoa e se ela gostasse, visse que a pessoa era realmente uma pessoa humilde



e que necessitava mesmo, ela permitia e determinava qual era o lugar que ia morar (...).

E ela era muito legal, participava das coisas que aconteciam, nem sempre, mas ela gostava de saber o que tinha, o que iria acontecer. Se tinha algum aniversário (...) ela vinha, mas ela não gostava de ser fotografada. Ela sempre dizia: - Eu vou, mas eu não quero ser fotografada. Em todos esses cantinhos aqui moravam pessoas. Naquele lado de lá são os camarins, então não sei como que está porque nunca mais entrei lá, mas morava uma família lá que ainda mora no Rio (...).

Perguntei a Edna onde ela vivia na casa, se era com a sua tia:

Subia essa escadinha. Ali era uma cozinha, minha tia tinha um quarto ali, tinha uma sala. Eu dormia na casinha do elevador, lá em cima. Foi o que sobrou. Mas eu gostava porque eu ficava no último andar, eu entrava e saía a hora que eu quisesse.

D. Laura morava no porão, ali onde é a administração. Tinha um banheiro muito bonitinho que não sei se já destruíram. Era um banheiro todo decorado, com banheira, que sempre que minha tia preparava os banhos D. Laura ficava horas. Minha tia vivia a disposição da D. Laura. Tinha vezes que minha tia ficava a noite toda acordada esperando D. Laura tocar a campainha, porque elas se falavam através de uma campainha que ela tocava e minha tia descia para saber se ela queria jantar, se não queria. Minha tia que preparava a comida dela. Sempre uma comida muito leve. Como a educação foi francesa, ela sempre arranjava umas receitas francesas tipo *consume*, que ela adorava, que nada mais era que um caldo, uma sopa que minha tia preparava botava numa tigelinha, numa bandeja e levava para ela comer.

D. Laura gostava de sair só a noite, ela tinha insônias. Ela passava a noite acordada e dormia o dia inteiro e tinha dias que ela queria ir a um teatro (...) ela se arrumava todinha, minha tia arrumava as perucas que ela tinha. Era muito vaidosa, não deixava ninguém a ver de cabelos branco, sempre saía de peruca, botava batom. Ela não deixava fazer as unhas dela não, ela sempre botava um esmalte em cima do outro. Às vezes, com muito custo, minha tia cortava as



unhas dela e dizia vamos tirar esse esmalte está muito feio, ela deixava.

E quanto a Álvaro e Ângelo, Laura realmente falava deles?

(...) as vezes D. Laura saia a noite, para o teatro, ou para algum vernissage, mas isso ela selecionava muito o que ela queria ver porque ela não gostava de ninguém ficar olhando para ela, mas ela gostava do nome que ela tinha. Ela sempre valorizava muito, falava que o pai dela era o Álvaro Alvim, que tinha sido o primeiro radiologista do Brasil, que ele morreu sem partes do braço e que o avô dela era o Agostini que foi um caricaturista da época muito famoso.

Sobre o espaço destinado ao museu:

Ela nunca dormiu lá em cima, (...) o banheiro rosa na minha época não estava terminado, mas ela dizia como ia ser, que dali ela ia ficar vendo as pessoas. A sala com palco sempre foi daquele jeito. (...) e noutro lado de lá, no quarto que dá de frente para varanda, tem um quarto que era todo caracterizado como quarto do noivo da D. Laura, na época. Ele mantinha uma cama que dizia ser de um noivo, um francês (Jacques) que ela arranhou que morava no Leme. Foi o amor da vida dela e quando ele vinha para cá, dormia nessa cama que tinha lá. Tinha também uma mesinha de centro que tinha um tabaco em pote (...) que ela não deixava jogar fora nem a pau, ela dizia que aquilo ali tinha sido os últimos fumos que Jaques usava e quando ela ia mostrar a casa ela contava (...). Eu não sei o que foi, se ela arranhou outro, mas foi desses amores arrebatadores.

A entrevista com Fernanda Montenegro foi difícilima de marcar, mas todos com quem conversamos a citavam como alguém indispensável para este trabalho. Ela deu seu relato de maneira concisa e direta definindo Laura como alguém especial, enfatizando suas maneiras e sem esconder sua admiração e seu encanto por Laura:

Começamos então alugar (o teatro) para ensaiar e ela, as vezes, vinha vestida *a la anos 20*. Tinha chapéu desabado, algo de Marlene



Dietrich. Ela sentava com a perninha muito bem cruzada, muito elegante, muito anos 20, 30 e pintada quase como se fosse uma pintura de *Toulouse-Lautrec*. Com chapéu desabado (...).

Eu acho que quando a gente viaja, principalmente para os Estados Unidos (...) toda essa colaboração dos milionários em cima da cultura, da sua cidade, do seu país e dá um pouco de inveja. Não estou falando do sistema capitalista, estou falando do sentimento de tirar um pouco do que tem e doar culturalmente para uma cidade. Aqui raramente você vê uma atitude dessa. Eu acho que a Laura é especialíssima, é uma imagem de uma grandeza de brasileira, uma humanista, uma sensibilidade diante da vida, uma figura que quem passou por ela não esquece. E eu acho que o Estado deve a ela uma vitalidade nesse centro.

Ney Suassuna, conheceu Laura no momento em que as obras pararam por falta de verbas, antes da doação para o Estado, a visão que ele tinha dela era:

(...) era uma pessoa que quando estava bem, era muito inteligente. Ela dizia que falava alemão, francês inglês e que tinha sido muito rica, falava muito do avô dela, o Ângelo Agostini, que foi o primeiro cartunista, que foi editor de revistas, e do pai (...) se queixava que tinham passado ela por trás, os advogados, e ela ficou numa situação muito difícil e o que tinha sobrado era aquela casa que ela queria fazer um teatro e um museu para homenagear os antepassados dela. Eu ia lá para conversar com ela, ela ia lá em casa. Era uma pessoa incrível. Realmente a vida de D. Laura era muito difícil, ela tinha queixas de Deus e do mundo. (...) velhinha, um tanto quanto corcunda, usando roupas bem extravagantes quase sempre pretas, quase sempre uns casacos. Falante, dizendo em 70% coisa com coisa e 30% coisa nenhuma (...) e muitas vezes estava esbravejando (...) tinha aspecto de uma velhinha indefesa, uma vítima dessas mudanças que a vida trás, de alguém que tem posse e não tem mais. Vivía do passado, lembrava do passado e na minha opinião, ela buscava perpetuar as lembranças. Esse era o objetivo da vida dela. Não permitir que as lembranças fossem destruídas, as dela, seja do ponto de vista artístico, seja do ponto de vista que ela temia muito, que não cultuassem o avô e o pai



Sobre a Casa

Ao conversar sobre a casa em si com os entrevistados foi possível visualizar dois períodos, quando Laura ainda era viva e após a casa já existir enquanto um centro cultural. Camila Amado inicia seu relato:

Quando eu cheguei na (casa de) Laura Alvim para ensaiar eu conheci Dona Laura que me mostrou a casa que ela estava construindo, reformando (...) transformando em teatro. O teatro estava sendo construído, anjos nos corredores, nos corrimões da escada já tinham sido postos, mas o teatro ainda estava em construção e (...) tinha 60 nordestinos na sala lá no fundo, fritando peixe. Eu dizia: - mas essas pessoas moram aqui? E ela respondia: - Ah! Eles não têm onde ficar, não tem onde morar, eles ficam aqui.

Perguntei a Camila como Laura descrevia a sua vontade de transformar a casa.

Porque você quer fazer teatro? Porque você de repente vê um teclado e diz é aquilo que quero tocar? Porque você encontrou teu instrumento de ordem, de ordem do teu caos. Você encontrou a sua salvação.

E em seguida sobre a reverência pelo pai e pelo avô:

Sim, sem dúvida, falava sempre. O pai era médico e o avô cartunista (...) tinha maior reverência, sem dúvida, pelo pai e pelo avô.

E sobre a vontade de construir espaço para eternizar a memória deles?

Pretexto, na verdade a necessidade era artística porque ela é artista

O relato de Sérgio se inicia através do convite feito por Darcy Ribeiro para que ele assumisse o espaço:

(...) o Professor Darcy Ribeiro tinha sido eleito vice-governador do Estado, me chamou no palácio e me convidou para trabalhar com ele. Ele queria que eu o ajudasse a instalar trinta casas de cultura



pelo Estado do Rio de Janeiro (...) Ele era extremamente sedutor e meu amigo e aí insistiu muito que pelo menos eu fosse numa casa na Vieira Souto que era uma casa de uma mulher chamada Laura Alvim e essa casa estava invadida. Eu fui lá e realmente a casa estava invadida e você já deve saber dessa história (...) Bom, eu fui na casa e fiquei apaixonado pela casa e pelo o que a Laura significava. Falei com Darcy Ribeiro o seguinte: Olha eu não aceito os trinta e tantos centros culturais, mas se você insistir no convite, eu vou ficar com a Casa Laura Alvim. Ele achou um absurdo porque só a Casa Laura Alvim se ele estava oferecendo uma proposta muito maior, mas eu fiquei fascinado com que era a casa dela e com a história dela.

E completa frisando a importância de Fernanda Montenegro em todo o processo:

(...) a Fernanda foi a grande mentora disso tudo. Se não fosse a presença dela aquele teatro não ia sair não. Porque a Fernanda, o peso de ser essa extraordinária atriz, colocava nos jornais o desejo da Laura de fazer o teatro. Porque você sabe que as prioridades de governo sempre são outras, nunca é muito a cultura, há falta de dinheiro para hospital, falta dinheiro para isso, falta sempre dinheiro, então fazer aquilo, conseguir dinheiro para fazer, foi uma guerra.

O relato de Fernanda Montenegro, assim como de Camila, enfatiza o teatro e inicia-se com suas experiências ao ensaiar naquele lugar:

Tinha essa Casa da Laura Alvim, uma mulher muito especial. Sabíamos que ela estava construindo um teatro e que havia uma situação complicada com a família porque ela herdou aquela casa, isso o lado que me chegou, ela herdou aquela casa e queria fazer um centro, principalmente um centro para teatro clássico, isso ela sempre deixou bem claro. Teatro clássico. E aí a partir de uma hora, não sei se houve uma crise, de um administrador qualquer que teria jogado dinheiro dela na bolsa, não sei se é essa a história real, ela teria perdido quase tudo e aquela obra parou e ela começou a colocar gente dentro da casa (...). E essa mulher que teve uma



história lindíssima, cuidadíssima, europeizada, uma cultura muito europeia no sentido que gostava de teatro, pintura, da música e aquilo tudo (a casa) parecia uma ruína. Então começamos a alugar, não só nossa companhia, como outras, aquele espaço, aquele palco que tinha qualquer coisa de fiorentino, nas pedras. Na frente dele ela colocou dois... como se chama que em Veneza segura os barcos nas portas dos palácios?

(...) ela vinha, assistia um pouco a gente, conversava um pouquinho depois ia embora. E nós fomos nos aproximando. Conversávamos e houve uma crise maior de saúde. Eu sei que um dia me telefona a procuradora dela perguntando se eu não queria ficar com o teatro, que ela queria me dar o teatro (...) porque há uma dificuldade qualquer familiar e ela quer se assegurar do que o que ela quer para aquele espaço será feito. Conversa, conversa vem, sempre com essa procuradora e a gente ensaiando, correndo a vida. Ela teve um período que teve uma alergia qualquer violenta. Ela ficou mais resguardada, a gente já não via mais D. Laura e até que um dia fui perguntada o que deveria fazer com aquele teatro, eu disse:

- Para existir realmente, definitivamente como um espaço cultural teatral, tem que ser entregue ao governo, a uma administração governamental.

- Estadual ou municipal? (Luzinete)

- Estadual! (Fernanda)

- Mas geralmente as coisas que são doadas ao estado, o estado abandona, deixa jogado fora. (Luzinete)

Eu falei que isso depende de cada gestão. Quando vem um governador ligado mais as artes e a cultura ele pode se sensibilizar, pode numa hora não vir e fica lá esquecido, um período, uma gestão, mas há uma oportunidade de alternância no trato com esse espaço.

Da conversa com Tatiana Memória foi resgatado seu relato sobre os problemas que aconteceram na casa após sua inauguração:

O fato do teatro não ter acesso a deficientes gerou muitos problemas. Naquele pátio ali embaixo tinha lançamento de livros e shows de música e tinha um lago que o Darcy cismou de colocar peixes e água, só que o lago não resistiu à água dentro, na hora que



estava cheio de gente o lago cedeu e molhou tudo. Foi um inferno. (...) ocorreram muitos incidentes. Na sala que era garagem, Darcy não queria que montasse nada. Chamava de teatro de arena, eram vários bancos, de várias alturas e o palco ficava ali no meio, era uma droga verdadeira, uma porcaria. Até o Darcy descobrir que era uma porcaria levou meses, quando mudamos acabou o governo, nos saímos e não sei o que aconteceu depois (...).

As sobrinhas de Laura afirmaram que:

Nos anos 70 já se via arte na casa, (Laura) alugava espaço para ensaios. Tia Laurazinha era informada, ultra culta. Procurou pessoas, para construir um centro cultural, mas ninguém deu braço para ela (...) essa ideia surgiu por uma influência mundial. O dinheiro todo dela foi gasto ali dentro e perdeu muito dinheiro na bolsa. Não tinha arquiteto, tudo vinha na cabeça dela, tinha um mestre de obras, o Genival, que realizava tudo. Telhado, varanda sem pilastra, teto gótico. A casa na verdade foi avançada, antes era em estilo colonial, ela avançou porque com a construção dos prédios ela perdeu a vista do Morro Dois Irmãos.

Quando doou, a casa já tinha tudo (teatro, salas de aula, arcadas...). O banheiro enorme dela, o rosa, ela nunca usou, idealizou o banheiro e construiu, a ideia era que depois que a casa fosse um centro cultural, ela iria subir e morar no último andar, porque até então o quarto dela era no escritório onde hoje é a diretoria.

Ney Suassuna explica seu envolvimento com a Casa e a criação da Associação:

Ela sonhava com cada coisa da casa, eu como era dono de faculdade e de colégio falei que podíamos fazer uma associação, sem fins lucrativos, para implantar esse sonho e ela concordou. A partir daí eu peguei alunos meus da faculdade federal, três deles, assessorando ela, fazendo levantamento das coisas que tinha na casa, vendo as obras. Contratamos pessoas para continuar as obras e passamos cerca de dois anos levantando as construções. Naquele teatro, gastamos um bom dinheiro, mas ela (Laura) era muito



detalhista, ela ia lá e dizia: - isso não está bom tem que desmanchar e fazer de novo. Ela dizia um dia uma coisa, noutro outra coisa totalmente diferente. Mas as obras foram andando, fomos fazendo por etapas (...). Veio uma moça que se chamava Luzinete e dizia que tomava conta das coisas dela, que tinha sido criada por ela e que tinha muito carinho por ela, mas que aparecia esporadicamente. Quem cuidava mesmo, no dia a dia e as vezes a noite, quando Laura tinha crises, era a empregada Eliezita. As coisas foram andando, as obras avançando e nós fomos estreitando a convivência. Esses três estagiários, que eram alunos do curso de administração, também se achegaram a velhinha. (...) eles se revezavam no cuidado, no diálogo, na conversa, na observação da obra. E ela gostava muito deles (...) às vezes adoecia passava dias deitada. (...) ela detalhou o que queria (...) quando estava em Brasília soube que as sobrinhas tinham se juntado e que tinham decidido doar para o Estado (...) e que o Estado garantiria que assumiria tudo, cuidariam dela e que já era fato consumado. O que eu queria era isso mesmo. O medo dela era que os parentes vendessem a casa e botassem abaixo (...) e quando criamos a Associação foi justamente para não deixar isso acontecer. Se o objetivo era esse e se o Estado ia fazer, não tinha motivos para brigar por isso. (...) após encerrar a Associação, vimos com tristeza a passagem da velhinha. O que ficou disso tudo foi que tivemos uma despesa muito grande, mas o objetivo, o sonho dela ficou perpetuado.

A casa corresponde ao que foi idealizado?

Ao pesquisar sobre Laura Alvim, a Casa de Cultura e, mais precisamente, ao realizar as entrevistas é possível perceber toda a admiração que Laura despertou e que a casa ainda desperta. As pessoas que são envolvidas com aquele espaço são verdadeiros apaixonados, por conta disso, diante dessa visão romantizada impregnada sobre Laura e a casa, achei pertinente perguntar a todos os entrevistados se eles achavam que hoje em dia a casa correspondia ao que foi idealizado? Camila Amado respondeu:

Primeiro eu não acho nada sobre nada porque desde que ouvi Noel Rosa dizer que quem acha vive se perdendo, aquele samba... (ela



cantarola). É uma realidade. Basta ter uma direção na casa, como teve com a Eliana Caruso, foi o momento que a casa realmente retomou sua... estava com espírito vivo. Eliana Caruso é uma pessoa extraordinária, outra amiga. Então acho que sim... A gente acaba dizendo o verbo achar né? Porque atualmente a coisa mais importante na vida, para mim, é você ser capaz de aceitar sua imperfeição, capaz de aceitar que você é imperfeito não tem jeito. E saber que a perfeição não existe e tentar da melhor maneira possível, não cair nos mesmos erros. (...) você tem que errar muito para aprender, mas o importante é tentar não cometer os mesmos erros ou sair dos mesmos erros assim que puder, porque tudo que a gente faz é porque a gente não pode realmente fazer de outra maneira. A ausência de julgamento é realmente muito importante para você poder se transformar e transformar o outro.

Sérgio Pereira, por sua vez, acredita que a casa não cumpre o que foi idealizado, principalmente no que se refere ao teatro:

Eu acho que não. Eu acho que o teatro não. Porque o teatro virou um teatro como outro qualquer. Eu fui presidente da FUNARJ que tinha todos teatros, o Estado tem uma proposta diferenciada. O Estado não pode ser um locador de espaço (...) o Estado tem outra missão, tem que difundir cultura e estimular essa gente jovem (...) o Estado tem que fazer propostas inovadoras. O que de diferenciado, nesses últimos tempos, tem tido na casa de Cultura Laura Alvim? (...) eu pergunto a vocês quais são as peças históricas que vocês assistiram nos últimos anos? De grandes autores? Se encena Nelson Rodrigues que hoje em dia já é um autor histórico, pela modernidade, pela palavra dele, mas você não tem peças antigas da literatura brasileira, da literatura estrangeira. Então o Estado tem que fazer isso. Não que o Estado vá substituir a iniciativa privada. Longe disso, mas ele tem que arranjar mecanismos de incentivo. Então quando você me pergunta se a casa cumpre seu papel? O teatro não cumpre seu papel. Agora quem pode dizer isso muito melhor que eu é a Fernanda. Porque ela realmente sabe qual era o desejo da Laura (...) enfim, uma peça legal da Laura Alvim pode ser levada em qualquer outro espaço. E essa não é a proposta da casa, a proposta da casa é



diferenciada. Também não vejo grandes exposições de arte, pelo menos não chega ao meu conhecimento, eu não sei o que há de inovador. Veja bem, a Laura era uma mulher inovadora, era uma mulher diferente para a idade dela, para a época. Ela viveu trinta anos frente da sua geração. A Casa Laura Alvim tinha que viver 30 anos à frente do dia-a-dia de hoje.

Na visão de Fernanda Montenegro:

Eu acho que de alguma maneira. Eu sempre acho que deveria ter um investimento também de produção do governo, não só alugar. Acho que essa coisa que nós sonhamos primeiro para casa, um concurso de peça por exemplo. É um palco pequeno, então poderia ser um concurso com certas pontas, com certas coisas, a serem respeitadas. (...) mas acho que a gente merecia que essa casa tivesse uma repercussão nacional mais importante do que tem. (...) na cultura falta verba. (...) eu acho que essa casa merecia um investimento mais amplo e menos só de usufruir o espaço através de aluguel disso, aluguel daquilo, compreende. (...), mas o resto é esperar que uma hora essa doação, tão calorosa da Laura, tenha algum investimento realmente do setor cultural do Estado.

Ney Suassuna se mostrou dividido quanto se a missão da Casa está sendo cumprida ou não:

Realmente, embora já tenha o museu desativado e algumas coisas que não são como ela queria, mas o objetivo dela, de a casa não ser vendida, foi conseguido, o nosso de ajudar, foi conseguido, a satisfação nossa de fazer com que ela tivesse bons momentos (...) enfim... nós cumprimos nosso papel. O Rio de Janeiro ganhou uma casa, tem um movimento cultural e temos um terreno preservado, numa rua que dificilmente se sustentaria se não fosse o sonho dela, se não fosse ela.

Susanna Kruger, que sempre manteve uma relação estreita com a casa e que pesquisou a fundo quem foi Laura Alvim, faz as suas conclusões:



Não sei, não sei mesmo, acho que de alguma maneira, ela tá sempre cumprindo, mas eu não sei também porque testamento tem uma coisa (...) você aprisiona a ideia numa época, mas as coisas mudam, o tempo inteiro. Eu não sei se Laura estivesse viva o que que ela estaria querendo hoje. Eu me sinto até um pouco Luzinete as vezes, quando vejo tirarem alguma coisa da casa. Quando tiraram um laguinho lindo, uma fonte. Onde hoje é a lanchonete, ali tinha um laguinho lindo, até já fiz uma cena de Ofélia ali (...) tinha um peixe que jogava água, com dois banquinhos, uma coisa que você podia sentar de frente para as arcadas, olhar, meditar ver, uma coisa bonita. Quando tiraram aquilo eu... estão tirando um pedaço de uma construção. Porque eu acho sim que as coisas têm que se modernizar, mas para modernizar de verdade não necessariamente você precisa apagar o que veio, você pode somar ao que veio (...) a gente não pode ter cano de ferro de 1890 saindo água ferruginosa hoje, mas você não vai destruir uma matéria que tem um significado (...) perder uma coisa de poder contar história, então eu acho, que aqui nessa casa a gente tem sempre que tomar muito cuidado para não descaracterizar o que ela era, mas acho que de uma maneira geral, todas as dificuldades pelas quais a casa já passou parece que as coisas vão resolvendo sabe? Ela vai sobrevivendo. É uma casa privilegiada, um centro cultural na Avenida Vieira Souto, aqui na praia, maravilhosa. Você tem teatro, você tem três salas de cinema, sala de aula, você tem cursos diversos... é muito legal, tem o porão onde tem espetáculos, que agora é o espaço Rogerio Cardoso, tem galeria de artes que é uma galeria legal pra caramba. Eu acho incrível esse lugar. Eu acho que devia ser mais frequentado.

3.3. Importância dessa coleção

Se o primeiro capítulo desta dissertação foi ilustrado pela primeira obrigação da dádiva, defendida por Marcel Mauss, o ato de dar feito através da doação de Laura e o segundo pelo ato de receber essa doação, realizado pelo Estado do Rio de Janeiro, este capítulo, por sua vez, se propôs a mostrar a terceira obrigação, a retribuição, como foi e está sendo feita a retribuição a doação de Laura.



Sabendo que, junto a criação de um centro cultural, a transmissão da memória de sua família era o que Laura esperava como troca de sua doação, pode-se afirmar que a patrimonialização da Casa de Cultura Laura Alvim e das memórias de Álvaro Alvim e Ângelo Agostini, configuradas em um espaço que pode ser entendido como um museu casa, cumprem essa retribuição. Juntamente, ao longo de 29 anos vem sendo realizada a constituição e a continuação do espaço como um centro cultural através de diversos eventos e atividade.

Com as imagens utilizadas ao longo desse capítulo, conseguidas através de compartilhamentos dos frequentadores, funcionários e de instituições, e com entrevistas sobre Laura e sobre a CCLA, procuramos ilustrar esse recebimento e configurar, o que é proposto, a coleções de memórias da casa.

Para demonstrar a capacidade do espaço de server tantas pessoas da cultura, tantas vertentes culturais e para expor a importância de Laura Alvim, não só como doadora, mas como uma figura presente naquele lugar, as imagens foram separadas por atividades (teatro, exposições e eventos) e as entrevistas em tópicos. Ao analisar essa pesquisa é possível observar as mudanças que ocorreram na casa durante esses anos. A defesa por não fazer mudanças estruturais na casa, tão defendida na época de sua inauguração, perdeu espaço, assim como a preservação das memórias dos três personagens envolvidos, mas também é possível observar todo ecletismo da CCLA, que começou com o constrói e o desconstrói realizado constantemente por Laura, a entrada dos arquitetos que chegaram com uma outra visão do que poderia ser aquele espaço, as mudanças realizadas através de tantas gestões, como a sociedade se apoderou daquele espaço e como todas essas visões foram se juntando e formando a CCLA no que ela é hoje. Assim é possível afirmar que a CCLA é um centro cultural, com quase 30 anos funcionando, como idealizado por Laura, e por mais que diante das circunstâncias sejam elas econômicas, políticas ou culturais, as vezes pareça que o que foi imaginado está se perdendo, a CCLA continua ali, firme, com seu propósito de ser um espaço aberto a cultura e a sociedade.

A pergunta é, até quando? Não tem como determinar, existe uma infinidade de variáveis, os motivos são muitos. As vezes há a falta de continuidade dos trabalhos, há falta de verba, divergências políticas, há as políticas públicas do



momento, os gestores do espaço que, por vezes, não estão alinhados com a proposta inicial e criam uma nova “cara” para o lugar, entre outros. E diante de tantas variáveis é que há essa tentativa de demonstrar essa coleção, de demonstrar essas memórias, para que a proposta inicial não se perca, para que a retribuição siga sendo realizada.

E enquanto a memória de quem foi Laura Alvim existir, enquanto junto com as atividades do espaço, a memória de tudo que já aconteceu ali for alimentada, haverá retribuição a Laura e por isso a importância não só de existir essa coleção, mas a importância de preservar essa coleção.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



A casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. (...) sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém, o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo” (...). O homem é colocado no berço da casa. ”

Gaston Bachelard⁸⁴

Miranda (2003) afirma que as instituições culturais têm como desafio colocar o sujeito em contato com a obra e será esse contato que influenciará a formação do gosto, das preferências, de admiração, a consolidação de hábito, a capacidade de discernimento crítico, a aptidão para estabelecer um diálogo com a obra ou manifestação, bem como a capacidade de ser crítico em relação a elas.

Diante do fato que, diferente das demais instituições culturais (museus, bibliotecas, teatros, arquivos e etc.), os centros culturais não tem um conceito definido concluímos que o que poderia definir um centro cultural não seria necessariamente seu objetivo ou suas atividades e sim sua forma de ação, isto é, suas múltiplas atividades que possibilitam ao público acesso à cultura através do lazer, da discussão e do fazer.

Grande parte dos museus e bibliotecas têm, hoje em dia, suas atividades diversificadas, acompanhando o formato que os centros culturais já no seu surgimento possuíam. Na verdade, a propagação de centros culturais pelo mundo aconteceu no mesmo momento em que esses espaços, tidos como tradicionais, apresentaram um crescimento e/ou um amadurecimento e passaram a se apresentar como espaços múltiplos. Foi justamente por estar em sintonia com esse movimento, com a propagação de espaços culturais que se apresentavam como espaços múltiplos, que Laura idealizou a Casa de Cultura.

⁸⁴ SOUSA, J Francisco Saraiva de. *Gaston Bachelard: Poética da Casa (2)*. New York, 2008. Disponível em: <<http://cyberdemocracia.blogspot.com.br/2008/07/gaston-bachelard-potica-da-casa-2.html>>. Acesso em jul. 2014.



Começando apenas com uma ideia, tida por muitos como louca, que nasceu na cabeça de uma senhora excêntrica, que abriu mão de uma fortuna vivendo de maneira precária por conta de um sonho (deixar como legado um espaço cultural, em Ipanema, em frente à praia, em um dos pontos mais valorizados da cidade), a Casa de Cultura Laura Alvim teve um começo difícil e tumultuado e, por vezes, ver a vontade de Laura idealizada foi difícil. Entretanto a casa se destacou desde o início por sua história, por ser um dos primeiros centros culturais do Rio de Janeiro, por sua localização e pela colaboração e anuência de Mariana Alvim, Darcy Ribeiro e Fernanda Montenegro que fizeram a vontade de Laura acontecer. Junto a eles, alguns diretores tiveram destaque em suas gestões cumprindo o objetivo que a casa se propõe, reunir várias vertentes culturais em um único espaço, agregando o novo e o tradicional e, como era de se esperar, essa postura sempre trouxe um público diversificado onde todos, de alguma maneira, tiveram ou têm seu espaço.

Bodelier, em seu livro “O Enigma da Dádiva”, defende a ideia que na sociedade existem três tipos de coisas diferentes, as que se dão, as coisas que se vendem e as coisas que não devemos dar e nem vender, que são guardadas para transmitir. No ato de guardar para transmitir, o guardar se torna uma dádiva. É assim que podemos traduzir a doação da casa realizada por Laura, uma vez que era algo que ela não queria dar e muito menos vender. No ato da dádiva de Laura esta incrustado a vontade de transmitir a memória de sua família e é onde temos a passagem de uma memória familiar que se torna, a partir da doação, em uma memória coletiva.

Ângelo Agostini e Álvaro Alvim, sem sombra de dúvida, foram importantes personagens em suas épocas e campos de atuação. Um espaço destinado à preservação de memória destes se faz necessário, ainda mais para Laura que era neta e filha, para que ambos não fossem esquecidos, para que seus feitos fossem lembrados.

E quanto a Laura Alvim? Qual seria sua significação para o espaço por ela idealizado?

Através da casa, Laura deixou de ser coadjuvante, deixou de ser apenas filha de Álvaro e neta de Ângelo, deixou de ser apenas Laurazinha e passou ser a Laura



Alvim, a mecenas, a louca, a excêntrica, a perseverante, a sonhadora, a grande protagonista dessa história. A verdade é que Laura habita a CCLA, não só por toda dedicação e sacrifício empregados ali, mas porque era assim que ela queria. Quando a casa de cultura era apenas um sonho, seu propósito era continuar morando ali quando a mesma fosse aberta ao público, seu lugar ainda seria ali. Foi sua dedicação e obstinação em transformar sua casa em um centro cultural, fazendo disso objetivo e a obra de sua vida, as responsáveis pelas diversas escolhas do que foi feito com a casa. Laura é a figura tutelar daquele lugar. É a figura de Laura que está impregnada na casa, respaldada pela teimosia de Darcy Ribeiro, que talvez inspirado pela teimosia de Laura, mesmo contra a vontade dela, batizou o espaço com seu nome, numa justa homenagem. Nesta história toda, a memória de Laura é a que mais se mantém viva, mais do que as memórias de seu pai e avô.

Assim, hoje, não há apenas uma Laura Alvim, Laura virou ponto de referência. Os frequentadores vão ao Laura Alvim, os funcionários trabalham na Laura, o teatro é chamado de Teatro Laura Alvim, a galeria é a Galeria Laura Alvim e assim por diante. Há várias Lauras e essas várias Lauras são quem definem a casa de cultura e é a casa de cultura, a representação de tudo que Laura sonhou e viveu, que define quem foi Laura.

Ao explicar a trajetória da casa, no primeiro capítulo, foi possível entender como e por que uma residência particular se transformou em um lugar dedicado a cultura e ao público e, para isso, obviamente foi necessário fazer uma pequena biografia de Laura Alvim, para entender seus anseios, desejos e, até mesmo, sua teimosia ao abrir mão de tudo em busca de um sonho. Além é claro, mantendo a vontade de Laura, uma pequena biografia de seu pai e de seu avô.

No segundo capítulo, ao fazer um resumo das atividades da casa, foi possível comprovar sua vocação enquanto um espaço cultural, comprovar que toda a dedicação de Laura, de alguma maneira, foi realizada. Neste mesmo capítulo foi apresentado um levantamento de marcos, dos anos 80 até os anos 2000, onde foi possível observar o processo de patrimonialização realizado a partir das memórias que foram valorizadas e teve como pretensão mostrar como o Estado recebeu e o que fez com doação recebida.



Ainda neste capítulo, conclui-se também que os centros culturais são espaços que se propõem a ser abertos a diversas vertentes e atividades culturais, tendo como foco o público em geral e o fato de ser feito da casa um centro cultural, uma casa de cultura, já foi uma escolha de quais seriam as memórias transmitidas.

O terceiro capítulo foi uma tentativa de determinar o acervo existente na CCLA. Iniciado lá no início do espaço como um espaço cultural, foi decidido entre os gestores que cada expositor da galeria iria doar uma obra para a casa. Junto a isso, segundo Sérgio Pereira, em nossa conversa, foram realizadas entrevistas e coletados depoimentos com pessoas que conheceram Laura e tanto essas entrevistas quanto as primeiras peças de teatro realizadas na casa teriam sido gravadas, numa tentativa de compor a memória do lugar (essas entrevistas não foram localizadas). Também compõe esse acervo algumas doações que foram feitas e os desenhos de Ângelo Agostini. É fato que há uma coleção, entretanto, defendemos que a verdadeira definição do que é a Casa de Cultura Laura Alvim, do que ela representa e o que comunica está em suas memórias.

A memória preservada do pai e do avô de Laura, a memória por ter sido a casa que serviu de moradia para a família Alvim, onde todas suas histórias e rotinas foram vividas, a memória de Laura, de seu sonho e esforço, a memória de todos que de alguma maneira fizeram parte daquele espaço ou frequentaram, dos envolvidos em transformar aquela casa em um espaço cultural, dos moradores do entorno, de hoje e dos que datam de outras épocas, e assim por diante. É essa coleção de memórias que dá sentido ao espaço e que traz o sentimento de pertencimento porque, de alguma maneira, quem lembra faz parte daquele local e o local faz parte, de alguma maneira, de quem lembra. Há uma enorme carga emocional que faz com que cada um se sinta responsável por aquele lugar. Desse jeito seu verdadeiro acervo se concentra nas diversas memórias que o espaço transmite, desde quando era somente a casa da família Alvim, passando pelos sonhos de Laura, até chegar ao Centro Cultural que, focando nessa fase, tem 29 anos de memória, memórias estas que se diferenciam de pessoa para pessoa, grupo para grupo, formando uma grande coleção e fazendo, desse jeito, parte do patrimônio cultural do local que está inserido, dos seus frequentadores, funcionários e colaboradores. E são essas memórias que foram lembradas, a partir das imagens utilizadas junto as



entrevistas realizadas, que ilustram sua vocação de fazer memória e que constituem sua verdadeira coleção.

O que se apresenta na casa e consecutivamente neste trabalho é uma memória geral, lembranças que cercam a todos que em algum momento fizeram parte ou conheceram aquele espaço. As memórias e histórias que Laura tanto queria preservar, às vezes, correm o risco de se perderem, ou de não terem seu espaço resguardado onde ela queria, mas a casa, de alguma maneira, sempre se manteve como um espaço de fazer memórias.

E o mais interessante é que, se esta dissertação começou com a vontade de conhecer Laura, ela termina despertando a vontade de conhecer outros personagens. Seria sensacional conversar com Darcy Ribeiro ou com Stella Marinho e ouvir o que eles teriam para contar sobre esse lugar e sobre suas histórias pessoais. Seria sensacional ouvir relatos de Mariana Alvim e de cada gestor que passou pelo espaço.

Ainda há muito o que descobrir, ainda há muito mais a se pesquisar. Com este trabalho não foi possível abranger todo o arquivo da Casa de Cultura, não foi possível utilizar todas as colaborações dos frequentadores e não foi possível entrevistar todos que eram para ser entrevistados. Para se ter uma ideia 04 sobrinhos de Laura, dois ex-diretores da casa, além da atual diretora, e dois ex-moradores da casa se dispuseram a conversar sobre Laura e a Casa de Cultura, mas infelizmente não foi possível agendar a tempo de finalizar esta pesquisa.

Ainda assim, mesmo existindo muita pesquisa a ser feita, podemos concluir que a Casa de Cultura Laura Alvim é um espaço cultural diverso. Centro cultural por testamento, espaço cultural por definição, museu casa por sua história e museu pela maneira de propagar algumas memórias. E essa realidade engrandece ainda mais os enquadramentos de memória da CCLA.

Referências

1. Periódicos

ANDRADE, Ana Lucia Vieira de. Crítica de teatro: O Homem Travesseiro. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 out. 2012. Cultura. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2012/10/24/critica-de-teatro-o-homem-travesseiro/>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

ANTUNES, Elizabete. Ipanema faz festa de arromba para a arte. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 09 mai. 1996. Jornais de Bairro, p.06.

BELÉM, Cláudia. Começa hoje, em Ipanema, mostra de vídeos do Festival Rio Cine. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1989. Jornal de Bairro, p.40.

BONFIM, B. Ipanema vai ganhar um Centro Cultural de verdade – tudo como quer D. Laura Alvim, filha de cientista, neta de artista. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1981. Caderno B.

BRASIL. *Ministério da Cultura. Gabinete do Ministro*. Portaria n.106, de 21 de dezembro de 2006. Diário Oficial da União, Brasília, 22 dez.1996. Seção 1, p.28. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/840725/pg-28-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-22-12-2006>>. Acesso em: 22 out. 2014.

BRASIL se prepara para comemorar o centenário do cientista Álvaro Alvim. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1963. Geral, p.05.

CAGNIN, Antônio Luiz. Diabo Coxo: o primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo (1864-1894). In: *D. O LEITURA*, São Paulo, 13 out. 1994. p. 16-17.

CASA da Mulher. In: *Revista Visão*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1986. p.09. Nº52.

CASA de Álvaro Alvim reunirá os artistas em shows e peças. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 24 mar. 1986. Jornais de Bairro, p.11.

CASA de Laura Alvim, um novo centro de cultura. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 16 maio 1986. Jornais de Bairro, p. 12.

CASA de Laura festeja um ano com música, mímica palhaços e crianças, A. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 11 maio 1987. Segundo Caderno, p.06.

CASTRO, Natalia. Afro Mangue leva batucada sustentável à Praia de Ipaenema. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jun.2012. Economia. Rio +20. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/economia/rio20/afro-mangue-leva-batucada-sustentavel-praia-de-ipanema-5234324>>. Acesso em: 26 dez. 27014.

CHARME, cultura, sedução. Laura Alvim retorna à sua fase áurea – Uma vida com muita gente, histórias e admiradores. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 06 jan. 1986. Jornais de Bairro, p.06.

CONCURSO de Dramaturgia dá prêmio para três autores. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 02 mai. 1992. Segundo Caderno, p.2.

CÔRTEZ, C. Centro de Artes na Zona Sul será inaugurado em novembro – Casa vale 10 milhões de dólares. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1985. 1º Caderno, p.12.

CÔRTEZ, Celina. Rio ganha um novo centro de Cultura. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 maio 1986. 1º Caderno, p.14.

CULTURA ocupa a casa de Álvaro Alvim. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 16 maio 1985. Segundo Caderno, p.01.

DIVULGAÇÃO. Um romance com Bossa. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 09 jun.1995. Rio Show, p.16. Disponível em: <http://rioshow.oglobo.globo.com/teatro-e-danca/programacao/casa-de-cultura-laura-alvim-146.aspx>. Acesso em: 15 nov. 2014.

DOENÇA pára teatro que Laura Alvim constrói. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1973. 1º Caderno, p. 26.

DONA de teatro em obra há anos rejeita oferta de entrega-lo a Funterj. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 12 jan. 1976. 1º Caderno, p.08.

ESTRÉIA. Sergio Viotti. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 jan. 1973. Caderno B, p. 3.

FERNANDES, Heloísa. Evento marca dez anos da morte de Clarice Lispector. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 nov. 1987. Turismo, p.21.

FESTIVAL de Ecologia no Teatro Infantil. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1992. Grande Rio, p.11.

FESTIVAL gay contorna a censura e vem ao Rio. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 30 set. 1993. Segundo Caderno, p.2.

HOMENAGEM a Madame Curie. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1926. p.7.

IMPASSE na Casa de Álvaro Alvim. Duas famílias não saem – Já dura 1 ano o sonho de criar o centro cultural. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 03 jun. 1985. Jornais de Bairro, p.05.

IPANEMA, 110 anos na vanguarda. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 22 abr. 2004. Caderno Zona Sul, p. 35.

LAURA Alvim dedica programação à mulher. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 08 dez. 1986. Jornais de Bairro, p. 20

LAURA Alvim inaugura hoje seu cineclube. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 09 dez. 1992. Jornais de Bairro, p.32.

LAURA Alvim tem comissão para o teatro. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 27 set. 1986. Jornais de Bairro, p.08.

LEVI, Clovis. A mais sólida mansão – sonho de uma loucura reduzida a dois. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 05 mar. 1976. p. 25.

MACKSEN, Luiz. Pequenas Preciosidades. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro 13 jun. 1986. Caderno B, p.08.

MAIS uma porta aberta à cultura. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 09 jul. 1998. Jornais de Bairro, p. 27.

MARTINS, Alexandre Andre. Casa de Cultura Laura Alvim, centro de cultura na Vieira Souto. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 12 maio 1986. Segundo Caderno, p.03.

MENEZES, R. “Curiosidades Biográficas – Ângelo Agostini”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 01 de julho de 1947.

NEPOMUCENO, Rosa. O piemontês que odiava escravidão. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 07 mai. 1988. Segundo Caderno, p.01.

POLINESIO, Lau. Imagem do espetáculo Katastrophé. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jul. 1986. Revista Programa, p. 14.

REABERTA em Ipanema a Casa de Cultura Laura Alvim, É. In: *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 mai. 2002. V, p.07.

RODRIGUES, Eduardo. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/cine-star-vai-operar-cinemas-da-casa-de-cultura-laura-alvim-6858318>>. Acesso em: 12 dez.2014

SALOMONE. 10 anos de celebridade. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 2014. Memória. Institucional. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/institucional/promocoes/dez-anos-de-celebridade-14784093>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

SANCHES, Sandra. O verão promete ser mais criativo para a população carioca. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 21 out. 1985. Jornais de Bairro, p.04.

STYCER, Mauricio. Esperando Beckett aos 80 anos. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 jun. 1986.

SUELI, Glória. A mais sólida mansão de Ipanema. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 08 jun. 1976. p. 37.

TEATRO. Brasileiros e Brasileiras. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 jul. 1989. Caderno B, p.7.

TRIBUNAL da Guanabara julga definitivamente questão sobre terrenos no Leblon. In: *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1968. p. 14

ZOZIMO. *Novo Teatro*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1973. p.3.

2. Livros, Artigos Teses.

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal*. Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil. Lapa, Rocco, 1996.

ABREU, Regina. *História de uma Coleção: Miguel Calmon e o Museu Histórico Nacional*. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 2, n.1, p. 199-235, 1994

ABREU, R.; CHAGAS, M. (orgs.) *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, RJ, 2ª Ed., DP&A, 2009.

ABREU, R.; CHAGAS, M. de S.; SANTOS, M. S. dos (Orgs.). *Museus, coleções e patrimônio: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, Departamento de Museus, 2007.

ALBUQUERQUE, Elane Carneiro. *Vejo um museu de grandes novidades, o tempo não pára...sociopoetizando o museu e musealizando a vida*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. In: *Os Pensadores XXXVIII*. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BILA, Fabio Pessanha. *Cidadania sob o sol de Ipanema: os gays da Farme de Amoedo e suas estratégias de afirmação*. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, RJ, 2009.

CARDOSO, Wanda Stylita. *Laura Alvim: anjo barroco*. Rio de Janeiro: Record: Roda dos Tempos, 1997.

CAMPOS, Shirleti Amorim Campos. *As bibliotecas públicas são centros culturais ou os centros culturais são o milagre do século?*. 1996. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

CASTRO, Rui. *Ela é carioca: Uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COELHO, Teixeira. *Usos da cultura: políticas de ação cultural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio: uma questão de valor. In: __. *O patrimônio em processo: trajetória política federal da preservação no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009. p.33-50.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla do patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

FREITAS, Elizabeth Pontes. Centros culturais públicos no Brasil: um estudo comparativo entre o Centro Dragão do Mar e Arte e Cultura e o Centro Cultural. São Paulo. 2007. Monografia de graduação em Comunicação – UFBA.

FURLONI, Mariana Fernandez. *Uma casa transformada em museu. O caso do museu Antônio Parreiras*. 2008. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória Social. In: DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô (Orgs.). *O que é memória social?* 2. reimpr. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 11-26

MARTINS, Paulo Henrique. *A Sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 2005.

MAUSS, Marcel. “*Ensaio sobre a Dádiva*”. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, 1974.

MILANESI, Luis. *A casa da invenção*. 4. ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 2003.

MILANESI, Luiz. *Ordenar para desordenar: Centros culturais e bibliotecas públicas*. 2. ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

MIRANDA, Danilo Santos. *Políticas Culturais*. Barueri: Manole, 2003.

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. *Ângelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-17910)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, USP. São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Cultura é patrimônio: um guia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

RAMOS, Luciene Borges. *O centro cultural como equipamentos disseminador de informação: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto*. 2007. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – UFMG, Minas Gerais, 2007.

RIBEIRO, Rodrigo Alves. *Moradas da memória: a construção de um museu na casa de Gilberto Freyre*. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello. *Centro Cultural. Construção de reconstrução de conceitos*. 1995. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

SILVA, Mário Fernandes da. *Centros Culturais: Análise da produção bibliográfica*. 2013. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2013.

SILVA, Rosangela de Jesus. *Ângelo Agostini: crítica de arte, política e cultura no Brasil do Segundo Reinado*. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas, p. 107-2006, n. 6, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%206%20-%20artigo%209.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2014.

VALLE, Marisol Rodriguez. *A Província da Ousadia: Representações sociais sobre Ipanema*. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

VELOSO, M. O fetiche do patrimônio In: ABREU, R.; CHAGAS, M. de S.; SANTOS, M. S. dos (Orgs.). *Museus, coleções e patrimônio: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond; Iphan, Departamento de Museus, 2007. p. 229-245.

3. Entrevistas

AMADO, Camila. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 09 de fevereiro de 2015.

CARUSO, Eliana. *Sobre Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 15 de dez. 2006.

CARUSO, Eliana. *Sobre Memórias na Direção da Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista a autora da dissertação em 25 mar. 2015.

GERMANO, Ana Lúcia. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 25 de jan. 2007.

KRUGER, Susanna. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 17 de mar. 2015.

MANO, Carlos. *Sobre Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 11 de fevereiro de 2015.

MEMÓRIA, Tatiana. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio e Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 19 de dez. 2006.

MONTENEGRO, Fernanda. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada 14 abr. 2015.

RICHARD, Beatriz Alvim. *Sobre Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 08 de jan. 2007.

RICHARD, Heloisa Alvim. *Sobre Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 08 de jan. 2007.

SILVA, Sérgio Pereira. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 10 de fev. 2015.

SUASSUNA, Ney. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 09 de mar. 2015.

TEIXEIRA, Mário Honório Teixeira. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 09 de jan. 2007.

TIMBÓ, Edna. *Sobre Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação realizada em 21 mar. 2015.

THIELE, Otto Henrique Alvim. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro. Entrevista à autora da dissertação, realizada em 10 de janeiro de 2007.

WOTZIK, Eduardo. *Sobre Laura Alvim e Casa de Cultura Laura Alvim*. Entrevista à autora da dissertação realizada em 24 mar. 2015.

4. Jurisprudência

RIO DE JANEIRO (Estado). *Processo número 3.617*. Estado do Rio de Janeiro. Juízo de Direito da 15ª Vara Cível, Rio de Janeiro, 1985.

RIO DE JANEIRO (Estado). *Processo número 3.985*, Estado do Rio de Janeiro. Juízo de Direito da 15ª Vara Cível, Rio de Janeiro, 1985.

5. Páginas consultadas na internet

7 VIDAS. *Página Inicial*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://blogsetevidas.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

AABB-RIO. *Notícias*. Espetáculo Clementina cadê você? Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.aabb-rio.com.br/noticias/361/espetaculo-clementina-cade-voce>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Biografia de Alcindo Guanabara*. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start>>. Acesso entre jan. 2014 e mar. 2015.

AGUIAR, Luana. *Ricardo Basbaum na Casa de Cultura Laura Alvim – de 12 de setembro a 16 de novembro*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/2014/09/ricardo-basbaum-na-casa-de-cultura-laura-alvim/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

ALMEIDA, Luis. *Galeria Laura Alvim recebe Exposição de Angelo Venosa*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://brainstormarts.blogspot.com.br/2009/09/galeria-laura-alvim-recebe-exposicao-de.html>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

ALMEIDA, Luiz Antônio de. *A décima sétima morada*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

<<http://www.ernestonazareth150anos.com.br/Chapters/index/384>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

AMCOPANY. *Cirillo Luna da peça “quebra-ossos”, na Casa de Cultura Laura Alvim, até 06 de maio*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://amcompany.wordpress.com/2012/04/05/cirillo-luna-da-peca-quebra-ossos-na-casa-de-cultura-laura-alvim-ate-06-de-maio/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

AMIGOS do CCJ. *Agenda Cultural*. Casa de Cultura Laura Alvim. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://amigosdoccj.wordpress.com/2011/09/12/casa-de-cultura-laura-alvim/>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

AMORELI, Naira. *Cultura e Entretenimento*. Casa de Cultura Laura Alvim. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.embarquenaviagem.com/2012/01/13/casa-de-cultura-laura-alvim/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

ANDRADE, Guto. *Teatro*. ‘Casamentos e Precipícios’ é sucesso no Laura Alvim. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.revistacamarim.com.br/blog/?p=3605>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

ARCO-ÍRIS, Grupo. *Galeria de fotos*. 9º Prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.arco-iris.org.br/galerias-de-fotos/9%C2%BA-premio-arco-iris-de-direitos-humanos-2/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

ARCO-ÍRIS, Grupo. *Galeria de Fotos*. Espetáculo Dama da Noite. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.arco-iris.org.br/galerias-de-fotos/espetaculo-dama-da-noite/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ARCO-ÍRIS, Grupo. *Grupo Arco-Íris: 20 anos de cidadania LGBT*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.arco-iris.org.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ARCO-ÍRIS, Grupo. *Notícias*. 13º Prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos | Casa de Cultura Laura Alvim | 15 de dezembro. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.arco-iris.org.br/destaques/comunicado-importante19a-parada-do-orgulho-lgbt-rio-2014-tem-nova-data/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

BÁ, Gabriel. *Nós no Rio amanhã!* São Paulo, 2008. Disponível em: <http://10paezinhos.blog.uol.com.br/arch2008-08-01_2008-08-31.html>. Acesso em: 15 nov. 2014.

BEDRAN, Bia. *Fotos*. Show Brinquedos Cantados. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://biabedran.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

BETH. *Eventos*. Lançamento do livro Emoção Atlântica. Rio de Janeiro, 2010. Disponível

em: <<http://www.eunanet.net/beth/index.php>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

BOA DIVERSÃO. *Projeto Música na Varanda*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.boadiversao.com.br/guia/rio-de-janeiro/shows/evento/id/23876/projeto_musica_na_varanda>. Acesso em: 18 dez. 2014.

BOLETIM Leituras. *Jornalista lança livro sobre as musas da MPB*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://boletimleituras.com.br/?author=7&paged=3>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

BONGORGINO, Marcelo. *MHuD Entrega Prêmio João Canuto na Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://marceloborgongino.blogspot.com.br/2013/12/mhud-entrega-premio-joao-canuto-na-casa.html>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

BQVMANCHETE. *É na próxima segunda-feira: Médico Haroldo Jacques lança livro "Reflexões Refletidas" na Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://paniscumovum.blogspot.com.br/2013/05/e-na-proxima-segunda-feira-medico.html>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

BRITTO. *Galeria Sérgio Britto*. Rio de Janeiro, 1986. Disponível em: <<http://www.sergiobritto.com/vida/galeria-sergio-britto/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

CANECA, Betania. *Áudio Retrato::Gabriel, O Pensador*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://betaniacanca.blogspot.com.br/2013/10/audio-retratogabriel-o-pensadorpre.html>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

CARVALHO, Cassia. *Dica Cultural: peça teatral "A Dama do Mar"*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://cidadedorio.com/dica-cultural-peca-teatral-a-dama-do-mar/>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

CARVALHO, Júlio. *Uma capa*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://juliocesarcarvalho.blogspot.com.br/2010/12/uma-cap.html>>. Acesso em: 14 nov. 2014

CARVALHO, Patrícia. *Sem tecnologia*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.prensada.blogspot.com.br>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

CATRACA Livre. *Agenda*. Peça adaptada sobre obra de Fernando Pessoa na Casa de Cultura Laura Alvim. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/rio/agenda/barato/peca-adaptada-sobre-obra-de-fernando-pessoa-na-casa-de-cultura-laura-alvim/>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

CATRACA Livre. *Agenda*. Zé Trindade: A última chanchada na Casa de Cultura Laura

Alvim. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/rio/agenda/barato/ze-trindade-a-ultima-chanchada-na-casa-de-cultura-laura-alvim/>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

CBTIJ. *Acervo*. Antônio Carlos Bernardes. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://cbtij.org.br/categoria/acervo/antonio-carlos-bernardes-acervo/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

CBTIJ. *Acervo*. Lucia Coelho. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://cbtij.org.br/categoria/acervo/lucia-coelho-acervo/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

CBTIJ. *Acervo*. Tim Rescala. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://cbtij.org.br/2001-o-cavalinho-azul-direcao-caca-mourthe/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

CHREEM, Ricardo. *Marcha dos abajures indignados*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.marchadosabajures.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

CLAN DESIGN. Galeria Laura Alvim 2012. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.clandesign.com.br/exp_laura_alvim_2012.html>. Acesso em: 26 dez. 2014.

DUARTE, J Renato A Duarte. *Casa Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 20xx. Disponível em: <<http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/cs-laura-alvim.html>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

DURÁN, G. *Seminário de Cultura Digital na Casa de Cultua Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/seminario-de-cultura-digital-na-casa-laura-alvim>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

EGO. *Notícias*. Família prestigia lançamento do livro de Cecil Thiré. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1333611-9798,00-FAMILIA+PRESTIGIA+LANCAMENTO+DO+LIVRO+DE+CECIL+THIRE.html>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

EGO. *Notícias*. Juliana Didone estreia a peça 'Decote' no Rio. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/06/juliana-didone-estrela-peca-decote-no-rio.html>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

EGO. *Notícias*. Marieta Severo é homenageada em festival de teatro. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1618868-9798,00-MARIETA+SEVERO+E+HOMENAGEADA+EM+FESTIVAL+DE+TEATRO.html>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

EGO. *Notícias*. Marieta Severo prestigia lançamento do livro de Tônico Pereira. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://ego.globo.com/noite/noticia/2012/12/marieta-severo>>

prestigia-lancamento-do-livro-de-tonico-pereira.html>. Acesso em: 26 dez. 2014. ESPAÇO

TÁPIAS. *Fotos*. Casa de Cultura Laura Alvim. Disponível em:
<<http://www.espacotapias.com/>>. Acessado pela última vez em dez. 2014.

ESTRELANDO. *Fotos*. Teatro. São Paulo, 2015. Disponível em:
<<http://www.estrelando.com.br/foto/2008/08/27/teatro-76570>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ÈVRA. *Coleção de Inverno 2011 - Uma Homenagem à Laura Alvim*. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://evrabrasil.blogspot.com.br/2011/02/colecao-de-inverno-2011-uma-homenagem.html>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

FACEBOOK. *Amei um pitboy – livro*. Palo Alto, 2012. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/217427375003008/photos/t.529535731/366763946736016/?type=3&theater>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

FACEBOOK. *Cultura para quem quer*. Fotos. Álbum. Fotos de Cultura para quem quer. Palo Alto, 2012. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/335246156555438/photos/pb.335246156555438.-2207520000.1424870776./350491411697579/?type=3&theater>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

FACEBOOK. *O Sonho de Laura*. Comunidade. Palo Alto, 2004. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/pages/O-Sonho-de-Laura/216732751683430?ref=ts&fref=ts>>. Acesso entre jan. 2014 e mar. 2015.

FACEBOOK. *Rômulo Rodrigues*. Fotos. Arquivo de dispositivos móveis. Palo Alto. 2014. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=912670565414432&set=t.529535731&type=3&theater>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

FACEBOOK. *Sobre a Casa de Cultura Laura Alvim*. Palo Alto, 2004. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/pages/Casa-De-Cultura-Laura-Alvim/268130823369627?fref=ts>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

FACEBOOK. *Susanna Kruger*. Fotos. Palo Alto, 2012. Disponível em:
<https://www.facebook.com/susanna.kruger.5/photos_allr>. Acesso em: 05 jan. 2015.

FERNADES, Fábio. *Novidades musicais de todos os tempos*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.lacumbuca.com/2013/07/esta-semana-no-rio-afrika-bambaataa.html>>. Acesso em: 25 dez. 2014.

FERREIRA, Gloria. *Rosana Ricalde e seus pictogramas*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://revistaportfolioeav.rj.gov.br/edicoes/02/?p=666>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

FERREIRA, Luiz André. *Cigarro liberado: é permitido fumar!* Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.sidneyrezende.com/blog/luizandreferreira/?pg=4>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. *Rio de Janeiro*, 2010. Disponível em: <<http://www.fundar.org.br/>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

GAVEA Filmes. *Teatro*. Oréstia. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.gaveafilmes.com.br/a/?p=155>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

GLOBO.COM. *Teatro*. Casa de Cultura Laura Alvim recebe peça sobre imigração em Londres. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://red Globo.globo.com/globoteatro/noticia/2014/12/casa-de-cultura-laura-alvim-recebe-peca-sobre-imigracao-em-londres.html>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

GOMES, Felipe. *Sexualidade, cultura e direitos humanos*. Dia 25/05, terça-feira, “sou mulher, Sou Brasileira, Sou lésbica”, na Casa de Cultura Laura Alvim. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://homoerectu.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html>. Acesso em: 15 nov. 2014.

GRUPO Estação. *Salas de Exibição*. Estação Laura Alvim. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.grupoestacao.com.br/grupoestacao/salas/salas.htm>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

GUIA UOL. *Teatro e dança*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://guia.uol.com.br/rio-de-janeiro/teatro/noticias/2014/08/27/festival-de-teatro-gratuito-reune-grupos-de-paises-de-lingua-portuguesa.htm>>.

HALUCH, Aline. *Twitter Aline Haluch*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://twitter.com/alinehaluch>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

HOLOFOTE Virtual. *Brecha com 4 apresentações em Belém*. Belém, 2014. Disponível em: <<http://holofotevirtual.blogspot.com.br/2014/11/brecha-com-4-apresentacoes-e-oficinas.html>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

ICH, Instituto Ciência Hoje. *20 anos do ICH*. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/instituto-ch/sobre-o-ich/20-anos-do-ich>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

JAGUAR. Salão Carioca de Humor. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.iccacultural.com.br/salaocarioca.asp>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

LIMA, Chico. *Susanna Kruger*. Fotos. Geração Trianon. Rio de Janeiro, 1988. Disponível em: <<http://www.susannakruger.com/#!fotos/c4jy>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

KOGUT, Patrícia. *Busca. Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://kogut.oglobo.globo.com/busca/?q=Laura+Alvim>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

KRUGER, Susanna. *Fotos*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.susannakruger.com/#!/fotos/c4jy>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

LACERDA, Lu. *“Mostra atores de Laura 20 anos” na Laura*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://lulacerda.ig.com.br/2012/06/page/26/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

LACERDA, Lu. *O saxofonista Beto Saroldi: fãs de todos os perfis*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://lulacerda.ig.com.br/o-saxofonista-beto-saroldi-fas-de-todo-o-tipo/>>.

LEÃO, Aurora Miranda. *Primeiro de Abril é noite de Cinema na Casa Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://auroradecinema.com.br/tag/emiliano-queiroz/>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

LIPORACI, Erika. *Obituário Ideal*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.artesesubversao.com/2011/11/obituario-ideal.html>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

LOPES, Janara. *Lançamento do livro no Rio*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.ideafixa.com/lancamento-do-livro-no-rio/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

LUÍS, Ronald. *Teatro: Facinora*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://renovoblog.blogspot.com.br/2011/08/teatro-facinora.html>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

MELLO, Julio. *Agenda. Ah! A Humanidade e Outras Boas Intenções*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/rio/agenda/barato/ah-a-humanidade-e-outras-boas-intencoes/>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

MELLO, Renato. *Crítica: As Bodas de Fígaro*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://botequimcultural.com.br/critica-as-bodas-de-figaro/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

MELO, Ana Cristina. *Lançamento de “Contentes de ler – Cineastas”*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://sobrecapa.wordpress.com/category/contos/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MEYD Inn Rio. *Está chegando a horas!* Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.meydinnrio.com/tag/casa-de-cult-laura-alvim/>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

MHUD. Movimento Humanos Direitos. *Casa de Cultura Laura Alvim*. Disponível em: <<http://www.humanosdireitos.org/>>. Acessado pela última vez em jan.2015. Acesso em: 02 jan. 2015.

MONTONE, Mônica. *{Loucura} – um autoelogio desconcertante*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://princesafranciny.blogspot.com.br/2011/04/loucura-um-autoelogio-desconcertante.html>>. Acesso em: 17 nov. 2014. Acesso em: 02 jan. 2015.

MOURÃO, Raul. *Zerbini na Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.raulmourao.com/blog/?p=551>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

NAME, Daniela. *Visita a Zerbini*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://daniname.wordpress.com/2009/12/16/visitazerbini/>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

NETO, Ruy Jobim. *Coisas de Teatro – ano 5*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://coisasdeteatro.blogspot.com.br/2010/06/perdoa-me-por-me-traies-de-nelson-no.html>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

NOLUGAR. *Oficina – Daniel Hertz*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.nolugar.art.br/category/tudo-no-lugar/page/10/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

NOVAS Cenas. *Arquivo para a categoria 'Intervalos'*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://novascenas2011.wordpress.com/category/intervalos/>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

OBSERVATÓRIO de favelas. *Sonhos Velados*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://observatoriodefavelas.org.br/noticias-analises/sonhos-velados/>>.

ORKUT. *Comunidade Casa de Cultura Laura Alvim*. Belo Horizonte, 2006. Disponível em <<https://orkut.google.com/>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

PAUVOLID, Elaine. *Vertentes – coletânea de poemas e fortuna crítica*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.vertentes.blogger.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

PENNAFORTE, Roberta. *Cultura*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,mostra-no-rio-traz-o-desafio-de-materializar-o-vento,876916>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

PEREIRA, Julio. *Revista Agito Rio*. Clicks por aí. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://revistaagitorio.com.br/fotos-do-lancamento-do-livro-tribute-arpoador-homenagem-na-casa-de-cultura-lauro-alvin-fotos-por-julio-pereira/>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

POLIMENI, Thais. *Ivan e os cachorros no Rio de Janeiro*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://cultcultura.com.br/arteseespetaculos/ivan-e-os-cachorros-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

POLÍTICO, Paraná. *Morte – Work in Progress*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://pp1-lazer.blogspot.com.br/2010_09_01_archive.html>. Acesso em: 02 jan. 2015.

PPGAV-UFRJ. *Mesa-Redonda na Casa de Cultura Laura Alvim, quarta-feira, 06/02, às 18h30*. Disponível em: <http://ppgav.blogspot.com.br/2013_02_01_archive.html>. Acesso em: 02 jan. 2015.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Sítio Cultural de Ipanema*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/Apac/anexos/Ipanema_tetos.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

RAMALHO, Anna. *Caetano Veloso e Elba Ramalho cantam em premiação*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.annaramalho.com.br/news/blogs/anna-ramalho/21653-caetano-veloso-elba-ramalho-cantam-premiacao.html>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

RAMALHO, Anna. *Coquetel na Casa de Cultura Laura Alvim lança livro de Cleusa Maria*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.annaramalho.com.br/news/blogs/anna-ramalho/9147-coquetel-na-casa-de-cultura-laura-alvim-lanca-livro-de-cleusa-maria.html>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

RAMALHO, Anna. *Lançamento da Revista Grão*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.annaramalho.com.br/news/agenda/51099-lancamento-da-revista-grao.html>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

RAMALHO, Anna. *Lançamento de Bíblia versão não autorizada*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.annaramalho.com.br/news/blogs/anna-ramalho/50300-lancamento-de-biblia-versao-nao-autorizada.html>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

RAMALHO, Anna. *Lançamento do portal Sérgio Britto reúne nomes do teatro e da TV*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.annaramalho.com.br/news/blogs/anna-ramalho/44489-lancamento-portal-sergio-britto-reune-nomes-teatro-e-da-tv.html>>

RANGEL, Luiz. *O Olhar de Luiz Rangel*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://cineastaluizrangel.blogspot.com.br/2012/06/produzinhom-odio-no-rio-falta-quase-um.html>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

RAPP, Monina. *Portifólio*. Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <<http://moninarapp.com.br/portifolio/>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

RIBEIRO, Claudia. *Susanna Kruger*. Fotos. A Promessa. Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <<http://www.susannakruger.com/#!/fotos/c4jy>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

RIBEIRO, Claudia. *Susanna Kruger*. Fotos. João e Maria. Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: <<http://www.susannakruger.com/#!/fotos/c4jy>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

RIBEIRO, Claudia. *Susanna Kruger*. Fotos. Nos tempos da opereta Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <<http://www.susannakruger.com/#!/fotos/c4jy>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

RIBEIRO, Claudia. *Susanna Kruger*. Fotos. O homem que sabia javanês. Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: < <http://www.susannakruger.com/#!fotos/c4jy>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Cultura.rj. *Casa de Cultura Laura Alvim*. [2015]. Disponível em: < <http://www.cultura.rj.gov.br/apresentacao-espaco/casa-de-cultura-laura-alvim>>. Acesso em: 20 jan. 2015. 2012

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Cultura.rj. *Revista*. [2015]. Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/revista>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Cultura.rj. *Programação Cultural*. [2015]. Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/programacao-cultural>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

RIO NO TEATRO. *Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.rionoteatro.com.br/localeventos/view/18>>.

RIO Show. *Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://rioshow.oglobo.globo.com/teatro-e-danca/programacao/casa-de-cultura-laura-alvim-146.aspx>. Acesso em: 15 nov. 2014.

ROCHA, Patricia. *Notícias*. Mariana Ximenes lê poesias de Geraldo Carneiro em Ipanema, no Rio. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL690044-9798,00-MARIANA+XIMENES+LE+POESIAS+DE+GERALDO+CARNEIRO+EM+IPANEMA+NO+RIO.html>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

ROSA, Pedro Paulo. *Leitura Subjetiva*. Escritor fará divulgação de livro na Casa de Cultura Laura Alvim. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.leiturasubjetiva.com.br/2012/11/escritor-fara-divulgacao-de-livro-na.html>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

SAMPAIO, Juliana. *Ernesto Neto*. Quando a gente para o mundo gira. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://juliasampaio.com/js/project/ernesto-neto-quando-a-gente-para-o-mundo-gira/>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

SOPA Cultural. *tag Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.sopacultural.com/tag/casa-de-cultura-laura-alvim/>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

SORTIMENTOS. *Espetáculo a Porta da Frente na Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://mais.sortimentos.com/espetaculo-a-porta-da-frente-rio-de-janeiro-teatro/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

SORTIMENTOS. *Espetáculo “Como é Cruel Viver Assim” na Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://mais.sortimentos.com/como-e-cruel-viver-assis-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

SORTIMENTOS. *Espetáculo “Morde” no Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://mais.sortimentos.com/morde-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

SORTIMENTOS. *Musical “Jazz do Coração” está em cartaz na Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://mais.sortimentos.com/rio-de-janeiro-musical-jazz-do-coracao-em-cartaz/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

SORTIMENTOS. *Peça “A Estufa” é atração no Teatro Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://mais.sortimentos.com/rio-de-janeiro-peca-a-estufa/>>. Acesso em: 02 dez. 2014. Acesso em: 02 jan. 2015.

SORTIMENTOS. *Peça ‘Os Sapos’ no teatro da Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://rio-de-janeiro.sortimentos.com/peca-os-sapos-rio-de-janeiro-espetaculo-os-sapos/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

SOUZA, Teresa. *XIX Salão Carioca de Humor*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://salaocarioca.blogspot.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2014.

STRINA, Luisa. *Exposições*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.galerialuisastrina.com.br/artistas/fernanda-gomes/>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

TCMAGAZINE. *Inauguração da exposição de Ricardo Becker hoje as 19h na Galeria Laura Alvim – Exposição vai até 17 de junho*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tcmagazine.wordpress.com/2012/05/02/inauguracao-da-exposicao-de-ricardo-becker-hoje-as-19h-na-galeria-laura-alvim-exposicao-vai-ate-17-de-junho/>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

TCMAGAZINE. *Visita guiada na Galeria Laura Alvim (RJ)*. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://tcmagazine.wordpress.com/2011/07/09/visita-guiada-na-galeria-laura-alvim-rj/>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

TCMAGAZINE. *Visita guiada em exposição de Lenora de Barros, no Rio*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://tcmagazine.wordpress.com/2013/10/17/visita-guiada-em-exposicao-de-lenora-de-barros-no-rio/>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

TEATRO de Nós. *Bette-Davis e a máquina de coca-cola*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.teatrodenos.com/espetaculos/bette-davis/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

TIMEOUT. *Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.timeout.com.br/>>

rio-de-janeiro/arte/events/149/carlito-carvalhosa>. Acesso em: 23 nov. 2014.

TORRES, Rodrigo. *Susanna Kruger*. Montagens. Romeu e Isolda. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.susannakruger.com/#!/fotos-alunos/c22il>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

TRIPADVISOR. *Avaliação sobre a Casa de Cultura Laura Alvim*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303506-d2352060-r210745397-Casa_de_Cultura_Laura_Alvim-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html#REVIEWS>. Acesso em: 23 nov. 2014.

VILAÇA, Celma. *Agenda da Cidadania*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.avozdocidadao.com.br/detailAgendaCidadania.asp?ID=3545>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

VÍRUS Planetário, Revista. *Programação Cultural da Semana*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://virusplanetario.wordpress.com/tag/negro-olhar/>. Acesso em: 15 nov. 2014.

VOZ do Cidadão, A. *Agenda da Cidadania*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.avozdocidadao.com.br/detailAgendaCidadania.asp?ID=4556>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

ANEXOS

Anexo 1: Entrevista com Ana Lúcia Germano, na FUNARJ, em 25 de janeiro de 2007.

Fui para a Laura Alvim em novembro de 85, a casa foi inaugurada em maio de 86. Isso aconteceu porque eu estava na Faculdade da Cidade e nessa faculdade estavam duas pessoas que seriam responsáveis pelo gerenciamento e direção da Casa de Cultura Laura Alvim, prof. Sérgio Pereira e Dona Stela Vilar Marinho. Por conta disso fui convidada a integrar a equipe. Ainda estavam começando as obras, as pessoas que ali residiam já haviam saído. Fui para lá quando o Estado começou a tomar pé, criar um programa de trabalho para obras dentro do espaço. Fomos eu e mais três quase profissionais, ainda não havíamos nos formado (.).

Ficamos com a missão de reunir subsídios históricos, a partir de entrevistas e da pesquisa tradicional, para o prof. Darcy Ribeiro (...) a ideia que Darcy tinha era inaugurar a casa com um livro que falasse sobre Laura. Então nós mergulhamos nessa história da Família Alvim e em partículas da Laura.

Uma das ideias era... pesquisamos algumas óperas que mais falavam ao coração da Laura e escolhemos algumas. Contamos com apoio da Central Técnica de Inhaúma, espaço responsável pela confecção de figurinos das óperas montadas no Teatro Municipal. Se não me engano, eram 16 casais trajados com roupas de época, alusivos as óperas que eram as preferidas de Laura.

A Laura era um personagem muito complexo, porque embora tivesse essa visão apaixonada de ter um espaço que reunisse diversas linguagens artísticas, primeiramente o teatro, nós achamos alguns inscritos, conversamos com D. Marina, e ela tinha interesse na cultura nazista. Entretanto não pensava de uma maneira seguida, imaginava que seria possível uma civilização que comungasse daqueles princípios, uma cultura superior, com acesso aos meios culturais, como algo normal e não essa cultura da rua. (...)

Quando a casa foi inaugurada um dos princípios estabelecidos, pelo prof. Sérgio e da D. Stela, foi a casa ser dividida, para sua administração, em várias áreas: plásticas, cursos, literatura e lançamentos. A ideia de Stela era que durante o ano a casa tivesse um ou dois eventos onde todas as áreas trabalhassem juntas em torno de um tema. Isso foi bastante inovador. Durante o ano o calendário era profundamente respeitado. Poderia ter um drama no teatro, uma exposição sobre fotografias (...) a casa tinha como princípio ser um centro cultural, mais tinha algo

mais, vários eventos, tudo ao mesmo tempo. Para equilibrar esse tudo ao mesmo tempo havia temas que justificassem esse trabalho.

Tivemos exemplos maravilhosos como evento chamado “Perto de Clarice”. Ficou na casa duas semanas. Reuniu (...) várias mesas temáticas no teatro, uma belíssima exposição contamos com pesquisa e apoio da Casa de Rui Barbosa, tivemos acesso a escritos da própria Clarice, apoio da família, tivemos lançamentos com obras da própria Clarice Lispector. Conseguimos poemas declamados pela Nukeme, que hoje é estilista e era uma atriz maravilhosa, descobrimos essas gravações em k7 e vinil e colocamos como áudio. Era um ambiente onde o povo realmente respirava Clarice de diversas maneiras.

O que acho interessante é que hoje a Casa tem um desafio muito grande, não é à toa que em algumas gestões são registradas verdadeiras lacunas (...) sua memória e registro.

Como é que você sobrevive depois do advento de CCBB, do Instituto Moreira Sales? Como você sobrevive a isso? Eu acredito que a casa ainda está buscando um caminho perfilhado como um espaço para o que ela tem de novo. Qual a marca da casa? Ela vem se perdendo em relação ao seu conceito original, mas eu acredito que ao longo do tempo ela reencontre seu norte, norte esse que passa pelo Salão Carioca de Humor, que continue abrigando peças interessantes, que traga a música de novo para seu espaço que é uma linguagem que casa perdeu.

Você tinha um público muito cativo e tinha uma preocupação com a vanguarda, de receber grupos que estavam saindo das universidades, garagem, guetos e entrando no espaço profissional. Inimigos do Rei têm várias passagens pelo Laura Alvim. Música no porão era uma atividade fantástica. A proposta era você ter ali, um espaço pequeno, mas que levava a questão profissional a sério, mostrar o que não era visto no rádio, só em espaços alternativos (...). O público prestigiava, quem não conhecia passava a conhecer. Apresentavam-se no porão e dois meses depois gravando disco. Isso era uma coisa muito interessante na casa.

É o grande desafio avaliar o que mudou. Logicamente a cultura é uma coisa muito dinâmica, mas o original da casa foi diluído, perdeu algumas linguagens artísticas. Era um espaço nobre, isso foi se perdendo, como enfrentar essa saudável competitividade CCBB, por exemplo. (...). Uma casa de cultura na zona sul, já provou ao longo desses anos que ela abrigaria diversos públicos.

(...). Eu louvo qualquer tipo de iniciativa que faça a casa recuperar sua ideia de centro cultural, seu rumo original, de ser antenada, flexível. Que possa a partir de sua programação atrair público além túnel. (...)

Eventos temáticos que reuniam todas as áreas, uma associação de amigos extremamente apaixonada pela casa. Infelizmente as pessoas que passaram pela casa, algumas com mais talento, outras com menos, não conseguiram associar essas personalidades que passaram pela associação nos seus primórdios, por isso tudo foi diluindo e foi se perdendo.

Hoje em dia ela possui um acervo invejado que é uma pena que esse acervo não esteja a mostra. Teve lá, numa época, um evento que foi proposto pela Associação de Amigos, esse evento reuniu artistas contemporâneos brasileiros. Fizemos um evento onde esses artistas foram convidados a retratar a Guerra da Bastilha e a Revolução Francesa. Isso foi posto para esses pintores e cada um reproduziu nas telas o que essas revoluções representavam. Foi uma mostra muito bonita e é um acervo muito bonito que a casa acumula ao longo desse período, em especial a galeria, que tinha muita sensibilidade (...). A galeria tinha um calendário que privilegiava os grandes nomes das artes plásticas, com exposições feitas para a Casa de Cultura Laura Alvim, para aquela galeria e tinha uma amostra de uma cooperativa, de uma associação de artesãos lá do interior de Pernambuco com uma linguagem de terra cota lindíssima. Então essa galeria que fica de frente para praia de Ipanema, num endereço maravilhoso tinha essa sensibilidade, de mostrar o todo, você se deparava com painéis do que estava sendo feito naquele ano, naquele período.

Com as entrevistas feitas sobre Laura, a gente sempre observou que as pessoas ajudavam a manter essa personalidade um pouco nebulosa, como se ela fosse um personagem que você não pudesse desvendar, não pode deixar tudo muito claro.

Prof. Darcy gostou de chamá-la de grande musa dark do Rio de Janeiro e na verdade a gente observava muito isso marcado pela imprensa. Que ela era à frente do seu tempo, mas tudo com ar meio jocoso, falando que só usava preto, musa dark, não tomava sol, abrigava nordestinos, foi isso que ficou. As pessoas diziam na época que existia uma cidade no Nordeste onde tinha uma placa que dizia: chegando ao Rio procurar D. Laura na Vieira Souto. Falaram que tiveram acesso a D. Laura porque ela entendia que você sendo um operário, em troca de abrigo,

poderia ajudá-la a fazer aquele grande elefante branco que ela vinha fazendo quase que como uma formiga.

No período que foi doado ao Estado numa solução salvadora, porque havia especulação imobiliária muito grande. O senador Ney Suassuna, também tinha interesse para criar ali uma faculdade, teria a casa m troca de uma dívida enorme que Laura tinha com banco. Perto do testamento se concretizar havia ainda rumores que Laura tinha assinado uma doação do imóvel para ter perdão desta dívida, mas graças a Deus o Estado chegou e leia-se, a população do Rio de Janeiro ganhou.

A Laura tinha algumas visões, sacações extremamente generosas, e ao mesmo tempo uma pessoa de opinião, em termos artísticos, rigorosos, ao ponto de você ouvir atrizes e atores que ensaiavam lá - quem nos contou na época foi à própria Marília Pêra - que Laura assistia aos ensaios e certa vez chegou para uma atriz e falou: - Isso aí você pode continuar ensaiando, mas nunca que vai apresentar no meu teatro. Ela não era afeita a espetáculo de comédia, humoradas, só gostava do clássico.

Teve uma entrevista que fiz com um senhor que residia no Leme e foi uma grande paixão de Laura e que nunca conseguiram concretizar essa paixão, de viverem juntos. Apaixonado por cavalos, tinha uma hípica como sua rotina e Laura se apaixonou por ele. Ele falava na entrevista, com esse aspecto de deixar tudo meio nebuloso na penumbra, falava da Laura de maneira carinhosa, dizia que era muito alegre e uma de suas características era saber receber bem seus amigos, ela gostava, não era em profusão, mas seus amigos ela sabia e gostava de recebê-los.



Anexo 2: Testamento feito por Laura Alvim em favor da Sociedade Cultural Laura Agostini Alvim em 26 de fevereiro de 1981, reproduzido do processo nº3.985, página 67 a 69.

PODER JUDICIÁRIO
Estado do Rio de Janeiro Comarca da Capital
2º OFÍCIO DE NOTAS
ORVY NÓBREGA TABELIÃO
Rua do Rosário, 133 TEL: 252-7922

CERTIDÃO

LIVRO 3451
FOLHA 36vº
A T O 35.-

TESTAMENTO Público
que faz a Sra. LAURA AGOSTINI DE VILLALBA ALVIM, na forma abaixo: .X.X.X.X.X.X.X.X.X.X

S. A I B A N quantos virem este instrumento de testamento público, que no ano de mil novecentos e oitenta e um, aos vinte e seis dias do mes de Fevereiro, nesta cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro, na Av. Vieira Souto nº 170, onde a chamado compareci, e ai perante mim Tabelião Eros Magalhães de Nello Vianna, do 2º Ofício de Notas, que se encontra instalado à Rua do Rosário 133, compareceu como testadora --- LAURA AGOSTINI DE VILLALBA ALVIM, brasileira, solteira, de prendas do lar, residente no mesmo endereço onde compareci, - portadora da carteira de identidade nº 741.103 de 20 de julho de 1943, expedida pelo Instituto Felix Pacheco, e inscrita no C.P.F. sob o nº 239.663.787-87, sendo reconhecida como a própria pelas cinco testemunhas abaixo nomeadas, qualificadas e assinadas, e por mim Tabelião, do que dou fé, e as testemunhas também minhas conhecidas e que a testadora se acha no seu perfeito juízo e entendimento, e no pleno uso e gozo de suas fac-



faculdades mentais e de intelligencia, segundo o meu parecer, e o das mesmas testemunhas, do que igualmente dou fé. E, perante as aludidas testemunhas, pela referida testadora, na lingua nacional, me foi dito que de sua livre e espontânea vontade e sem constrangimento ou coação de natureza alguma, tinha resolvido fazer sem público e solene testamento pela forma seguinte: 1º) Declara ela testadora, que é natural desta cidade do Rio de Janeiro, tendo nascida no dia 02 de novembro de 1906; é filha de Alvaro Freire Villalba Alvim e de D. Laura Palha Agostini Alvim, já falecidos; 2º) que, não possui herdeiros necessários, quer decedentes, quer ascendentes, em razão do que pode livremente dispor da totalidade de seu patrimônio; 3º) que, lega os bens imóveis de sua propriedade, notadamente, a prédio da Av. Vieira Souto nº 176, antigo 1148, e antes 64, e respectivo terreno, medindo 20,00m de frente, por 51,40m de extensão, adquirido de Laura Palha Agostini Alvim, viuva, conforme escritura de doação, de 15 de março de 1909, lavrada nas Notas do 20º Offício, devidamente transcrita no Cartório do 5º Offício de Registro de Imóveis no Lº 3-AT, às fls. 184, sob o nº 25.272; como também, o direito e ação ora existente, sobre bens, da mesma natureza ou que existirem, ao tempo de seu falecimento, a instituição sem finalidades economicas, que idealizou e fundou, denominada SOCIEDADE CULTURAL LAURA AGOSTINI ALVIM, com sede, no referido prédio, cujos atos constitutivos se encontram arquivados no Registro Civil das Pessoas Jurídicas desta cidade, sob o nº 62.334 do livro A-22, e do Protocolo nº 215.346 do livro A-19, em 16 de fevereiro de 1901; 4º) que, as presentes disposições testamentárias atendem a sua vontade, testa-



folhas 2.--.

testadora, tendo em vista o escape da pessoa jurídica que --
contemplou; 5ª) declara, também ela testadora que deseja e
quer que fique constando como transcrição neste testamento,
o laudo médico dos Drs. Ibraim Jorge e Waldemar Coutinho Du-
tra, que medicou, para fazer parte integrante deste testamen-
to o que ficou registrado nestas Notas e arquivado, e passan-
do a ditar-me a mesma: Convidados para examinarmos a Srta. (
Laura Agostini de Villalba Alvin, nos dirigimos para av. Vi-
cira Souto 176, uma residencia senhoria de aspecto, guardan-
do o tempo de sua construção, sem que na verdade pudesse ter
sofrido uma reforma para melhor a conservação. Identificação
mulher de 75 anos, que se apresenta cuidada, inclusive, com
a maquilage feita, exibindo um rabe bordeau, o vistindo-se
em nossa presença com uma postura nobre e, que de pronto sin-
toniza com os peritos mostrando-se falante e exuberante ges-
ticulação propria ao tema abordado antecedentes hereditários
Pais falecidos, eram três irmãos, duas de sexo feminino e um
de sexo masculino, os dois irmãos, uma irmã e um irmão este
tambem falecido, a irmã após se desquitar ensinava: Negapsi-
capatias nos familiares. Antecedentes pessoais - as doenças
proprias da infância sem complicações na sua evolução. A his-
tória atual, mulher branca, com 75 anos de idade, nascida em
2 de novembro de 1906. Os exames clínicos da mesma a infor-
mam perfeita normalidade, seja no aparelho inspiratorio e
seja no coração vascular - (P.A. 147 x 8.70) - exame psi-
co - falante ela faz um relato retrospectivo com detalhes
de sua vida e de seus familiares, dando ênfase a figura de
seu progenitor, o médico Alvaro Pereira de Villalba Alvin, --



Alvim, mais conhecido por Alvaro Alvim, cujo nome, a cidade do Rio de Janeiro já o homenageara, dando a uma das ruas -- desta capital o seu nome. A mansão em que vive pela sua localização, tem uma valorização enorme no momento atual, mas fugindo ao leilão de ofertas para compra, ela prefere viver uma vida modesta mas conserva o lar aonde vive desde os --- três anos de idade. Informa que ali almoçou Rui Barbosa, advogado de seu pai, que por sua vez era o médico assistente; ali também se hospedara Mme. Curie (com relato feitos nos -- jornais da época). Ela vive em fetiche a figura de seu pai e tal a sua admiração, por ele que renunciando a postura representada pelo imóvel que reside, quer perpetuar a sua memória criando, ali um Centro Cultural Alvaro Alvim, para -- preservação da cultura brasileira. Critica as gafeiras, as boites e o "modus vivendi" de muitas brasileiras no mundo atual completamente despreocupadas com a memória cultural da família brasileira. É digno de Registro sua decisão pela maneira que ela representa querendo ao perpetuar o nome de seu progenitor e dar a cidade uma joia cultural ao amanhã - deste País. Conclusão - mulher lúcida, consciente que não -- se poupa na tentativa de tornar realidade o sonho que ha muito acalenta e para a qual não mede sacrifício. É digna de -- ologio tanto despreendimento e tanta indiferença pela postura. A examinada está em pleno gozo de seus direitos, podendo testar e decidir dos fatos que lhe são pertinentes. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1981 - Dr. Ibrahim Jorge, Dr. Waldemar Coutinho Dutra; 52) declara ela testadora que, ainda com referência a clausula 3ª deste testamento, com relação ao legado ali, determinado quer mais que no mesmo fique



folhas 3.-.

fique também compreendido com o imóvel todos objetos móveis, utensílios e demais pertences que guarnecem o mesmo; 6ª) que o presente testamento revoga todo e qualquer outro anterior; 7ª) que nomeia inventariantes e testamentários, para servir: um na falta do outro, dando-os por abonados em Juízo ou fora dele, independentemente, de caução, em primeiro lugar o Dr. Rogerio Alvaro Sura de Castro, brasileiro, separado judicialmente, advogado, domiciliado nesta cidade, onde reside na Rua Dias da Rocha nº 45, aptª 1501, e em segundo lugar Ney Robinson Suassuna, brasileiro, viúvo, professor, residente a Rua Farne de Amocdo nº 27, aptª 501, e em terceiro lugar João Pessoa de Albuquerque, brasileiro, casado, empresário, residente Av. Borge de Medeiros 3265, aptª 301, e marca o prazo legal para a conclusão deste testamento. Finalmente pela testadora foi declarado que pedia e rogava as Justiças do País a inteiro cumprimento destas suas disposições de última vontade, que dá por boa, firmes e valiosas e a mim Tabelião que a tomasse em minhas Notas, aprovando-as como as aprovo na melhor forma de direito. Foram testemunhas presentes no ato do este ato do que dou fé: George Eduardo de Moraes, brasileiro, solteiro, estudante, residente à Av. II, Senhora de Fátima nº 93, aptª 601; João Manoel Lima de Farias, brasileiro solteiro, estudante, residente na Av. Rui Barbosa nº 702, aptª 702; Adilson Vianna, brasileiro, casado, comerciante, residente na Rua Azaleias nº 316, aptª 302; Aldemyr de Honores, brasileiro, divorciado, corretor, residente na Av. Conde de Albuquerque 769, aptª 1202; Pedro Braga, brasileiro, casado, advogado, residente na Rua Uruguaí, 321, casa nº 6; todas na



maiores e minhas conhecidas, e que assinam a presente testa-
 mento depois da leitura do mesmo, a testadora, e as testemu-
 nias, feita por mim Tabelião em voz alta e clara, o que por-
 to por fô, bem como de haverem sido ato continuo, todas as -
 formalidades legais acima enumeradas, inclusive de que envia-
 rei nota deste ao competente distribuidor. Não há incidência
 de Taxa Judiciária, na forma da lei. Certifico que as custas
 da presente ato, no valor de Cr\$1.346,00 - Tabela VIII, nº -
 13, foram depositadas no Banerj, Agência 264, autenticação -
 mecânica nº 022, ~~CONFERE COM O ORIGINAL~~ Lros Magalhães de Mello Vianna, Tabelião
 que a lavrei, li, escrevi e a subscrevi em público e raso.-
 (ASS).- LAURA AGOSTINI DE VILLALBA ALVIM.- GEORGE EDUARDO DE
 NOROES.- JOÃO MARCEL LIMA DE FARIAS.- ADILSON VIANNA.- ALDE-
 MYR DE MENEZES.- PEDRO BRAGA.- C E R T I F I C A D A A hoje,
 Rio de Janeiro, RJ, 21 de maio de 1985.- Eu Paulo R. S. Ramos (Paulo R.
 S. Ramos, auxiliar contratado) a datilografei e conferei.-
 E eu Paulo R. S. Ramos que a subscrevo e assino.-

~~CONFERE COM O ORIGINAL~~

JUIZO DE DIREITO
 DA 15ª VARA CÍVEL
 JORGE RIBEIRO PEREIRA
 ESCRIVÃO - MATR. 01-8108
 PAULO NOGUEIRA GESTA
 SUBSTITUTO-MATR. 01-8108



Anexo 3: Testamento feito por Laura Alvim em favor da FUNARJ em 18 de outubro de 1983. Reproduzido do processo 3.985, página 19 a 22.

Doc. 1


 ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 PODER JUDICIÁRIO
 COMARCA DA CAPITAL
22.º OFÍCIO DE NOTAS
TABELIÃO BALBINO

MATRIZ:
 Rua Senador Dantas, 84 - Loja C - Tel. PBX* 240-4482
 Sucursal Tijuca:
 Avenida Maracanã, 1015 - Loja A
 Esquina de Pinto de Figueiredo
 Telefone 288-7048
 Sucursal Vicente de Carvalho:
 Estrada Vicente de Carvalho, 1450
 Lojas F e G - Telefone 391-8754

RIO DE JANEIRO

Tabelião - Dr. Edvard Carvalho Balbino

CERTIDÃO

ESCRITURA DE
TESTAMENTO PÚBLICO

OUTORGANTE
LAURA AGOSTINI DE VILLALBA ALVIM

OUTORGADO

INTERVENIENTE

LIVRO	FOLHAS	ATO N.º	DATA
2.000	133v.	077	18.10.1983

"ARQUIVO EM CASA FORTE"



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PODER JUDICIÁRIO
COMARCA DA CAPITAL

22.º OFÍCIO DE NOTAS — TABELIÃO BALBINO

Matriz: Rua Senador Dantas, 84 - Loja C

Suc. Vicente Carvalho - Est. Vicente Carvalho, 1450 Lojas F/G - Vicente de Carvalho

Suc. Tijuca - Av. Maracanã, 1015-A (Esq. da Rua Pinto de Figueiredo) - Tijuca

TABELIÃO: Dr. EDVARD CARVALHO BALBINO

SUBSTITUTO: Dr. PERIANDRO ALVES BALBINO

Livro 2.000

Fls. 133v

Ato 077

TESTAMENTO PÚBLICO que faz D. LAURA

AGOSTINI DE VILLALBA ALVIN, na for-

ma abaixo: -.-.-.-.-

B A I B A M quantos virem o presen-

te instrumento público de testamento que, aos dezoito dias do mês de outubro do ano de mil e novecentos e oitenta e três, nesta Cidade do Rio de Janeiro, Capital do Estado do Rio de Janeiro, República Federativa do Brasil, na Avenida Vieira Souto, nº 176, onde a chamado vis o, perante mim, Bacharel EDVARD CARVALHO BALBINO, Tabelião do 22º Ofício de Notas, compareceu, como testadora, a senhora LAURA AGOSTINI DE VILLALBA ALVIN, brasileira, solteira, maior, proprietária, domiciliada nesta Cidade, onde reside na Avenida Vieira Souto, nº 176, portadora da carteira do IFF, registro 741.103, expedida em 20 de julho de 1943, e do CPF nº 239.663.787/87, reconhecida como a própria pelas cinco testemunhas idôneas, adiante nomeadas, qualificadas e assinadas, estas minhas conhecidas e que me foram especialmente apresentadas para este ato, do que dou fé, bem como de que o presente instrumento será anotado no competente Distribuidor, na forma da Lei. E, perante essas mesmas testemunhas, pela testadora, senhora Laura Agostini de Villalba Alvin, que se acha no seu perfeito juízo e no gozo pleno de suas faculdades mentais, segundo o meu e o parecer das testemunhas e livre de todo e qualquer induzimento ou coação, foi-me dito, na língua nacional, que de sua livre e espontânea vontade, resolveu fazer este seu testamento e disposições de última vontade, revogatório de qualquer outro anterior, especialmente o lavrado nas Notas do 2º Ofício desta Cidade em 26 de fevereiro de 1981, Livro 3451, fls. 36v9, como de fato, pelo presente instrumento e na melhor forma de direito, ora o faz, declarando-me o seguintes 1º) - que nasceu nesta Cidade, na Rua Volun



Voluntários da Pátria, no dia 02 de novembro de 1906, sendo filha de Alvaro Freire de Villalba Alvim e de D. Laura Palha Agostini Alvim, já falecidos; 2º) - que é solteira e não tem filhos; 3º) - que não tendo herdeiros necessários, a testadora lega o prédio da Avenida Vieira Souto, nº 176, e respectivo terreno, à FUNARJ - FUNDAÇÃO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO; 4º) - que a legatária FUNARJ, fica obrigada e se responsabilizará pela manutenção do Centro Cultural em prédio já construído pela testadora, com seus recursos próprios, no mesmo terreno do nº 176 da Av. Vieira Souto, para construção e instalação de um Museu, que será denominado "Casa de Alvaro Alvim", e se localizará na antiga residência de 3 (três) pavimentos, o qual será aberto à visitação pública após a morte dela, testadora, destinado a immortalizar a memória do cientista Alvaro Alvim; 5º) - Na parte dos fundos do prédio da Av. Vieira Souto, nº 176, está construído o "Centro de Artes Angelo Agostini", local onde a FUNARJ realizará exposições de pinturas e esculturas; existe galeria de arte e cinemateca e teatro, os quais serão, também, programados pela FUNARJ, com apresentação de peças teatrais de alto nível, recitais de música erudita, cinema, balé e conferências; 6º) - que a testadora, lega, ainda, à FUNARJ, tudo que exista, portas adentro, no prédio 176 da Avenida Vieira Souto; 7º) - que nomeia seus testamentários e inventariantes, um na falta do outro, na ordem em que vão indicados: à sua irmã, MARIANA AGOSTINI DE VILLALBA ALVIM, ao Professor DARCY RIBEIRO, brasileiro, separado, Vice-Governador do Estado do Rio de Janeiro, residente nesta Cidade, e a atriz ARLETE PINHEIRO MONTIHO TORRES, que se assina artisticamente FERNANDA MONTIHO TORRES, brasileira, casada, domiciliada nesta Cidade, dando-os por abonados em Juízo ou fora dele, independentemente de prestação de fiança ou caução. Disse, finalmente que, por esta forma, tem por feito seu testamento e disposições de última vontade e roga à Justiça do País dê ao mesmo inteiro e fiel cumprimento, tanto quanto em di-

